

VANDERLEI GIANASTACIO

A presença dos sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata e sua abrangência semântica e aspectual  
Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo para obtenção do título de Doutor em  
Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua  
Portuguesa

Orientadora:

---

De acordo: Profa. Dra. Valéria Gil Condé

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Vanderlei Gianastacio

**A presença dos sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata e sua abrangência semântica e aspectual**  
**Versão corrigida**

São Paulo  
2014

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Gianastacio, Vanderlei  
G433p A presença dos sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata e sua abrangência semântica e aspectual / Vanderlei Gianastacio; orientadora Dra. Valéria Gil Conde. – São Paulo, 2014.  
175 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Morfologia. 2. Verbo. 3. Sufixo. 4. Derivação. 5. Aspecto. I. Conde, Dra. Valéria Gil, orient. II. Título.

Nome: GIANASTACIO, Vanderlei

Título: A presença dos sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata e sua abrangência semântica e aspectual

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

A minha filha Beatriz Yurie Kakugawa Gianastacio que respeitou os meus momentos de pesquisa, aguardando-me para passear.

A minha esposa Rosemeri Harumi Kakugawa Gianastacio que, com paciência, amor, carinho, compreensão auxiliou-me para que eu conseguisse concluir esta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

À condescendência daqueles que contribuíram para a consolidação desta pesquisa:

A Deus, pela vida, saúde e oportunidade de estudar.

A minha orientadora e amiga, Dra. Valéria Gil Condé que, com paciência e sabedoria, apontou as direções para que esta pesquisa fosse realizada.

Ao Dr. Mário Eduardo Viaro que me auxiliou a isolar, na Vulgata, os vocábulos com os sufixos estudados.

Aos docentes, Profa. Dra. Marli Quadros Leite e Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, cuja participação no exame de qualificação trouxe sugestões relevantes e importantes para essa pesquisa.

Ao professor de línguas grega e hebraica, José Furtado Fernandes Filho, que me auxiliou na pesquisa das palavras de língua grega.

À amiga Nilsa Areán-Garcia por suas informações e indicações de obras para esta pesquisa.

À professora Dra. Vera Mascarenhas de Campos que me auxiliou na revisão do português e do conteúdo da tese.

Ao professor Dr. Jonas Machado, que me auxiliou na pesquisa das palavras de língua grega.

Ao Dr. Landon Jones que me ajudou com os textos de língua inglesa.

A minha amiga Dra. Solange Solange Peixe Pinheiro de Carvalho que me auxiliou com os textos de língua francesa.

Ao professor Dr. Ricardo da Cunha Lima, que me auxiliou a isolar os verbos, na Vulgata, com os sufixos estudados.

Aos meus pais, sogros e familiares que sempre me apoiaram nestes estudos.

Ao diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Dr. Lourenço Stelio Rega, que permitiu meu isolamento para pesquisa.

## RESUMO

GIANASTACIO, Vanderlei. *A presença dos sufixos -sc- e -iz- na Vulgata e sua abrangência semântica e aspectual*. 2014. 175 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta pesquisa tem o objetivo de entender os valores semânticos dos sufixos *-sc-* e *-iz-* nos verbos encontrados na Vulgata, num estudo sincrônico e diacrônico, considerando as informações etimológicas e avaliando a formação desses verbos nas diversas categorias. Para uma melhor compreensão dos sufixos *-sc-* e *-iz-*, observou-se sua utilização na língua grega e, a partir desta, a sua transição para o latim, o que resultou no processo de formação de palavras nesse idioma. Consideram-se os verbos, com ambos os sufixos na língua grega, e o uso deles na língua latina, ora formando novos verbos no latim, ora sendo transliterados, do grego para o latim. Além da Vulgata, o *Dictionnaire Illustré Latin Français* de Félix Gaffiot também é *corpus* para esta pesquisa a fim de perceber se os sufixos pesquisados formaram novos verbos no latim pós-clássico. Nesta comparação de *corpora*, pode-se notar a ausência da Vulgata nas referências dos verbos, com sufixo *-sc-* e *-iz-*, mencionado por Gaffiot. Propõe-se também nesta pesquisa, observar as assertivas dos gramáticos e linguistas quanto aos verbos produzidos com esses sufixos. Tais afirmações estão relacionadas com a semanticidade e características dos verbos, observando-se os seus aspectos, além de informar em qual período eles foram produtivos. Em suma, este estudo destina-se a considerar a Vulgata, visto que a maioria dos pesquisadores a desconsidera, produzindo conclusões divergentes quanto ao uso dos sufixos estudados nesta pesquisa. A prefixação dos verbos que utilizam o sufixo *-sc-* é fato que se avalia, porque as sugestões dos estudiosos dessa área propõem datas a aspecto da produção verbal. Finalmente, observou-se que os verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* estão presentes nas construções de perífrases na Vulgata, divergindo em suas construções em relação à conjugação dos verbos utilizados.

Palavras-chave: gramática, verbo, aspecto, derivação, morfologia histórica, sufixos derivativos, perífrases.



## ABSTRACT

GIANATAÇIO, Vanderlei. *The presence of the suffixes -sc- and -iz- in the Vulgate and their semantic scope and aspect*. 2014. 192 p. Doctoral Thesis. College of Philosophy, Language, and Humanities, São Paulo University, São Paulo, 2014.

The purpose of this research is to understand by means of a synchronic and diachronic study the semantic values of the suffixes *-sc-* and *-iz-* in the verbs found in the Vulgate, considering etymological information and evaluating the formation of these verbs in their diverse categories. In order to comprehend better the *-sc-* and *-iz-* suffixes, their use in the Greek language it will be observed, and from this, their transition into Latin which resulted in the process of the formation of words in that language. Verbs with both suffixes in Greek and their use in Latin will be considered, at times forming new verbs in Latin, at times being transliterated from Greek into Latin. Beside the Vulgate, the *Dictionnaire Illustré Latin Français* by Felix Gaffiot serves as material for research in order to see if the suffixes studied formed new verbs in post-classic Latin. In the comparison of the material, the absence of references to the Vulgate of the verbs with the *-sc-* and *-iz-* suffixes mentioned by Gaffiot can be noted. The research also proposes to investigate assertions of grammarians and linguists about verbs formed with these suffixes. Those affirmations are related to the semanticity and the grammaticality of the verbs, noting its aspects, in addition to indicating in which period they were productive. As such, this study has the goal of considering the Vulgate in the production of divergent conclusions about the use of the suffixes studied in this research, since the majority of researchers do not consider it. The prefixion of the verbs that use the suffix *-sc-* is evaluated because suggestions from scholars in this area propose dates with respect to verbal production. Finally, it was seen that verbs with the suffixes *-sc-* and *-iz-* are present in the construction of periphrases in the Vulgate, differing in their constructions with respect to the conjugation of the verbs used.

Key words: grammar, verb, aspect, derivation, historical morphology, derived suffixes, periphrases

## LISTA DE TABELAS

### CAPÍTULO 1

Tabela 1.1 A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo <i>-sc-</i> , segundo Félix Gaffiot	42
Tabela 1.2 A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo <i>-sc-</i> , segundo Félix Gaffiot	44
Tabela 1.3 A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo <i>-iz-</i> , segundo Félix Gaffiot	46
Tabela 1.4 A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo <i>-iz-</i> , segundo Félix Gaffiot	47

### CAPÍTULO 2

Tabela 2.1 Verbos com sufixos <i>-asco</i> , <i>-esco</i> e <i>-isco</i> na Vulgata	65
---	----

### CAPÍTULO 3

Tabela 3.1 A presença de verbos parassintéticos e não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	71
Tabela 3.2 A transitividade dos verbos não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	72
Tabela 3.3 O aspecto dos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	75

Tabela 3.4 A derivação dos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	78
Tabela 3.5 Quantidade e classificação por aspecto dos trinta e cinco (35) verbos deverbais, não parassintéticos e intransitivos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	81
Tabela 3.6 Quantidade e classificação por aspecto dos vinte e dois (22) verbos denominais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	83
Tabela 3.7 A conjugação dos verbos intransitivos deverbais não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	85
Tabela 3.8 Conjugação dos verbos intransitivos denominais não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	87
Tabela 3.9 Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de terceira conjugação, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	90
Tabela 3.10 Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de segunda conjugação, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	92
Tabela 3.11 Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, denominais de terceira conjugação, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	94
Tabela 3.12 A presença do supino nos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	97
Tabela 3.13 A classificação aspectual dos verbos com supino, intransitivos, não parassintéticos e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	99
Tabela 3.14 Verbos parassintéticos, intransitivos, com supino distribuídos entre os deverbais e os denominais, segundo seus aspectos	102

## CAPÍTULO 4

Tabela 4.1	Prefixos nos verbos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	109
Tabela 4.2	Ocorrências de verbos prefixados com sufixo <i>-sc-</i> no latim arcaico e clássico, segundo Haverling	110
Tabela 4.3	Ocorrências de verbos prefixados e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	111
Tabela 4.4	Ocorrências de verbos prefixados, intransitivos e transitivos, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	114
Tabela 4.5	Ocorrências de verbos deverbais e denominais prefixados e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	116
Tabela 4.6	Prefixos nos verbos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	119
Tabela 4.7	A derivação dos verbos prefixados, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata e seus aspectos	120
Tabela 4.8	Conjugação dos verbos deverbais, prefixados e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata, conforme seus aspectos	124
Tabela 4.9	Conjugação dos verbos denominais, derivados de substantivos, prefixados, formados com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata, conforme seus aspectos	125
Tabela 4.10	Conjugação dos verbos denominais, derivados de adjetivos, prefixados, formados com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata, conforme seus aspectos	125
Tabela 4.11	A presença do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo <i>-sc-</i> e seus aspectos	127
Tabela 4.12	A presença do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo <i>-sc-</i> e suas derivações	128
Tabela 4.13	A transitividade dos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo <i>-sc-</i>	129
Tabela 4.14	A dinamicidade dos verbos prefixados e formados com o sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	131
Tabela 4.15	A dinamicidade dos verbos prefixados, formados com o sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata, e seus aspectos	132

## CAPÍTULO 5

Tabela 5.1 Ocorrências de verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata 140

Tabela 5.2 Aspecto dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata 141

## CAPÍTULO 7

Tabela 7.1 Número de ocorrências de verbos com sufixo  
*-sc-* na Vulgata que formam perífrase com o verbo *faciō* 157

Tabela 7.2 A conjugação dos verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata  
usados na construção das perífrases 159

Tabela 7.3 A conjugação dos verbos usados na construção  
das perífrases na língua portuguesa 160

Tabela 7.4 Número de ocorrências de verbos com sufixo *-iz-*  
na Vulgata que formam perífrase 162

Tabela 7.5 Número de ocorrências dos verbos auxiliares que  
formam perífrases ao lado dos verbos com  
sufixo *-iz-* na Vulgata 163

## LISTA DE GRÁFICOS

### CAPÍTULO 1

- Gráfico 1.1 A ocorrência (em porcentagem) de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-sc-*, segundo Félix Gaffiot 43
- Gráfico 1.2 A ocorrência (em porcentagem) de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-iz-*, segundo Félix Gaffiot 46
- Gráfico 1.3 A ocorrência (em porcentagem) de autores apresentados por Félix Gaffiot referindo-se aos verbos com sufixo *-iz-* 48

### CAPÍTULO 2

- Gráfico 2.1 A presença (porcentagem) de verbos com sufixos *-asco*, *-esco* e *-isco* na Vulgata 65

### CAPÍTULO 3

- Gráfico 3.1 A presença (porcentagem) de verbos parassintéticos e não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata 71
- Gráfico 3.2 A transitividade dos verbos não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata (porcentagem) 72
- Gráfico 3.3 O aspecto dos verbos intransitivos não parassintéticos (porcentagem) com sufixo *-sc-* na Vulgata 75

Gráfico 3.4	A derivação (porcentagem) dos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	79
Gráfico 3.5	Quantidade (porcentagem) e classificação por aspecto dos trinta e cinco (35) verbos deverbais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	81
Gráfico 3.6	Quantidade (porcentagem) e classificação por aspecto dos vinte e dois (22) verbos denominais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	83
Gráfico 3.7	A conjugação (porcentagem) dos verbos intransitivos deverbais não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	85
Gráfico 3.8	A conjugação (porcentagem) dos verbos intransitivos denominais não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	87
Gráfico 3.9	Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de terceira conjugação, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	91
Gráfico 3.10	Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de segunda conjugação, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	92
Gráfico 3.11	Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, denominais de terceira conjugação, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	94
Gráfico 3.12	A presença do supino nos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	98

Gráfico 3.13 A classificação (porcentagem) aspectual dos verbos com supino, intransitivos, não parassintéticos e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	100
CAPÍTULO 4	
Gráfico 4.1 A presença (porcentagem) dos prefixos nos verbos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	109
Gráfico 4.2 A presença (porcentagem) dos verbos prefixados com sufixo <i>-sc-</i> no latim arcaico e clássico	111
Gráfico 4.3 A presença (porcentagem) dos verbos prefixados e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	111
Gráfico 4.4 A presença (porcentagem) dos verbos prefixados, intransitivos e transitivos, com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	115
Gráfico 4.5 A presença (porcentagem) dos verbos deverbais e denominais prefixados e com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	116
Gráfico 4.6 A presença (porcentagem) do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo <i>-sc-</i> e seus aspectos	127
Gráfico 4.7 A presença (porcentagem) do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo <i>-sc-</i> e suas derivações	128
Gráfico 4.8 A transitividade (porcentagem) dos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo <i>-sc-</i>	129



Gráfico 4.9 A dinamicidade (porcentagem) dos verbos prefixados e formados com o sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata	132
---	-----

## CAPÍTULO 5

Gráfico 5.1 A presença (porcentagem) dos verbos transitivos, intransitivos e transitivos e intransitivos, com sufixo <i>-iz-</i> na Vulgata	141
---	-----

Gráfico 5.2 Ocorrência (porcentagem) dos aspectos dos verbos com sufixo <i>-iz-</i> na Vulgata	142
--	-----

## CAPÍTULO 7

Gráfico 7.1 A quantidade de verbos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata que formam perífrase com o verbo <i>faciō</i>	157
--	-----

Gráfico 7.2 A conjugação (em porcentagem) dos verbos com sufixo <i>-sc-</i> na Vulgata usados na construção das perífrases	159
--	-----

Gráfico 7.3 A conjugação (em porcentagem) dos verbos usados na construção das perífrases na língua portuguesa	160
---	-----

Gráfico 7.4 Número de ocorrências (em porcentagem) de verbos com sufixo <i>-iz-</i> na Vulgata que formam perífrase	162
---	-----

Gráfico 7.5 Número de ocorrências (em porcentagem) dos verbos auxiliares que formam perífrases ao lado dos verbos com sufixo <i>-iz-</i> na Vulgata	164
---	-----

**LISTA DE SIGLAS**

**DELP** - FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*

**DHLP** - HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

**DLP** – TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>1 CORPUS VULGATA</b> .....	25
1.1 Jerônimo: o tradutor.....	25
1.2 A tradução da Bíblia para o latim.....	26
1.3 O latim da Vulgata.....	31
1.4 Os sufixos <i>-sc-</i> e <i>-iz-</i> na Vulgata e no Dicionário de Félix Gaffiot.....	36
<b>2 A PRESENÇA DO SUFIXO <i>-SC-</i> NA VULGATA E O SEU CONCEITO NAS GRAMÁTICAS LATINAS</b> .....	49
2.1 O sufixo <i>-σκ-</i> nos verbos gregos.....	50
2.2 O sufixo <i>-sc-</i> nos verbos latinos.....	54
2.3 O conceito do sufixo <i>-sc-</i> nos verbos dissílabos.....	57
2.4 O sufixo <i>-sc-</i> e seus correspondentes na Vulgata e nas obras dos linguistas.....	60
<b>3 A GRAMATICIDADE DOS VERBOS NÃO PARASSINTÉTICOS COM SUFIXO <i>-SC-</i> NA VULGATA</b> .....	69
3.1 A transitividade, conjugação, derivação, aspecto e dinamicidade dos verbos não parassintéticos.....	71
3.1.1 A transitividade dos verbos e seus aspectos.....	73
3.1.2 A transitividade dos verbos e suas derivações.....	76
3.1.3 A relação entre as derivações e aspectos dos verbos.....	79
3.1.4 A relação entre as derivações e conjugações dos verbos.....	84
3.1.5 A relação entre conjugação e aspecto dos verbos.....	89
3.1.6 Os verbos intransitivos e a presença do supino.....	94
3.1.7 Os verbos intransitivos com supino: aspectos e derivação.....	98
<b>4 VERBOS NA VULGATA COM SUFIXO <i>-SC-</i> PREFIXADOS E SUA GRAMATICIDADE</b> .....	105
4.1 Verbos prefixados na Vulgata com sufixo <i>-sc-</i> .....	105

4.2 A transitividade, conjugação, derivação e aspecto dos verbos prefixados com sufixo <i>-sc-</i> .....	113
4.2.1 A transitividade dos verbos prefixados e suas derivações.....	113
4.2.2 Os verbos prefixados e seus aspectos.....	117
4.2.3 A relação entre as derivações e aspectos dos verbos prefixados.....	120
4.2.4 A relação entre as derivações e conjugações dos verbos prefixados.....	122
4.2.5 Os verbos prefixados e a presença do supino: aspectos e derivação.....	126
4.2.6 Transitividade e dinamicidade dos verbos com sufixo <i>-sc-</i> e prefixados.....	129
<b>5 A ORIGEM DO SUFIXO <i>-IZ-</i> E SUA PRESENÇA NA VULGATA.....</b>	<b>134</b>
5.1 O sufixo <i>-ίζω</i> nos verbos gregos.....	134
5.2 O sufixo <i>-iz-</i> nos verbos latinos.....	136
5.3 A gramaticidade e semânticidade dos verbos com sufixo <i>-iz-</i> na Vulgata.....	139
5.3.1 A transitividade dos verbos e seus aspectos.....	140
5.3.2 Derivações, conjugações e a presença do supino nos verbos com sufixo <i>-iz-</i> ...	143
<b>6. ANÁLISE SEMÂNTICO-CATEGORIAL DOS SUFIXOS <i>-SC-</i> E <i>-IZ-</i> NA VULGATA, SEGUNDO O GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS.....</b>	<b>145</b>
6.1 Sufixo <i>-sc-</i> .....	145
6.1.1 Classe de ação.....	146
6.1.1.1 Valores Avaliativos.....	152
6.2 Sufixo <i>-iz-</i> .....	152
6.2.1 Classe de ação.....	152
<b>7 OS VERBOS COM SUFIXO <i>-SC-</i> E <i>-IZ-</i> NA VULGATA, À LUZ DA PERÍFRASE VERBAL, SEGUNDO TRAVAGLIA.....</b>	<b>153</b>
7.1 Travaglia e a construção das perífrases na Vulgata.....	153
7.2 Conjugação dos verbos com sufixo <i>-sc-</i> na construção das perífrases.....	158
7.3 As perífrases e a conjugação dos verbos com sufixo <i>-iz-</i> .....	161
7.4 Conjugação dos verbos auxiliares nas perífrases dos verbos com sufixo <i>-iz-</i> .....	162

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....165

**REFERÊNCIAS**.....170

## INTRODUÇÃO

A Vulgata, tradução da Bíblia para o latim, tornou-se *corpus* da presente pesquisa, por ter sido objeto de estudo durante algum tempo, dedicado não somente à Bíblia, mas também a outros assuntos relacionados à Teologia. Na Faculdade de Letras, um leque de possibilidades se abriu, quanto aos problemas da linguagem em geral, e estudos mais profundos foram possíveis, durante o Mestrado. Eles possibilitaram o surgimento de um olhar mais arguto e mais crítico quanto às construções linguísticas, empregadas no conjunto de livros da história sagrada.

Analisando-se a linguagem bíblica, em geral fruto de traduções, puderam-se notar certas particularidades, relacionadas à gramática, como um todo, e à morfologia, em particular, que despertaram interesse. Por outro lado, os estudos pós-graduados permitiram que tais observações fossem, gradativamente, se transformando numa pesquisa mais densa. Como consequência, surgiu este trabalho, nascido da aproximação entre a Vulgata, texto bíblico raramente analisado pelos linguistas, e a atividade no grupo de pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), cujo interesse se volta para a Morfologia Histórica do Português (GMHP), coordenado pelo Dr. Mário Eduardo Viaro. Após uma fecunda troca de ideias, ele sugeriu que se aprofundasse o estudo de elementos formadores de verbos: o sufixo *-sc-* e o sufixo *-iz-*, ambos presentes em verbos que compõem a linguagem da Vulgata.

Sabe-se que ambos os sufixos, utilizados em verbos da língua portuguesa, se originaram na língua grega da qual passaram para a língua latina, já tendo sido estudados por vários linguistas e gramáticos; logo, sob esse aspecto, esta pesquisa não se apresenta original. Todavia, quando se trata da Vulgata, um documento do latim pós-clássico, nota-se que esta não foi tão explorada por esses estudiosos. Por isso, ela foi escolhida como *corpus* deste trabalho cujo objetivo geral é observar se os sufixos *-sc-* e *-iz-* foram produtivos, formando novos verbos, no período pós-clássico, época em que se revelam na linguagem da Vulgata. Para compreender esse fato, optou-se por comparar a presença dos verbos, com os sufixos citados, no texto da Vulgata e no *Dictionnaire Illustré Latin Français*, de Félix Gaffiot, imaginando-se que este abrangia o léxico apenas do latim clássico. Como auxílio para encontrar-se os verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata, contou-se com o apoio do Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica do Português (GMHP).

Por meio do estudo diacrônico dos sufixos *-sc-* e *-iz-* na língua latina, foi possível observar que determinadas assertivas dos gramáticos e linguistas não eram convergentes com o que foi encontrado na Vulgata, a respeito da presença de verbos com aqueles sufixos, no

latim pós-clássico. Desta forma, surgiu como objetivo específico, nesta pesquisa, coletar as informações que gramáticos e linguistas fizeram a respeito dos verbos, formados com os sufixos *-sc-* e *-iz-*, e compará-las com a linguagem da Vulgata, a fim de descobrir se esses autores a consultaram ou não. Para uma melhor descrição, atentou-se para características dos verbos, tais como, aspecto, derivação, transitividade, prefixação e conjugação, visto que estas classificações já tinham sido exploradas pelos pesquisadores, em outros textos, e, por isso, poderiam ser verificadas também no que se refere aos verbos, com os sufixos citados, presentes na Vulgata.

Estabeleceu-se ainda como objetivo específico, entender os fenômenos percebidos, observando-se o *Dictionnaire Illustré Latin Français*, de Félix Gaffiot. Descobriu-se que todos os verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* que estão presentes na Vulgata, também estão presentes no dicionário. Por outro lado, mesmo que os verbos mencionados na Vulgata estejam presentes no dicionário, ela não é citada por Gaffiot como *corpus*, com exceção de alguns. Observando-se gramáticos e linguistas, verificou-se que nos exemplos usados por eles ao explicarem os sufixos *-sc-* e *-iz-*, a Vulgata também não é mencionada.

Justifica-se, portanto, esta pesquisa, como uma forma de se explorar mais a linguagem da Vulgata, como objeto de pesquisas linguísticas do latim, visto que as afirmações existentes a respeito dos verbos com os sufixos pesquisados são imprecisas, ou são afirmações que divergem do que foi encontrado.

Para se isolar os verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata, o Dr. Mário Eduardo Viaro explorou-a, conseguindo separar todos os versículos que continham vocábulos com os sufixos *-sc-* e *-iz-*. A próxima etapa foi a de selecionar nos versículos apenas verbos com aqueles sufixos. Encontraram-se, assim, quatrocentos e setenta e oito (478) versículos na Vulgata, contendo verbos com o sufixo *-sc-*, e cento e cinquenta e quatro (154) versículos, com verbos formados com o sufixo *-iz-*. Como os verbos repetem-se em vários versículos, por causa de suas flexões, descobriu-se que, com o sufixo *-sc-*, há sessenta e um (61) verbos. Já com o sufixo *-iz-*, há apenas dez (10).

Havia a hipótese de que o léxico presente no *Dictionnaire Illustré Latin Français*, de Félix Gaffiot abrangia apenas o latim clássico. Tal hipótese, porém, não foi confirmada, pois se notou que os verbos presentes na Vulgata, também estão presentes no dicionário de Félix Gaffiot. Logo, este dicionário não trabalha apenas com o latim clássico, mas abrange também períodos anteriores e posteriores.

Levantou-se outra hipótese: as assertivas dos gramáticos e linguistas a respeito dos verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* poderiam divergir em relação ao que se encontraria na

Vulgata. Esta hipótese foi confirmada e, para analisarem-se esses elementos formadores de palavras, considerou-se o conceito de sufixo exposto por Faria, para quem é

um elemento que se pospõe à raiz, para a formação de derivados, tornando mais preciso o valor significativo da palavra. Assim por exemplo, o sufixo *-tat*, formador de substantivos abstratos, juntado à raiz do adjetivo *uerus* ‘verdadeiro’, forma o substantivo abstrato *ueritas* ‘verdade’, qualidade do que é verdadeiro (FARIA, 1958: 51).

Para a análise das perífrases, considerou-se Travaglia como referencial teórico; ele conceitua perífrase como “qualquer aglomerado verbal em que tenhamos um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal)” (TRAVAGLIA, 2006: 161).

Com os objetivos estabelecidos, a problemática encontrada, os *corpora* estabelecidos e a metodologia aplicada, desenvolveu-se a pesquisa em sete (07) capítulos. No primeiro, foram trabalhados os *corpora* Vulgata e o *Dictionnaire Illustré Latin Français*, de Félix Gaffiot. Sendo a Vulgata um documento traduzido do hebraico e do grego para o latim por Jerônimo, procurou-se demonstrar, nesta pesquisa, que já existiam porções do Novo Testamento no norte da África e no sul da Europa em texto latino. Já o Antigo Testamento foi traduzido do hebraico para o grego e para o latim.

Ainda no primeiro capítulo, demonstrou-se a presença dos verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* em ambos os *corpora*. Nesse momento, destacaram-se os autores da literatura latina, que Félix Gaffiot utilizou em seu dicionário, a fim de apresentar por meio das obras deles a presença dos verbos com os sufixos estudados nesta pesquisa.

No segundo capítulo, trabalhou-se a origem de ambos os sufixos e sua transição do grego para o latim. Houve necessidade de se considerar a etimologia desses sufixos, porque o sufixo *-sc-* forma verbos dissílabos. Sendo assim, para se estudar o verbo *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, considerou-se como os gramáticos e linguistas abordam o sufixo *-sc-* nos verbos dissílabos, pois a maioria concorda com a presença do sufixo *-sc-* no verbo *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, aceitando a etimologia do verbo no indo-europeu, com o sufixo *-sk-*.

No terceiro capítulo, observou-se a presença dos verbos não parassintéticos e analisou-se a transitividade ou predicação deles. Além disso, observou-se, nesses verbos, aspecto, conjugação e a presença do supino nos não parassintéticos. Dessa forma, notaram-se outras características, que não foram apontadas pelos linguistas, como a relação entre aspecto e derivação, a conjugação deles e a presença ou não do supino.



No quarto capítulo, considerou-se a prefixação nos verbos com sufixo *-sc-*. Ao perceber que os verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* também são objetos de análise dos linguistas, notou-se a necessidade de verificar se o texto de Jerônimo foi considerado, no estudo da prefixação desses verbos latinos. Há, além desses, na Vulgata, verbos prefixados formados com o sufixo *-sco*. Dos sessenta e um (61) verbos encontrados com esse sufixo, trinta e cinco (35) são formados com prefixo. Na Vulgata, foram encontrados verbos com os prefixos *ad-*, *com-* ou *con-*, *de-*, *dis-*, *e-*, *ex-* ou *ē-*, *in-*, *ob-*, *per-*, *re-* ou *red-*, *sub-* e *super-*, todos eles com o sufixo *-sc-*.

No capítulo cinco, abordou-se a origem do sufixo *-iz-* e sua presença nos verbos na Vulgata. Para entender-se o seu uso ali, analisou-se não só o uso do sufixo *-ίζω* nos verbos gregos, mas também o uso do sufixo *-iz-* nos verbos latinos. A fim de compreender as características dos verbos com esse sufixo, estudou-se neles a gramaticidade e semanticidade. Assim como foram estudados, nos verbos com o sufixo *-sc-*, a transitividade, os aspectos, as derivações, conjugações e a presença do supino; tais características também foram consideradas nos verbos com sufixo *-iz-*.

No capítulo seis, esta pesquisa também visou a classificar o valor semântico dos sufixos verbais *-sc-* e *-iz-*, presentes na Vulgata, conforme o Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica do Português (GMHP). A base da análise proposta pelo GMHP é a classificação semântica dos sufixos, considerando também, a afirmação de Rio-Torto (1998: 88), segundo a qual o uso do sufixo pode ou não levar o vocábulo a sofrer uma alteração categorial.

No capítulo sete, estudaram-se as perífrases dos verbos, à luz da proposta de Travaglia (2006). Sendo assim, percebeu-se que dos quatrocentos e setenta e oito (478) versículos da Vulgata, contendo verbos com o sufixo *-sc-*, quarenta e quatro (44) apresentam perífrase. Nesses quarenta e quatro (44) versículos, treze (13) deles formam perífrases, repetindo o mesmo verbo em vários versículos.

Desta forma, esta pesquisa demonstra que a Vulgata pode ser explorada como *corpus* nas pesquisas, não só na área de Teologia, mas também, de linguística. Sendo um documento do século IV d.C. e da Igreja, nota-se a influência da língua grega em determinados vocábulos na língua latina, algo que pode corroborar com as pesquisas entre os linguistas.

## 1 *CORPUS VULGATA*

Ao observar os verbos com sufixo *-sc-* e *-iz-* na Vulgata, uma tradução para o latim do Antigo Testamento, originalmente escrito em hebraico e aramaico, e do Novo Testamento, em grego, em 396 d.C., percebeu-se a presença de elementos que não foram considerados pelos linguistas, quando fizeram afirmações a respeito desses sufixos, utilizados na língua latina, no século IV d.C.. Escrita num latim pós-clássico, a Vulgata é um texto, onde se podem encontrar informações para uma melhor compreensão do uso desses sufixos naquele período.

A fim de entender-se as inserções de vocábulos gregos na Vulgata, convém conhecer um pouco o tradutor Jerônimo, seu objetivo e os possíveis textos bíblicos trabalhados por ele - textos latinos do Novo Testamento<sup>1</sup> que prevaleciam entre os cristãos na Europa - traduzidos em regiões diferentes, não somente com influência de seus tradutores, como também do léxico latino utilizado nessas regiões.

### 1.1 Jerônimo: o tradutor

Escrevendo acerca dos tradutores na história e o envolvimento deles com a religião, Simon (2003: 177) entende que Jerônimo é um dos tradutores mais conhecido na história do Ocidente. Depois de estudar em Roma, aprimorou-se na língua hebraica e dedicou-se à produção de textos eruditos, dentre eles, um dicionário toponímico e antroponímico da Bíblia. Também organizou uma análise dos textos mais complexos do livro do Gênesis. Em Constantinopla, traduziu o Evangelho de Lucas e as homilias do Cântico dos Cânticos; seu retorno para Roma ocorreu em 382 d.C. (SIMON, 2003: 178).

Por conhecer grego, latim, hebraico, filosofia, dialética, retórica e gramática, foi convidado a trabalhar com o papa Dâmaso I como intérprete, consultor teológico e secretário de acordo com Simon. Em Belém, continuou traduzindo e encerrou a tradução do Antigo Testamento, a partir da Septuaginta, iniciando uma nova tradução veterotestamentária, a partir do hebraico. Por isso, é conhecido como o primeiro estudioso a traduzir o Antigo Testamento para o latim diretamente do original, em hebraico. Além da tradução do texto bíblico, Jerônimo produziu outras obras. Na tradução do Antigo Testamento do hebraico para o latim, Jerônimo não só considerou a cultura dos hebreus, mas também produziu obras que serviram como ferramentas para o sucesso dessa tradução. Dentre elas, considera-se a *Interpretações*

---

<sup>1</sup> Entende-se que o Novo Testamento, nesse período, estava em construção. O texto completo foi canonizado apenas no século IV d.C.

*dos nomes hebraicos*, na qual ele realiza uma pesquisa etimológica. Considera-se que a “moderna investigação linguística, contudo, mostrou que o valor delas é praticamente nulo; mas o próprio Jerônimo admitia que muitas de suas etimologias eram apenas hipotéticas” (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 387).

Ainda Moreschini e Norelli afirmam que Jerônimo desenvolveu uma interpretação do livro do Gênesis sem alegorias, com auxílio dos rabinos, quando estava na Palestina. As traduções alegóricas eram algo comum em sua época, mesmo em livros históricos. Em 406 d.C., Jerônimo trabalhou com o Antigo Testamento sem os apócrifos, já a Igreja, por sua vez, aceitara os livros deuterocanônicos, visto que utilizavam os textos alexandrinos, pois, além do fato de que estavam na língua grega, também estavam “espalhados em todo mundo greco-romano” (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 387).

O próprio Jerônimo afirmava que ele não tinha total conhecimento do assunto para realizar a tradução do Antigo Testamento e, por isso, precisava do auxílio dos judeus. Por aquele motivo, orgulhava-se, porque fizera uma tradução fiel ao texto hebraico. Em sua época, o conceito de tradução estava relacionado com paráfrase, pois não era do interesse do tradutor ser apenas intérprete; queria demonstrar a autonomia do seu trabalho. Jerônimo entendia que não era necessário traduzir literalmente, visto que se precisava considerar o contexto do assunto abordado na obra. Cícero, por exemplo, recorria a essa prática. Isso não significa que Jerônimo não trabalhasse com a tradução literal, apenas entendia que uma tradução extremamente literal poderia ser prejudicial ao texto. Quanto aos escritos bíblicos, Jerônimo sempre procurava ser fiel ao texto original, entendendo os perigos da tradução literal (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 387).

Percebe-se o cuidado de Jerônimo nas traduções, quando ele tentou organizar um comentário do profeta Abdias. Ao observar que a produção do seu texto era apenas espiritual, ele mesmo a rejeitou. Naquele ambiente romano, Jerônimo sempre demonstrou interesse pela exegese bíblica.

## **1.2 A tradução da Bíblia para o latim**

A Bíblia utilizada entre os protestantes é um livro composto por sessenta e seis (66) livros e a utilizada pelos católicos romanos contém setenta e três (73) livros. A diferença do número de livros deu-se pelo fato de que na tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego, a Septuaginta, aceitaram-se os livros apócrifos e deuterocanônicos. Mais tarde, esses livros foram retirados pelos judeus no Concílio de Jâmnia, em 90 d.C. Quando os rabinos

utilizaram alguns critérios para definir quais os livros que deveriam compor o Antigo Testamento, entenderam que o livro deveria ter sido escrito em hebraico, na Terra Santa, e antes do período de Esdras, que se deu entre 455 e 428 a.C. Além disso, esses livros não poderiam conter contradição com o Pentateuco.

Na Reforma, iniciada em 1517, Lutero, ao traduzir a Bíblia do grego para o alemão, optou por aceitar apenas os livros que os rabinos entenderam ser o Antigo Testamento no Concílio de Jâmnia. A Igreja Católica optou por sete (07) dos quinze (15) livros apócrifos e deuteroacanônicos que estavam na Septuaginta. Atualmente, esses sete (07) livros são encontrados apenas na Bíblia Católica. Na Vulgata Latina, *corpus* desta pesquisa, Jerônimo inseriu esse livros “como apêndice histórico e informativo” (SOARES, 2009: 32). Nota-se que na Bíblia católica, algumas apresentam setenta e três (73) livros, e outras, setenta e dois (72). Essa diferença dá-se pela forma de entender se os livros de Jeremias e Lamentações compõem apenas um ou dois livros. Em ambas as Bíblias, católica e protestante, os livros estão agrupados em Antigo e Novo Testamento, sendo esta uma literatura cristã e aquela, judaica (ARENS, 2007: 31). Os primeiros livros a serem escritos foram os do Antigo Testamento. A autoria e época acerca da redação de cada livro e de cada carta da Bíblia divergem entre teólogos e pesquisadores dessa área. Entende-se que o Antigo Testamento foi escrito em hebraico e o Novo, em grego.

Segundo Greenlee (2008: 1.099), a data, a autoria e o local do Novo Testamento em latim são obscuros. A língua grega era conhecida no mundo mediterrâneo, principalmente nos centros comerciais e culturais e o latim ainda não tinha se tornado o idioma da literatura, em Roma, até a metade do terceiro século. Dessa forma, entende-se que o Novo Testamento em latim tenha sido produzido com o objetivo de atender as pessoas que estavam em outros locais do Império Romano. Pela possibilidade de alguns tradutores terem recorrido ao aramaico e ao hebraico, ao traduzirem os textos bíblicos para o latim, acredita-se que a produção do Novo Testamento em latim teria ocorrido na Síria.

Greenlee (2008: 1.099) informa que a África do norte tenha sido a outra posição provável acerca do local de escrita do Novo Testamento em latim. Nessa região, além de oficial, o latim era um idioma comum. Os teólogos, que ali viveram, utilizaram o Novo Testamento em latim, para produzirem seus textos religiosos. A não aceitação de que a cidade de Roma tenha sido o local, onde fora traduzido o Novo Testamento do grego para o latim, justifica-se pela provável ignorância dos romanos em relação à língua grega, dominada apenas por poucos indivíduos da elite.

O latim da forma primitiva do texto é vulgar, e às vezes literalista, o que alguns têm considerado como indicativo de que o Novo Testamento em latim originou-se longe dos centros de cultura ou de traduções interlineares em manuscritos gregos; mas algumas destas características podem refletir nada mais que traduções feitas por crentes simples, cujo bilingüismo não era altamente literário. Então em resumo, o lugar de origem do Novo Testamento em latim não é conhecido (GREENLEE, 2008: 1.100).

Mesmo não havendo uma data precisa para a origem do Novo Testamento em latim, entende-se que essa obra tenha sido produzida na segunda metade do segundo século. Depois dessa época, o Novo Testamento passou a ser conhecido tanto no norte como no sul do Mediterrâneo. Não se sabe se esse latim antigo foi o idioma de uma ou várias versões do Novo Testamento, e não há conhecimento se o Novo Testamento do norte da África foi traduzido com o conhecimento do Novo Testamento que foi traduzido na Europa (GREENLEE, 2008: 1.100). Para Born (2004: 1.569), Jerônimo trabalhou com a versão latina antiga do texto europeu e recorreu aos melhores manuscritos gregos para fazer a adaptação necessária. Não há conhecimento da classificação desses manuscritos gregos.

Após o Cristianismo ter sido aceito como a religião oficial do Império Romano, no início do século IV, passou-se a não tolerar mais a diversidade de manuscritos em latim antigo. O Papa Dâmaso, em 382 d.C., num diálogo com o teólogo Sophronius Eusebius Hieronymus, atualmente conhecido por Jerônimo, que era seu conselheiro, sugeriu que ele fizesse a revisão do texto do Novo Testamento latino, a partir do texto grego, entendendo ser esta a língua original neotestamentária. Jerônimo conhecia grego e latim, já que havia estudado ambas as línguas em Roma. Além disso, também aprendera o hebraico na Palestina. Esses três idiomas permitiam-lhe dedicar sua vida aos estudos dos textos bíblicos (GREENLEE, 2008: 1.100).

Greenlee (2008: 1.100) afirma que o convite do Papa foi aceito com certa relutância, pois Jerônimo sabia que críticas surgiriam, pois, se o vocábulo a ser traduzido para um outro idioma tivesse mais de uma tradução, seria necessário optar por uma delas, o que poderia alterar o significado de algum texto neotestamentário.

Em sua carta no prefácio dos Evangelhos, Jerônimo explica que optou por trabalhar com princípios conservadores, escolhendo textos em latim mais elaborados, dentre os que já existiam, para servirem como eixo de sua tradução. Ele realizou esse trabalho, cotejando o texto latino com os manuscritos gregos. Assim, sua revisão consistia em corrigir o Novo Testamento, apenas onde havia sido deturpado. Nota-se a possibilidade de Jerônimo ter trabalhado em equipe com outros estudiosos e apenas o seu nome ter sido mencionado na Vulgata. Na posição de Born (2004: 1.569), a tradução e revisão do restante do Novo

Testamento não apresentam traços de Jerônimo, porque essas cartas estavam menos corrompidas.

Arens (2007: 152) afirma que algumas partes da Bíblia foram traduzidas do grego para o latim, no final do segundo século, no norte da África, formando a *vetus latina*. O mesmo fato ocorreu depois na Gália, e, mais tarde, na Itália. Essas traduções foram realizadas por cristãos, pois não se conhecem traduções latinas elaboradas por judeus. Arens acrescenta que depois de Jerônimo ter preparado uma versão latina, comparando o texto grego com os textos latinos do Novo Testamento, “fez uma segunda revisão do Antigo Testamento. Eventualmente, decidiu traduzir por sua conta, toda a Bíblia para o latim” (ARENS, 2007: 152).

Segundo Moreschini e Norelli (2000: 382), no Ocidente, a pregação cristã utilizou-se de “traduções latinas da Escritura, realizadas por escritores desconhecidos que se ativeram a um literalismo exagerado, com o fim de conservar o mais fielmente possível o significado do original, em detrimento [...] de um bom estilo literário” (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 382). Não há informações acerca da renovação dos textos bíblicos e de suas traduções por parte dos cristãos no século IV. Sabe-se que os interessados por esse assunto eram o papa Damaso e Jerônimo.

A complexidade da tradução dos textos bíblicos fez com que Orígenes desenvolvesse obras exegéticas, para auxiliar o leitor na compreensão dos textos bíblicos, porque na sua época já existiam traduções do Antigo Testamento para o latim. Orígenes entendeu que tais textos apresentavam-se “num segundo grau de distância do original hebraico” (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 384). Para que não ocorressem discrepâncias entre as traduções da Bíblia existentes na época, era necessário que se fizesse uma comparação entre elas, pois o “próprio Agostinho disse que havia praticamente uma tradução da Bíblia em cada cidade” (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 384).

Ainda segundo Moreschini e Norelli (2000: 385), Jerônimo utilizou o texto grego original, evitando a tradução literal, como fizeram os tradutores antes dele. Dessa forma, ele optou por uma estrutura de oração latina, pois pretendia que o texto bíblico fosse acessível a todos, mesmo para os analfabetos. “Quis, assim, que ele fosse sintática e gramaticalmente correto, mas absolutamente fácil de compreender, e teve perfeito êxito nesse seu intento” (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 385). A revisão e as poucas correções nos Evangelhos foram concluídas em 384 d.C. e entregue ao papa Damaso no mesmo ano. Tal documento tornou-se o primeiro núcleo da Vulgata, já as traduções das epístolas paulinas, Jerônimo não atribui a si mesmo, e, sim, a outros tradutores, que algumas vezes recebem suas críticas

(MORESCHINI & NORELLI, 2000: 385).

Além dos Evangelhos, Jerônimo também fez a revisão dos Salmos, tendo como fonte a Septuaginta. Saltério romano foi o nome dado aos Salmos revisados e modificados, pois eram muito utilizados na cidade de Roma, em particular, e na Itália, em geral. A partir do século XVI, esses Salmos foram utilizados apenas na Basílica de São Pedro. Já a segunda revisão dos mesmos textos, denominada Saltério Galicano, foi utilizada na Igreja.

Segundo alguns, porém, o Saltério romano não corresponde totalmente à revisão executada por Jerônimo, que teria se perdido, mas ao texto anterior a Jerônimo, que ele quisera corrigir. O fato de Jerônimo ter escolhido, entre todos os livros do Antigo Testamento, justamente o dos Salmos para submetê-lo à revisão no início de sua atividade de crítico da Bíblia é mais um testemunho do significado que os Salmos possuíam para o cristianismo – e não só para o cristianismo antigo (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 386).

Moreschini e Norelli (2000: 386) entendem que foi em contato com a biblioteca de Orígenes que Jerônimo percebeu a necessidade de recorrer-se ao hebraico para fazer a tradução do Antigo Testamento para o latim. Mesmo o hebraico não sendo muito conhecido naquela época, Jerônimo preferiu traduzir o Antigo Testamento do hebraico a traduzi-lo do grego da Septuaginta. Arens (2007: 152) afirma algo semelhante, pois, para a tradução do Antigo Testamento, Jerônimo recorreu ao hebraico e, não a Septuaginta, o que resultou na exclusão dos textos deuteroacanônicos. A obra completa, Antigo e Novo Testamento, organizada por Jerônimo, é denominada de Vulgata (ARENS, 2007: 152).

Começando pelos livros de Samuel, Jerônimo traduziu depois os livros proféticos, o de Jó, o de Esdras, de Neemias e Crônicas. Essas traduções foram terminadas em 396 d.C. e os demais livros, como Pentateuco, Eclesiastes, Juízes, Rute Estér, Josué, Tobias e Judite foram traduzidos, após ele ter descansado dois anos, por causa de problemas de saúde. Toda a tradução do Antigo Testamento foi concluída em torno de 406 d.C. (MORESCHINI & NORELLI, 2000: 386).

Born (2004: 1569) afirma que, depois de encerrada, a Vulgata de Jerônimo foi aceita apenas pelos seus amigos mais íntimos. Por esse motivo, os textos das traduções latinas que já existiam na época prevaleciam entre os leitores. Posteriormente, a Vulgata de Jerônimo sofreu influência de outras traduções latinas, para que pudesse ser aceita pela Igreja. Há informação de que, no século VII, essa obra já era a mais utilizada, porém o nome “Vulgata” só foi adotado em torno do século XVI, por causa da amplidão do seu uso. Somente em 1907, a Ordem dos Beneditinos trabalhou em uma reconstituição da Vulgata, sob o mandato da

pontifícia comissão bíblica. Essa revisão deu-se com o auxílio da crítica moderna, para que fosse reproduzido o texto “da Bíblia na tradução latina conforme saiu das mãos de S. Jerônimo” (BORN, 2004: 1572). Segundo a obra *Bíblia: um livro que faz e tem história* (2003: 08), o trabalho de Jerônimo, que consistiu na revisão do Novo Testamento e na tradução do Antigo, ocorreu entre 391 a 405 d.C.

Atualmente, o texto bíblico latino mais antigo a que se tem acesso é datado do século V d.C. Já da *vetus latina* não se encontra uma cópia inteira, apenas, fragmentos. Com o grande número de traduções presentes na Idade Média, com o surgimento da Reforma Protestante, a Igreja Católica entendeu que o texto bíblico autêntico era a Vulgata, na versão corrigida. Esse texto prevaleceu até o Concílio do Vaticano II, em 1961. A tradução realizada para outros idiomas deu-se a partir dessa Vulgata, pois até 1215, momento em que ocorreu o Concílio IV de Latrão, a leitura bíblica era realizada em latim.

Nesse Concílio, foi autorizada a tradução dessa Vulgata para outros idiomas. A tradução mais antiga conhecida é em castelhano, denominada de Pré-Afonsiana, datada no século XIII. Desse material, encontram-se poucas páginas atualmente. As traduções bíblicas dos dias hodiernos ocorrem, recorrendo-se aos idiomas utilizados nos textos originais, e não ao latim (ARENS, 2007: 152).

### **1.3 O latim da Vulgata**

Entendendo-se que a revisão do Novo Testamento e a tradução do Antigo ocorreram entre 391 a 405 d.C., pode-se perceber qual foi o latim utilizado por Jerônimo, ao observar a periodização desse idioma na obra de Cardoso (1989). Segundo essa autora, o latim sofreu alterações ao longo do tempo em que foi utilizado como língua viva. Tais transformações são perceptíveis, ao compararem-se os textos dos tabeliães portugueses, do século XII com os textos antigos dos primeiros documentos (CARDOSO, 1989: 06).

Basseto (1996: 89) afirma que a latinização não teve a mesma profundidade nas diversas províncias. “No Oriente, a latinização foi bastante superficial; a Hispânia e a Sardenha exigiram dois séculos para uma romanização efetiva”. No contato com diversos idiomas, o latim foi influenciado e influenciou outras línguas do ponto de vista da oralidade. “Além disso, o aumento da riqueza, advindo das conquistas, o crescimento populacional de Roma e o desenvolvimento da cultura refletiram-se no latim [...]” (BASSETTO, 1996: 89).

No início de suas conquistas, os romanos tinham o costume de invadir as cidades e, destruindo-as, levava seus habitantes para Roma, onde a população continuou aumentando,



mesmo depois de eles deixarem essa prática. As diferenças sociais entre as classes baixa e alta, aquela caracterizada pelos dirigentes e oficiais militares, e esta, pela plebe, resultou, em torno do século IV a.C., em “um refinamento cultural das classes altas” (BASSETTO, 1996: 89). Ainda segundo esse autor, o uso corrente da língua, gradativamente, adquiriu estabilidade com duas características: “o *sermo urbanus*, a linguagem do estrato social mais culto, e o *sermo plebeius* da massa popular inculta”. Especificadas pelo termo - *sermo plebeius* - encontra-se a língua dos camponeses pastores, denominada também de *sermo rusticus*, a língua dos militares - *sermo castrensis* - e a língua que sofria muitas alterações, a dos estrangeiros, - *sermo peregrinus*.

Em 272 a.C., gregos foram levados para Roma, quando esta conquistou a “chamada *Magna Graecia*, que compreendia boa parte do sul da Itália”. Dentre esses gregos, destaca-se Lívio Andrônico, que colaborou para o início da literatura latina. Foi a partir dessa influência grega na literatura romana que se iniciou a norma linguística, chamada de *classicus* ou *litterarius*, expressa sempre em forma escrita e estilizada. Sendo assim, o período do latim literário é conhecido entre 81 a.C. a 14 d.C. A norma desse latim manteve-se única por séculos (BASSETTO, 1996: 90).

Na classe culta, também havia a língua coloquial, conhecida como *urbanitas* ou *sermo urbanus*. A norma dessa língua coloquial foi utilizada por vários romanistas, porém, mesmo sendo coloquial, esse não era o latim vulgar. Tanto o texto de Quintiliano (30 – 95 d.C.) como o texto de Cícero (106 – 43 a.C.) não faz menção ao latim falado pelo povo, pois este era um latim não utilizado pelos escritores.

Três normas diferentes no latim de Roma surgem a partir da metade do século III a.C.. São elas:

O *sermo classicus* ou *litterarius*: burilado, artístico, sintético, só escrito, que atingiu o ápice estilístico no período áureo da literatura latina entre 81 a.C. e 14 d.C., tanto na prosa com Cícero, César e Salústio, como no verso com Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucrécio e Catulo. É uma estilização do *sermos urbanus*.

O *sermos urbanus*: a língua falada pelas classes cultas de Roma, certamente correto do ponto de vista gramatical, mas sem os refinamentos e a estilização da variedade literária, denominada *vulgaris* por Cícero. Os falantes dessa norma eram também os principais detentores da norma literária.

O *sermo plebeius*: essencialmente falado, era a norma da grande massa popular menos favorecida, analfabeta. Foi metodicamente ignorada pelos gramáticos e escritores romanos, mas era viva e real; apresenta variantes sobretudo no léxico, segundo o modo de vida dos falantes, distinguindo-se e *sermo rusticus*, o *castrensis* e o *peregrinus* (BASSETTO, 1989: 92).

Cardoso (1989: 06) entende que o latim falado entre o século XI e VII a.C., na região do Lácio, é denominado de “latim pré-histórico”. O “latim proto-histórico”, registrado nos primeiros documentos desse idioma, provavelmente seja do século VII a IV a.C. Em sua classificação, o latim utilizado entre o século III e I a.C. é denominado de latim arcaico. Nesse período, o latim apresentou um vocabulário limitado e sem rigidez na estrutura morfosintática. As obras de literatura e a influência da cultura grega propiciaram o aperfeiçoamento desse idioma.

Para Cardoso (1989: 07), o latim clássico foi utilizado a partir do século I a.C.. Sendo assim, ela, como Bassetto, considera a influência dos gregos para contribuir com o surgimento do latim clássico. Para Cardoso (1989: 07), foi nesse período em que houve uma distinção entre o latim falado, mesmo o da classe mais culta, e o latim literário. Como toda língua, o latim esteve “sujeito as alterações determinadas por diversos fatores: épocas, delimitações geográficas, influências estrangeiras, nível cultural dos falantes etc.” (CARDOSO, 1989: 08).

Cardoso (1989: 08) entende que as obras literárias produzidas entre os séculos I e V foram escritas com o latim pós-clássico. Apesar dessa produção de texto, o latim deixava de ser escrito com a mesma perfeição com que fora utilizado no período anterior. O chamado latim vulgar deixou de ser única forma de comunicação no Império Romano, quando este foi invadido pelos bárbaros, permitindo a dialeção e o início do surgimento das línguas românicas. A classe culta, formada pelos tabeliões, por exemplo, procurou dar continuidade ao uso do latim, até o século XII, e a Igreja o tornou “idioma obrigatório, até 1961, tanto na redação de documentos eclesiásticos como na realização de cultos e cerimônias religiosas” (CARDOSO, 1989: 09).

Entendendo que o Cristianismo surgiu nas classes mais baixas das grandes cidades, vocábulos hebraicos e gregos, das línguas dos textos bíblicos originais, passaram a ser latinizados, dando origem a uma “língua religiosa técnica” (BASSETTO, 1996: 125). Pelo fato do Cristianismo apresentar novos conceitos, o léxico latino adequou-se a muitos decalques ou empréstimos gregos. Por exemplo: *apostāta*, *ae*, “apóstata”; *angēlus*, *ī*, “anjo”; *anathēma*, *ātis*, “anátema”, “excomunhão”; *baptizō*, *ās*, *āre*, “batizar”; *baptismus*, *ī*, “batismo”; *apostōlus*, *ī*, “apóstolo”; *presbŷter*, *ērī*, “presbítero”, “padre”, “velho”; *neophŷtus*, *ī*, “neófito”, “convertido há pouco”; *martyr*, *ŷris*, “mártir”; *ēvangeliŷm*, “evangelho”; *episcōpus*, *ī*, “bispo”, “inspetor”, “guarda”; *ecclesiā*, *ae*, “igreja”, “assembleia”, “reunião do povo”; *eleēmosŷna*, *ae*, “esmola”, *diācōnus*, *ī*, “diácono”; *charisma*, *ātis*, “dom”, “graça de Deus” e *catēchŷmēnus*, *ī*, “catecúmeno” (BASSETTO, 1996: 125).

Nos textos eclesiásticos, alguns vocábulos latinos receberam nova acepção. A palavra

latina *peccāre* que significava “tropeçar”, “dar um passo em falso”, recebeu uma nova acepção, “transgredir a lei”. A palavra *fidēs, ěi*, com a acepção de “fidelidade”, adquiriu o significado de “fé”. O mesmo ocorreu com o vocábulo *lavācrum, ī*, “banho”, passou a significar o “sacramento do batismo” (BASSETTO, 1996: 125).

A língua latina popular recebeu vocábulos do grego, dos dialetos itálicos vizinhos e também dos povos de províncias remotas subjugadas pelos romanos. Por isso, muitas formas e palavras no latim popular talvez fossem desconhecidas do latim literário. Algumas destas palavras eram apenas passageiras no latim, já as mais antigas tornavam-se comuns na língua. O latim vulgar também sofreu alterações, visto que era a língua de comunicação de um povo em transformação, recebendo influências de novas culturas. Comparando-se com o latim clássico, percebeu-se que a distância entre o clássico e o vulgar aumentou gradativamente. Não era assim no princípio, pois havia elementos em comum entre eles. Pelo fato de a população, na sua maior parte ser constituída pela plebe, as particularidades da gramática latina tornaram-se irrelevantes para a população (MAURER JR., 1962: 185).

Câmara Jr. (2002: 153) entende que o período em que o latim apresentou disciplina na gramática ocorreu do século III a.C ao I d.C., momento denominado de período clássico. A perda da disciplina e o abandono da norma gramatical ocorreram do século II ao III d.C. O latim imperial tardio iniciou-se a partir do século IV d.C., apresentando a “antiga norma e a disciplina gramatical já essencialmente desfigurada, e uma diferenciação dialetal, sensível, no conjunto das regiões do Império em que se falava latim” (CÂMARA JR., 2002: 153).

A distinção do latim entre as camadas mais populares e as cultas, incluindo a literatura, ocorreu no período clássico, ou seja, do século III a.C. ao I d.C. Nessa época, surgiu o latim vulgar, com textos produzidos sem o objetivo de ser obra literária; já nas obras literárias, havia o latim da classe culta, denominado de clássico. O latim vulgar foi caracterizado pelo vocabulário, pois novos termos populares surgiram, preferidos pelo povo, mas evitados pelos literatos, ainda obedientes ao que se refere à flexão verbal, nominal, à fonética e à sintaxe. “O latim vulgar foi superando o clássico na própria literatura, a partir do século II d.C. Foi ele que serviu de base à diferenciação românica [...]” (CÂMARA JR., 2002: 153).

Ao tratar da língua latina, Coutinho (1958: 31) entende que, no início da civilização romana, havia apenas o latim. Ao ser utilizado na literatura, esse idioma foi caracterizado por dois aspectos: o latim clássico e o vulgar. Coutinho explica:

Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. Um

surgiu do outro, como a árvore da semente. Essas duas modalidades do latim, a literária e a popular receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris* (COUTINHO, 1958: 31).

Tratando-se desses dois aspectos do latim, o vulgar e o clássico, este, também conhecido como língua escrita, além da correção gramatical e um vocabulário apurado, apresentava um estilo elegante. Era uma língua que não refletia a vida do povo, porque era algo artificial, sem flexibilidade, a ponto de ter permanecido estável por muito tempo. Esse latim foi marcado pela produção literária que começou no século III a.C. Já aquele era instrumento de comunicação entre as pessoas de classes inferiores em Roma. Por ser uma língua voltada para as questões práticas do cotidiano, ela não permaneceu apenas nas classes baixas de Roma, mas espalhou-se por todo o Império Romano (COUTINHO 1958: 32).

Compreendendo essas diferenças que existiram na língua latina, percebe-se que a Vulgata foi produzida em latim pós-clássico. Basseto (1996: 125) explica que, com o aumento da comunidade cristã, houve necessidade de uma adequação dos textos bíblicos ao idioma conhecido pela grande massa popular. Precisou-se traduzir os textos bíblicos para os cristãos não cultos. As primeiras traduções “datam da segunda metade do século II, com muitos vulgarismos, induzidos até certo ponto pela própria ‘koiné’ do original grego. Note-se que não se trata de tradução em latim vulgar, mas que procura aproximar-se da fala corrente” (BASSETTO, 1996: 125).

Basseto também afirma que essas características populares são perceptíveis pela presença dos plebeísmos na Vulgata. Por outro lado, também houve, na Igreja, homens com conhecimento do latim culto e atentos ao latim vulgar. Assim surgiu o latim utilizado nos cultos religiosos, denominado pelos teólogos de latim eclesiástico. Este latim “não deve ser confundido com o latim cristão antigo” (BASSETTO, 1996: 125) encontrado nas traduções do segundo século.

Basseto (1996: 195) informa que a produção literária do pensamento cristão, desenvolvida na África do norte e em Roma, ocorreu na língua latina. Como exemplo dos documentos cristãos produzidos na África, a partir de 180 d.C., pode-se mencionar autores como Tertuliano, e até mesmo Agostinho de Hipona, já no século IV d.C., influenciados pelo latim clássico. Assim, as pessoas cultas que se tornavam cristãs tinham conhecimento dos diferentes “latins”. Foi dessa diversificação na língua latina cristã, com mais ou menos influência do latim clássico, que se originou o latim eclesiástico. O latim falado pelo povo cristão tinha sua base no latim vulgar, com “numerosos empréstimos gregos e adaptações semânticas de termos latinos para expressar a visão cristã do mundo” (BASSETTO, 1996:

195).

Quanto aos empréstimos gregos para o latim já conhecidos, Basseto dá sua contribuição ao explicar que o léxico latino fez adaptações de alguns termos gregos. Esse fato se deu com base em traduções aproximadas, considerando-se as tendências e as características da norma vulgar. Os exemplos para esses casos são: *ἀποκατάστασις* ~ *restauratio*; *παλιγγεσία* ~ *regeneratio*; *μεγαλεῖα* ≥ *magnalia*; *λόγος* ~ *verbum*; *Ἐπιφάνεια* ≥ *epifania*; *ἀποκάλυψις* ~ *revelatio*; *πνευματικός* ~ *spiritalis*; *σαρκικός* ~ *carnalis*. A influência do Cristianismo não se deu na língua falada pelo povo, e, sim, na sua cosmovisão e mentalidade. Isso provocou a expressão da realidade cristã com um léxico adequado, não, necessariamente, novas estruturas sintáticas e morfológicas (BASSETO, 1996: 195).

Para Basseto (1996: 196), o latim usado na igreja no início do Cristianismo aproximava-se mais do latim vulgar, porque os próprios apóstolos não foram pessoas cultas, assim como as que aderiam à fé cristã. Somente a partir do século IV d.C., pode-se perceber que o latim eclesiástico foi adquirindo uma forma próxima à norma literária, visto que muitos textos são produzidos pelos teólogos e líderes eclesiásticos. Mesmo assim, no primeiro século, esse latim apresentava alguns elementos em comum com a língua do povo. À medida que o latim vulgar, juntamente com o latim cristão, transformava-se em dialeto no período de início das línguas românicas, “o latim, herdeiro da tradição literária romana, tornou-se a língua literária da Igreja, das escolas e das ciências, desde a queda do Império Romano até o Renascimento, quando as línguas românicas começaram a fazer-lhe concorrência mais séria” (BASSETO, 1996: 196). Skilton (2008: 1090) explica que, do século XII ao XV, aumentou o número de traduções da Bíblia. “Continuou havendo um interesse na interpretação, no comentário, na paráfrase e no uso de versículos para apresentar o conteúdo bíblico” (SKILTON, 2008: 1090).

#### 1.4 Os sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata e no Dicionário de Félix Gaffiot

Considerando-se que a Vulgata foi produzida em 396 d.C., sendo, portanto, um texto classificado no período do latim pós-clássico, optou-se por comparar a datação dos verbos com sufixo *-sc-* e *-iz-* entre a Vulgata e o *Dictionnaire Illustré Latin-français* de Félix Gaffiot. Todos os verbos com esses sufixos encontrados na Vulgata também foram encontrados no dicionário de Gaffiot, porém, nem sempre o dicionário cita a Vulgata, como *corpus*, fato que poderia explicar que alguns verbos com esses sufixos na língua latina, tenham sido usados

num período mais longo do que o apresentado pelo próprio dicionário.

Os sessenta e um (61) verbos encontrados na Vulgata com o sufixo *-sc-* também foram encontrados por Félix Gaffiot em quarenta e dois (42) documentos diferentes. As datações dos verbos com sufixo *-sc-*, segundo o dicionário do Gaffiot, são: *accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Livius Andronicus (284 a 204 a.C.), Cornelius Nepos (100 a 25 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.) e Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.); *acquiēscō (adquiēscō), ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Cornelius Nepos (100 a 25 a.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Gaius Julius Caesar (110 a 44 a.C.), M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.), Gaius Suetonius Tranquillus (69 a 122 d.C.) e autores eclesiásticos, cuja datação não é apresentada; *adhaerēscō, -haesī, -haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”, Caio Julio César (100 a 44 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Marcus Porcius Cato (234 a 149 a.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.) e M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.); *adulēscō, ou adolēscō, -ēvī, -ultum*, “crescer”, “engrossar”, Gaius Julius Caesar (110 a 44 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Caius Sallustius Crispus (86 a 34 a.C.) e Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.); *ārdēscō, -is, -ēre [ardeo]*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”, Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.) e Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.); *ārēscō, -is, -ēre [areo]*, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”, Ammianus Marcellinus (325 a 391 d.C.), Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.), Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.) e Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.); *compscō, -pesūī*, “conter”, “reter”, “reprimir”, Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Tiberius Catius Asconius Silius Italicus (28 a.C. a 103 d.C.) e Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.); *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”, Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Lucretius Carus (99 a.C. a 55 d.C.) e Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.); *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”, Gaius Julius Caesar (110 a 44 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.); *contābēscō, -tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”, Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.) e Marcus Tullius

Cicero (106 a 43 a.C.); *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”, Publius Terentius Varro Atacinus (82 a.C. a 35 a.C.); *conticēscō* ou *conticīscō, -ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Arnobius Junior (460 d.C.); *contremēscō* ou *contremīscō, -tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.) e Marcus Junianus Justinus (séc. II ou 390 d.C.); *convalēscō, -valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”, Publius Terentius Varro Atacinus (82 a.C. a 35 a.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Marcus Porcius Cato (234 a 149 a.C.), Aulus Gellius (125 a 180 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Gaius Suetonius Tranquillus (69 a 122 d.C.) e Digesta Justiniani (obra de Justiniano) (533 d.C.); *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”, Publius Terentius Varro Atacinus (82 a.C. a 35 a.C.), Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Gaius Suetonius Tranquillus (69 a 122 d.C.), Caio Julio César (100 a 44 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.) e M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.); *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Lucretius Carus (99 a.C. a 55 d.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.) e Publius Papinius Statius (45 a.C. a 96 d.C.); *dīlūcēscō, -luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”, Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.); *ērubēscō, -rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”, Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.) e Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.); *exārdēscō, -ārsī, -ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Marcus Valerius Martialis (40 a 102 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.) e Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.); *expavēscō, -pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.) e Gaius Suetonius Tranquillus (69 a 122 d.C.); *expergīscor, -perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Caius Sallustius Crispus (86 a 34 a.C.); *fervēscō, -is, -ěre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”,

“formigar”, “ser um formigueiro”; Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.) e Arnobius Junior (460 d.C.); *flāvēscō*, *-is*, *-ēre*, [*flaveo*] “tornar-se amarelo”, “secar”, Marcus Porcius Cato (234 a 149 a.C.) e Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.); *illūcēscō* ou *inlūcēscō*, *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.) e Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.); *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.) e Meropius Pontius Anicius Paulinus Nolanus (353 a 431 d.C.), essas datações são para *immarcēscibilis*; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”, Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.) e Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.); *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.) e Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.); *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Lucius Apuleius (125 a 180 d.C.) e Marcus Valerius Martialis (40 a 102 d.C.); *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.) e Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.); *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”, Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.) e Ammianus Marcellinus (325 a 391 d.C.); *insōlēscō*, *-is*, *-ēre* “tornar-se orgulhoso”, “insolente”, “arrogante”, Marcus Porcius Cato (234 a 149 a.C.), Aulus Gellius (125 a 180 d.C.), Caius Sallustius Crispus (86 a 34 a.C.) e Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.); *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.) e M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.); *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”, Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.) e Gaius Suetonius Tranquillus (69 a 122 d.C.); *lassēscō*, *-is*, *-ēre* [*lassus*] “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.); *liquēscō*, *-licūī*, “tornar-se líquido”, Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Publius



Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Caio Julio César (100 a 44 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.) e M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.); *marcēscō, -is, -ēre, [marceo]* “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.) e Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.); *mātūrēscō, -rūī,* “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”, Gaius Julius Caesar (110 a 44 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.); *mollēscō, -is, -ēre, molis,* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”, Gaius Valerius Catullus (84 a 54 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.) e Vulgata ( séc. IV); *nigrēscō, -nigrūī,* “tornar-se negro”, “escurecer-se”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.) e Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.); *obmūtēscō, mutūī,* “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.) e Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.); *obrigēscō, -rigūī,* “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirto”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e M. Anaeus Seneca (4 a.C. a 65 d.C.); *obstupēscō, -stupūī,* “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”, Publius Terentius Varro Atacinus (82 a.C. a 35 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Publius Terentius Afer (195 / 185 a 159 a.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Flavius Magnus Aurelius Cássio (485 a 585 d.C.); *obsurdēscō, -obsurdūī,* “tornar-se surdo”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.); *obtenebrēscō, is, ěre,* “cobrir-se de trevas”, Vulgata ( séc. IV); *pertimēscō, -timūī,* “espantar-se”, “ter muito medo”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Gaius Julius Caesar (110 a 44 a.C.); *pinguēscō, -is, -ēre,* “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”, Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Marcus Sergius (218 a 201 a.C.) e Tiberius Catus Asconius Silius Italicus (28 a.C. a 103 d.C.); *plūmēscō, -is, -ēre, [pluma]* “começar a cobrir-se de penas”, Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.); *putrēscō, -is, -ēre, [puter]* “estragar-se”, “apodrecer”, Publius Terentius Varro Atacinus (82 a.C. a 35 a.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.) e Vulgata ( séc. IV); *quiēscō, -quiēvī, -quiētum,*

“repousar”, “estar em repouso”, “descansar”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.), Cornelius Nepos (100 a 25 a.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.), Publius Terentius Varro Atacinus (82 a.C. a 35 a.C.), Quintus Claudius Quadrigarius (séc. I a.C. – ano 30?), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.), Gnaeus Gellius (séc. II a.C.) e Publius Terentius Afer (195 / 185 a 159 a.C.); *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”, Titus Lucretius Carus (99 a 55 a.C.), Marcus Porcius Cato (234 a 149 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Publius Terentius Afer (195 / 185 a 159 a.C.); *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.); *revivēscō*, ou *reviviscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.) e Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.); *senēscō*, *-is*, *-ēre*, *senūī*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Titus Livius Patavinus (59 a.C. a 17 d.C.) e Caius Sallustius Crispus (86 a 34 a.C.); *sordēscō*, *sordūī*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”, Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Aulus Gellius (125 a 180 d.C.) e Ammianus Marcellinus (325 a 391 d.C.); *splendēscō*, *-is*, *-ēre*, *splendūī* [*splendeo*], “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”, Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) e Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.); *stupēscō*, *-is*, *-ēre* [*stupeo*], “tornar-se estupefato”, “espantar-se”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.); *succrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”, Aulus Cornelius Celsus (25 a.C. a 50 d.C.), Titus Maccius Plautus (254 a 184 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Lucius Junius Moderatus Columella (04 a.C. a 70 d.C.) e Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.); *supercrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”, Aulus Cornelius Celsus (25 a.C. a 50 d.C.), Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.) e Aurelius Augustinus (354 a 430 d.C.); *tābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “morrar-se de inveja”, “diminuir”, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 a.C. a 112 d.C.), Marcus Porcius Cato (234 a 149 a.C.), Titus

Lucretius Carus (99 a 55 a.C.), Caius Sallustius Crispus (86 a 34 a.C.), Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.), Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. a 8 d.C.) e Sextus Propertius (50 a 15 a.C.); *tenebrēscō, is, ěre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro” e Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.); *tumēscō, -tumūĩ, [tumeo]*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”, Publius Vergilius Maro (70 a 19 a.C.), Publius Ovidius Naso (43 a.C. a 18 d.C.), Caius Cornelius Tacitus (55 a.C. a 117 d.C.) e Marcus Fabius Quintilianus (35 a 95 d.C.).

Entende-se, assim, que o período com maior número de autores que Félix Gaffiot utilizou, ao demonstrar os verbos que apresentam o sufixo *-sc-*, deu-se no século I a.C., com dezesseis (16) autores diferentes. Em segundo lugar, aparece o século I d.C., com sete (07) autores diferentes. Depois, sucessivamente, aparecem o século II d.C., com cinco (05) autores diferentes; o século IV d.C., com quatro (04) autores diferentes; os séculos II e III a.C. aparecem juntos com três (03) autores diferentes; o século V d.C., com um (01) autor e, por último, o século VI d.C. com apenas dois (02) autores diferentes. Na tabela 1.1 e gráfico 1.1 abaixo, pode-se encontrar o número de autores que Félix Gaffiot utilizou no período entre o século III a.C. e VI d.C., para demonstrar a presença dos verbos com sufixo *-sc-*.

**Tabela 1.1 – A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-sc-*, segundo Félix Gaffiot.**

<b>Séculos</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Século III a.C.</b>	<b>03</b>	<b>7,3%</b>
<b>Século II a.C.</b>	<b>03</b>	<b>7,3%</b>
<b>Século I a.C.</b>	<b>16</b>	<b>39%</b>
<b>Século I d.C.</b>	<b>07</b>	<b>17%</b>
<b>Século II d.C.</b>	<b>05</b>	<b>12,1%</b>
<b>Século IV d.C.</b>	<b>04</b>	<b>9,7%</b>
<b>Século V d.C.</b>	<b>01</b>	<b>2,4%</b>
<b>Século VI d.C.</b>	<b>02</b>	<b>4,8%</b>

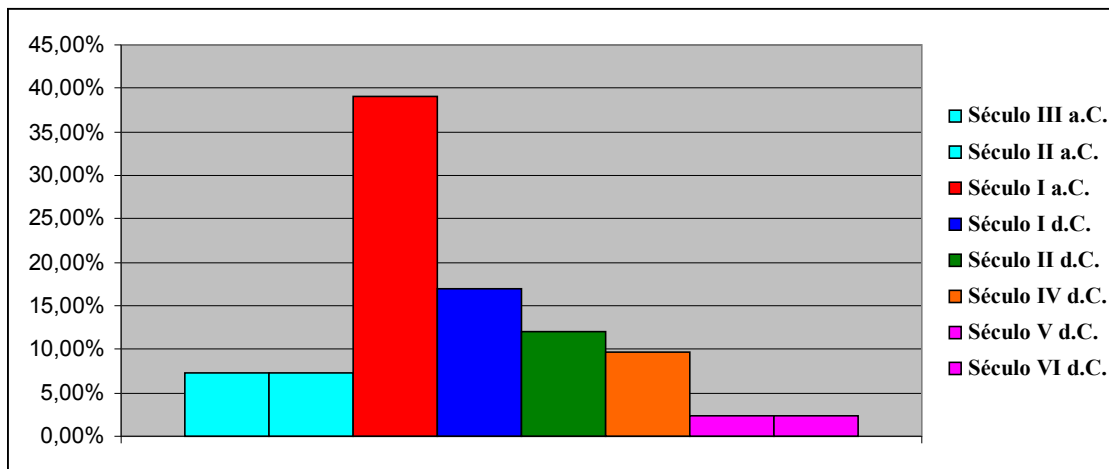


Gráfico 1.1 – A ocorrência (em porcentagem) de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-sc-*, segundo Félix Gaffiot

Sendo assim, as datas apresentadas no dicionário de Félix Gaffiot para os verbos formados com sufixo *-sc-* retroagem até 284 a.C., em relação à Vulgata. A obra de Livius Andronicus (284 a 204 a.C.), por exemplo, é mencionada como *corpus*, para citar o verbo *accrēscō* (*adcr-*) *-ēvī*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”. Por outro lado, no mesmo dicionário, encontrou-se também, como *corpus* a obra de Flavius Magnus Aurelius Cássio, datada em 585 d.C., a fim de exemplificar a presença do verbo com sufixo *-sc-*, como *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “atordir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”.

Numa comparação entre os *corpora*, o dicionário de Félix Gaffiot e a Vulgata, entende-se que esta não apresenta formação de novos verbos com o sufixo *-sc-*, datada no século IV d.C.. Este cotejamento também sugere que esse sufixo tenha sido utilizado antes e depois da produção da Vulgata. Dos verbos com o sufixo *-sc-* mencionados no dicionário de Gaffiot, em apenas dois deles o próprio dicionário cita a Vulgata. São eles: *mollēscō*, *-is*, *-ēre*, *molis*, “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se” e *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”.

O total de duzentos e cinquenta e um (251) autores e documentos são mencionados por Félix Gaffiot em seu dicionário. Na tabela 1.2, pode-se perceber a frequência da citação desses autores e documentos citados por Félix Gaffiot.

**Tabela 1.2 – A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-sc-*, segundo Félix Gaffiot.**

<b>Autores</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Ammianus Marcellinus</b>	<b>3</b>	<b>1,1%</b>
<b>Arnobius Junior</b>	<b>2</b>	<b>0,7%</b>
<b>Aulus Cornelius Celsus</b>	<b>2</b>	<b>0,7%</b>
<b>Aulus Gellius</b>	<b>3</b>	<b>1,1%</b>
<b>Aurelius Augustinus</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Autores eclesiásticos</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Caio Julio César</b>	<b>3</b>	<b>1,1%</b>
<b>Caius Cornelius Tacitus</b>	<b>13</b>	<b>5,1%</b>
<b>Caius Sallustius Crispus</b>	<b>5</b>	<b>1,9%</b>
<b>Cornelius Nepos</b>	<b>3</b>	<b>1,1%</b>
<b>Digesta Justiniani (obra de Justiniano)</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Flavius Magnus Aurelius Cássio</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Gaius Julius Caesar</b>	<b>5</b>	<b>1,9%</b>
<b>Gaius Plinius Caecilius Secundus</b>	<b>26</b>	<b>10,3%</b>
<b>Gaius Suetonius Tranquillus</b>	<b>5</b>	<b>1,9%</b>
<b>Gaius Valerius Catullus</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Gnaeus Gellius</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Livius Andronicus</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Lucius Apuleius</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Lucius Junius Moderatus Columella</b>	<b>8</b>	<b>3,1%</b>
<b>M. Anaeus Sêneca</b>	<b>9</b>	<b>3,5%</b>
<b>Marcus Fabius Quintilianus</b>	<b>10</b>	<b>3,9%</b>
<b>Marcus Junianus Justinus</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Marcus Porcius Cato</b>	<b>6</b>	<b>2,3%</b>
<b>Marcus Sergius</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Marcus Tullius Cícero</b>	<b>39</b>	<b>15,5%</b>
<b>Marcus Valerius Martialis</b>	<b>2</b>	<b>0,7%</b>

<b>Meropius Pontius Anicius Paulinus Nolanus</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Publius Ovidius Naso</b>	<b>15</b>	<b>5,9%</b>
<b>Publius Papinius Statius</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Publius Terentius Afer</b>	<b>3</b>	<b>1,1%</b>
<b>Publius Terentius Varro Atacinus</b>	<b>6</b>	<b>2,3%</b>
<b>Publius Vergilius Maro</b>	<b>16</b>	<b>6,3%</b>
<b>Quintus Claudius Quadrigarius</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Quintus Horatius Flaccus</b>	<b>12</b>	<b>4,7%</b>
<b>Quintus Septimius Florens Tertullianus</b>	<b>3</b>	<b>1,1%</b>
<b>Sextus Propertius</b>	<b>1</b>	<b>0,3%</b>
<b>Tiberius Catius Asconius Silius Italicus</b>	<b>2</b>	<b>0,7%</b>
<b>Titus Livius Patavinus</b>	<b>15</b>	<b>5,9%</b>
<b>Titus Lucretius Carus</b>	<b>11</b>	<b>4,3%</b>
<b>Titus Maccius Plautus</b>	<b>7</b>	<b>2,7%</b>
<b>Vulgata</b>	<b>2</b>	<b>0,7%</b>

Notou-se que Félix Gaffiot consultou vários autores e obras, a fim de citar os verbos com sufixo *-sc-* estudados nesta pesquisa. Já a Vulgata é citada por ele apenas duas vezes no dicionário, referindo-se a verbos com esse sufixo. O fato de ele não citá-la para outros verbos com esse sufixo, não significa que os verbos com sufixo *-sc-* não foram utilizados no latim pós-clássico.

Os verbos com sufixo *-iz-* encontrados na Vulgata também foram encontrados no dicionário de Félix Gaffiot. Os dez (10) verbos com esse sufixo foram encontrados em treze (13) documentos diferentes. Destes, seis (06) referem-se à Vulgata. As datações dos verbos com sufixo *-iz-*, segundo o dicionário de Gaffiot são: *anathematizō, ās, āre*, “excomungar”, “amaldiçoar”, “abominar”, Sophronius Eusebius Hieronymus (347 a 419 d.C.) e Vulgata (séc. IV); *baptizō, ās, āre*, “batizar”, Autores eclesiásticos; *catēchizō, ās, āre*, “instruir na religião”, “catequizar”, Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.); *citharizō, -ās, -āre*, “tocar cítara”, Cornelius Nepos (100 a 25 a.C.); *colaphizō, ās, āre*, “dar bofetadas em”, “esbofetear”, Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.); *euangelizō, ās, āre*, “pregar o evangelho”, “evangelizar”, “pregar”, Vulgata (séc. IV), Isidorus (139 d.C.); *prophētizō, ās, āre*, “profetizar”, “adivinhar”, Vulgata (séc. IV); *sabbatizō ās, āre*, “guardar

os sábados”, Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.); Vulgata ( séc. IV); *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar”, Quintus Septimius Florens Tertullianus (160 a 220 d.C.) e *thēsaurizō, ās, āre*, “entesourar”, “amontoar”, “ajuntar”, Vulgata (século IV), Salvianus (século V).

**Tabela 1.3 – A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-iz-*, segundo Félix Gaffiot.**

Séculos	Ocorrências	Porcentagem
Século I a.C.	01	7,1%
Século II d.C.	06	42,8%
Século IV d.C.	06	42,8%
Século V d.C.	01	7,1%

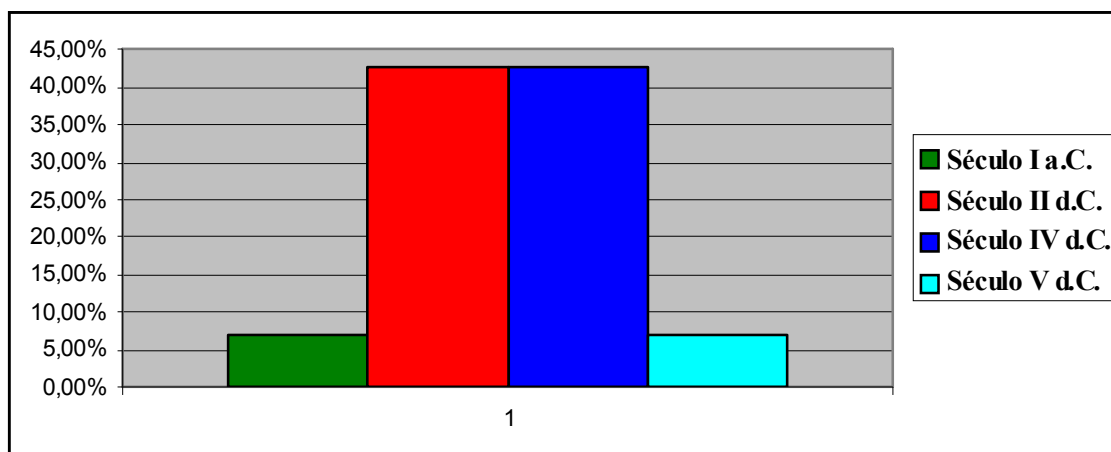


Gráfico 1.2 – A ocorrência (em porcentagem) de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-iz-*, segundo Félix Gaffiot.

Entende-se assim que o período de maior número de autores que Félix Gaffiot utilizou, ao demonstrar os verbos que apresentam o sufixo *-iz-*, apareceu nos séculos II e IV d.C., com seis (06) autores diferentes. Em segundo lugar, aparece o século I a.C. e o século V d.C., com um (01) autor em cada século. Na tabela 1.3 e gráfico 1.2, pôde-se encontrar o

número de autores que Félix Gaffiot utilizou no período entre o século I a.C. e V d.C., para demonstrar a presença dos verbos com sufixo *-iz-*.

Quatorze (14) autores e documentos são mencionados por Félix Gaffiot em seu dicionário. Na tabela 1.4 e gráfico 1.3, pode-se perceber a frequência da citação desses autores e documentos citados por Félix Gaffiot.

**Tabela 1.4 – A ocorrência de autores nos séculos em que foram encontrados os verbos com sufixo *-iz-*, segundo Félix Gaffiot.**

<b>Autores</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Autores eclesiásticos</b>	<b>1</b>	<b>7,1%</b>
<b>Cornelius Nepos</b>	<b>1</b>	<b>7,1%</b>
<b>Isidorus</b>	<b>1</b>	<b>7,1%</b>
<b>Quintus Septimius Florens Tertullianus</b>	<b>4</b>	<b>28,7%</b>
<b>Salvianus</b>	<b>1</b>	<b>7,1%</b>
<b>Sophronius Eusebius Hieronymus</b>	<b>1</b>	<b>7,1%</b>
<b>Vulgata</b>	<b>5</b>	<b>37,5%</b>

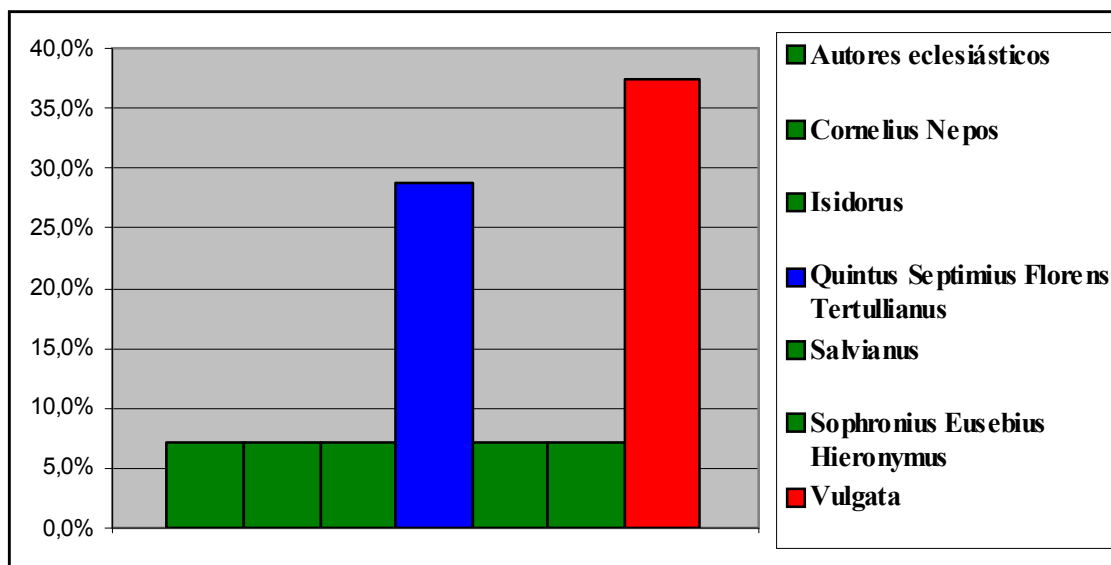


Gráfico 1.3 – A ocorrência (em porcentagem) de autores apresentados por Félix Gaffiot referindo-se aos verbos com sufixo *-iz-*.



Como se nota, os verbos construídos com o sufixo *-iz-* foram mencionados por Félix Gaffiot, citando os autores eclesiásticos, Cornelius Nepos, Isidorus, Quintus Septimius Florens Tertullianus, Sophronius Eusebius Hieronymus e a Vulgata. Nesse caso, diferente dos verbos com sufixo *-sc-*, os verbos com sufixo *-iz-* são apresentados com maior ocorrência na Vulgata. Nota-se que Gaffiot faz distinção na Vulgata, entre autores eclesiásticos e Jerônimo, denominado por Sophronius Eusebius Hieronymus. Todavia Gaffiot não explica o porquê de não classificar Jerônimo como um autor eclesiástico, ou como um tradutor da Bíblia para o latim.

## 2 A PRESENÇA DO SUFÍXO *-sc-* NA VULGATA E O SEU CONCEITO NAS GRAMÁTICAS LATINAS

Ao comparar os verbos com sufixos *-sc-* e *-iz-* presentes na Vulgata, e os que estão nas gramáticas latinas, bem como nas obras de cunho linguístico, perceberam-se discrepâncias nos assuntos referentes ao aspecto, à prefixação dos verbos e ao conceito de verbos dissílabos com sufixo *-sc-*. Tentando elucidá-las, num primeiro momento, abordar-se-á o uso do sufixo *-σκ-* na língua grega, a fim de compreender sua entrada no léxico latino e seu uso na Vulgata como sufixo *-sc-*. Depois, num segundo momento, observar-se-á a relação de aspecto existente entre os verbos gregos, formados com o sufixo *-σκ-*, e os verbos latinos, formados com o sufixo *-sc-*.

Antes de o texto bíblico surgir na língua latina, já tinha sido registrado na língua grega, por isso o fato de Jerônimo ter recorrido aos textos gregos para revisar o Novo Testamento traz a necessidade de se considerar não só o uso do sufixo *-σκ-* na formação dos verbos gregos e sua transição em sufixo *-sc-* no latim, mas também o seu uso em verbos nesse idioma.

Para tanto, analisar-se-á a formação dos verbos gregos com o sufixo *-σκ-*, a fim de entender o processo de entrada desses verbos na Vulgata, considerando suas transliterações, sua estrutura morfológica e seus aspectos na língua grega e no latim, na Vulgata.

Para conceituar sufixo, Faria (1958: 51) afirma que, no latim, os elementos formadores ou mórficos das palavras apresentam a seguinte estrutura: raiz, sufixo e desinência. Esta era a ordem que consistia a formação dos vocábulos, ou seja, a raiz em primeiro lugar, depois os sufixos e, por último, as desinências. Dessa forma, o vocábulo *ductilis, e*, “dúctil”, “que se pode guiar”, apresenta a raiz *duc-*, logo após o *-t-*, em seguida o *-ili-*, que são os sufixos, terminando com *-s* como desinência.

Faria (1958: 51) explica que o tema, numa frase, aponta para as classes de número, gênero e função. Já nos verbos, o tema aponta para as classes número, pessoa e tempo, percebidas pelas desinências, ou seja, o elemento no final do vocábulo. Estas são utilizadas para as declinações, denominadas de nominais, e para as conjugações, denominadas de verbais.

Como referencial teórico para essa pesquisa, o sufixo latino é:

um elemento que se pospõe à raiz, para a formação de derivados, tornando mais preciso o valor significativo da palavra. Assim por exemplo, o sufixo *-tat*, formador de substantivos abstratos, juntado à raiz do adjetivo *uerus* ‘verdadeiro’, forma o

substantivo abstrato *ueritas* ‘verdade’, qualidade do que é verdadeiro (FARIA, 1958: 51).

Dessa parte do enunciado mencionado por Faria, voltar-se-á a pesquisa apenas para os sufixos latinos verbais, *-sc-* e *-iz-*, registrados na Vulgata de Jerônimo, *corpus* desta pesquisa.

## 2.1 O sufixo *-σκ-* nos verbos gregos

Ao encontrar o sufixo verbal *-σκ-* na língua grega, percebeu-se a necessidade de compará-lo com o sufixo *-sc-*, e o seu correspondente, na língua latina, a fim de entender se as suas características permaneceram no latim pós-clássico. Visto que, na Vulgata, o sufixo verbal latino *-sc-* é correspondente ao sufixo verbal grego *-σκ-*, considerou-se este também nesta pesquisa, analisando-se o que os gramáticos gregos apontaram a respeito do uso desse sufixo no grego.

Nos verbos gregos, a terminação *-σκ-* é considerada como sufixo, porque é acrescentada ao radical e pode ampliar o significado deste, produzindo formas derivadas ou flexionadas. Quando o verbo termina em vogal na língua grega, acrescenta-se o sufixo *-σκ-*, se, em consoante, acrescenta-se, *-ισκ-*. Dessa forma, pode-se encontrar *ἀρέ-σκω* “agradar” e *εὑρίσκω* “achar”. Sendo assim, para Smyth (2010: 151) o *-σκ-* é considerado sufixo, porque forma novos vocábulos, visto que a desinência flexiona o vocábulo.

No grego, os verbos formados com o sufixo *-σκ-* são denominados incoativos, por apresentarem o sentido de “tornar-se em”, ou “iniciar”. Como exemplo de “tornar-se em”, ou mudança de estado, encontra-se o verbo *γηράσκω* “envelhecer”. Não são muitos os verbos que apresentam esse aspecto. No caso de *μυμνήσκω* “recordar” o sufixo *-ισκω* é acrescentado no radical que termina com vogal, visto que *μυμνήσκω* é a grafia antiga (SMYTH, 2010: 151).

Quanto à etimologia<sup>2</sup> do sufixo *-σκ-*, Pimentel (1980: 77) opta por explicar o seu uso desde o indo-europeu, e os valores dos verbos com esse sufixo na língua grega. Pimentel (1980: 77) também afirma que, no indo-europeu, existia o fonema constrictivo surdo, que aparecia nas “raízes de verbo-nominais, como *\*sep-* / *\*sp-*, que resultou em latim *speciō* (raiz em grau zero), e o sânscrito *pás*, ‘observar’ (raiz em grau pleno), ou *\*sem-* / *\*sn-*, que resultou em grego *ν-εὑρ-ον* etc., e também nas adverbiais e nas pronominais” (PIMENTEL, 1980: 77).

O mesmo autor também afirma que o fonema *-s-* aparece

<sup>2</sup> Para mais informações acerca do uso do “s” e do “k” nas línguas indo-europeias, ver Pimentel (1980: 77 e 84).

em alargamento de raízes verbo-nominais; em sufixos nominais atemáticos e em sufixo de adjetivos; em desinências nominais, de nominativo e genitivo, chegando mesmo a ser como marca de plural; em sufixos verbais, formando temas sem valor especial, ou temas desiderativos, causativos de aoristo, de futuro e de subjuntivo [...] em desinências verbais (PIMENTEL, 1980: 78).

Ainda Pimentel (1980: 78), ao observar o desenvolvimento de algumas raízes, seja no plano verbal, seja no plano nominal, o *-s-* pode ter sido empregado como alargamento, com valor indiferenciado. Ao comparar com os demais alargamentos, o *-s-* não apresentava nenhum significado que o diferenciasse. Um exemplo disso é a raiz *\*ter-* / *\*tr-*, “tremar”. Com o uso do *-s-*, encontrou-se, no sânscrito, *tras*, “tremar”. Já a mesma raiz com o uso do *-m-*, encontrou-se *tremo* no latim.

O mesmo autor entende que as raízes com graus diferentes receberam o *-s-* caracterizando o aspecto desiderativo, surgindo assim, seu uso em temas do subjuntivo e do futuro. Além de ser utilizado também como marca do plural e desinência nominal, o *-s-* também colaborou para ser formador do sufixo *-sk-* com valores como incoativo, causativo e frequentativo. Entre as diversas funções que o *-s-* exercia, Pimentel (1980: 82) destaca o aspecto frequentativo, visto que os verbos frequentativo-durativos, no hitita, podem ser denominativos.

No latim, as formações com *-s-* são desiderativas e dão-se nos radicais do presente, como Pimentel apresenta: *querō* < *\*quais-ō*, “busco”, “procuro” e *quaesō* < *\*quais-s-ō*, “procuro obter”; *vīdeo* < *\*weid-*, “estou vendo” e *visō* < *\*weid-s-ō*, “procuro ver”. Para explicar os verbos em *-ēssō*, Pimentel menciona Monteil, que essa terminação é uma evolução de aspecto desiderativo, por exemplo, *in-cēssō* (*-cēssō* < *\*ce-s (d) -s-ō*), “investir”, “atacar”, semelhante a *cēdō* (*\*ce-sd-ō*), “andar”, “ir”. Assim seria a explicação “de *capēssō*, ‘procurar alcançar’, *incipēssō*, ‘querer começar’, *petēssō*, ‘pedir insistentemente’, *expetēssō*, ‘desejar’, ‘fazer votos’, *lacēssō*, ‘procurar atrair a uma cilada’, ‘excitar’, *facēssō*, ‘procurar fazer’, ‘apressar-se em fazer’” (MONTEIL *apud* PIMENTEL, 1980: 82). Monteil afirma que alguns linguistas tentam provar que *-essō* tem origem em *-escō*, porém isso seria impossível.

Entende-se assim que o *-s-*, aparecendo em alargamento em diversos fonemas, originou sufixos com funções diferentes em línguas históricas. Dentre esses sufixos, destaca-se o *-sk-*, que é objeto dessa pesquisa. Pimentel também explica que, no indo-europeu, existiam vários fonemas oclusivos velares (PIMENTEL, 1980: 83).

O mesmo autor apresenta o que ocorreu na língua grega. A desinência *-s* colabora para formar o sufixo grego *īk-oc*, como também no latim, *-īc-u-s*. Com o alongamento da vogal, no latim, o *-īc-u-s* foi refeito, “*-īk-s* (*fēl-īx*, *genitr-īx*, etc.), generalizando-se, por fim, a flexão sobre um tema em *-īk-* e outro em *-āk-* (*capāc-is*, por exemplo)”.

Quanto ao aspecto dos verbos com o sufixo *-sk-* no indo-europeu, Pimentel (1980: 90) escreve que há duplo valor, iterativo e incoativo. Há a possibilidade de o aspecto iterativo ter origem no incoativo “uma vez que a ideia de um processo que se repete produz a impressão de que ele se aproxima da conclusão”. Porque o sufixo *-sc-* pode ser encontrado com aspectos incoativo e iterativo no latim, fato que também ocorre no indo-iraniano, torna-se difícil concluir qual era o aspecto dos verbos formados com esse sufixo no indo-europeu. No grego, as formas em *-ίσκω* eram utilizadas para expressar o estado do verbo *εὕρισκαί*, “eu encontro” e *ἄλίσκομαι*, “sou tomado”.

Assim, Pimentel (1980: 91) entende que a diversidade de valores do sufixo *-sk-* nas línguas indo-europeias não está relacionada com os valores primitivos do *-s-* e do *-k-*. Por esse motivo, esse autor passou a considerar a possibilidade dos valores semânticos das raízes, a que o sufixo *-sk-* se uniam, produzirem tais variações. Ao fato de esses valores estarem “estabelecidos nas duas grandes línguas literárias da Europa, nos séculos que antecedem o surgimento do Cristianismo, parece dever-se a uma longa elaboração, durante a qual se foram paulatinamente estratificando”.

Os sistemas verbais surgidos desse sufixo nas línguas históricas foram explicados pelos tratadistas de forma ambígua. Tratando-se do processo verbal, há a possibilidade de esse sufixo ter sua origem nas diversas concepções do tempo. Sendo assim, as línguas clássicas parecem apresentar, em seus sistemas verbais, uma relação entre as concepções de tempo linear e tempo cíclico. O valor do processo desse verbo estaria representado no significado da raiz. “Tudo isso somado não é difícil compreender que elementos de valor indiferenciado, como devem ter sido o *-s-* e o *-k-* primitivamente, acabassem por constituir um morfema variado de matizes significativos, cuja evolução é quase impossível reconstituir” (PIMENTEL, 1980: 92).

Ainda o mesmo autor afirma que a existência do sufixo *-σκ-* nos verbos gregos é aceita, por causa da presença dessas construções já no indo-europeu. No sistema verbal da língua grega, esse sufixo é encontrado em Homero, formando verbos deverbais e denominais, que são classificados como primitivos; e os derivados destes, são classificados como secundários.

O aspecto é compreendido pelos linguistas alemães como a “maneira de ser da ação” (CAMARA JR., 1970: 141), pois o próprio termo “aspecto” é tradução do vocábulo alemão *Aktionsart*. Camara Jr. (1970: 141) também afirma que o aspecto está relacionado com o “processo verbal do ponto de vista da sua duração”. A distinção dessas ações é exemplificada pelo mesmo autor com o verbo “partir”. Este caracteriza o princípio de uma ação, diferente do verbo “chegar”, que aponta para o final de uma ação. Há verbos que apresentam o desdobramento de uma ação, do início ao fim, como “viajar”, “andar”. Além desses, há verbos que caracterizam a repetição da mesma ação, como “saltitar”.

Para cada característica dessa ação, há uma nomeação, estabelecendo a categoria de aspecto. Nos exemplos apresentados por Camara Jr. (1970: 141), o verbo “partir” é classificado no aspecto inceptivo, como o “andar”, no cursivo e o “chegar”, no cessativo. Além desses aspectos, citando Brugmann (1905: 521 *apud* CAMARA JR. 1970: 142), Camara Jr. informa que ele esquematizou a teoria de diversos tipos de aspectos existentes na conjugação de verbos. O aspecto que demonstra um processo realizado instantaneamente, ou de maneira súbita, é denominado de aspecto momentâneo, ou pontual. O aspecto que assinala a duração de um processo, podendo tornar-se progressivo, ou seja, intensificando-se cada vez mais, ou apenas desenrolar-se, como cursivo, repetindo os processo pontuais, seja iterativo, seja frequentativo, é denominado durativo. Outro aspecto considerado por esse autor ocorre quando há persistência nos efeitos do processo, “à maneira de uma coisa adquirida”; é classificado como permansivo. Quando o verbo assinala apenas o princípio de um processo, é considerado inceptivo; quando assinala o fim de um processo, é denominado conclusivo, ou cessativo. Por último, esse autor, citado por Camara Jr., explica que marcam o fim de um processo, os verbos registrando os resultados, pois são considerados resultativos (BRUGMANN, 1905: 521 *apud* CAMARA JR. 1970: 142).

Com um conceito de aspecto mais amplo e detalhado que os demais autores, o aspecto verbal para Travaglia (2006: 37), precisa abranger “a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna”, é necessário que se refira a “indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si” e também envolver tempo. Dessa forma, esse autor afirma que aspecto é:

uma categoria verbal de tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 2006: 40).

Com o sufixo *-σκ-*, encontram-se, na língua grega, verbos incoativos, aspecto “que acrescenta ao significado do verbo a ideia de ‘início de ação’” (HOUAISS, 2001). Ao apresentarem o sufixo dos verbos incoativos, Ghiselli e Concialini (1987: 133) explicam a etimologia do vocábulo “incoativo” e informam que esta é uma palavra de origem latina *incōhō, ās, āre, āvi, ātum* “começar”.

Na língua grega, o sufixo *-σκ-*, classificado no sufixo *-σκω*, forma verbos de aspecto incoativo, segundo Perfeito (1974: 165). O exemplo de verbo com este aspecto apresentado por Perfeito (1974: 165) é *γηρά-σκω*, “envelhecer ou começar a envelhecer”, denominativo de *γήρας*, “velho”. Freire (1895: 283), assim como Perfeito, também classifica o sufixo *-σκ-* como *-σκω* nos estudos dos verbos derivados, na parte denominada *suffixos incoativos*, exemplificando com o verbo *μυμνή-σκω*, “recordar-se”.

Os verbos incoativos, afirma Atkinson (1952: 135), apontam para o início de um estado ou de uma ação. É possível distingui-los por meio do sufixo *-σκω*, por exemplo, *ηβάσκω*, “sou adolescente”, ou seja, “comecei a crescer”; *γενειάσκω*, “deixo crescer a barba”; *γηράσκω*, “comecei a ficar velho”.

Pimentel (1980: 77) entende que, na língua grega, sufixo *-σκ-* foi utilizado para formar verbos com o aspecto incoativo, como *κνισκομαι*, “concebo”, nesse caso ocorre “a entrada no processo com vistas à conclusão”. Esse sufixo grego passou a ser utilizado na língua latina, como *-sc-*, produzindo verbos que foram utilizados na Vulgata.

## 2.2 O sufixo *-sc-* nos verbos latinos

O sufixo *-sc-* teve origem na língua grega no sufixo *-σκ-*. Ao tratar da etimologia do sufixo *-sc-*, Coutinho (1958: 185) explica que ele é encontrado na língua grega, formando substantivos. Além disso, o autor entende que *-isco* teve origem no grego *-iskos*, fato já explicado por Pimentel, supracitado. Dessa forma, ele entrou no léxico latino como *-iscus*, dando origem ao sufixo *-esco* em português. A formação dos sufixos *-asco*, *-isco* e *-usco*, segundo Coutinho (1958: 185), deu-se por analogia com o *-esco*.

Ocorre abundantemente, por exemplo, no romeno (*floresc, floresti, floreste, florim, floriti, floresc*), no italiano (*fiorisco, fiorisci, fiorisce, fioriamo, fiorite, fioriscono*), no provençal (*florisc, florisses, floris, florem, floretz, florescon*), no francês, onde se generalizou o elemento *-isc* a todo o tema do presente, com exceção do infinito (*je fleuris, tu fleuris, il fleurit* etc.), e em outras língua menores. Se o português e o espanhol apresentam uma conjugação completa com o sufixo incoativo (e.g., port. *florescer*), a razão está muito provavelmente em que aí se generalizou a todos os tempos e modos o sufixo *-esco* (MAURER JR., 1959: 133).

Sendo assim, percebe-se o uso do sufixo *-ēscō*, com a sua variante *-īscō*, não só no modo indicativo e subjuntivo, na primeira, segunda e terceira pessoa do singular, como também na terceira pessoa do plural. Já no imperativo, o sufixo está presente na segunda pessoa do singular. Os demais verbos na conjugação são formados com *-īre*. Essa criação do tipo misto é a fusão de dois tipos de verbos denominativos no latim, os verbos incoativos “em *-ēscō*, como *floresco*, *grandesco*, *putresco* e semelhantes, com certos verbos em *-īre*, que às vezes existiam ao lado daqueles, tendo com eles certa analogia de sentido, *grandio*, *-īre*” (MAURER JR., 1959: 134).

Ainda segundo o mesmo autor, as formas em *-īre* apareceram num uso limitado na língua clássica, ao contrário da popular, com o uso bem diversificado como *putrire*, *florire*, *\*gravire* e *\*dulcire*. As formas correspondentes dos verbos incoativos em *-īre* são conservadas no latim vulgar no restante das flexões, por exemplo, “*grandesco*, *grandescis*, *grandescit*, *grandimus* etc”. Essa mesma confusão também pode ter ocorrido entre os verbos *floresco* e *florire*, como nos verbos *mollesco* e *mollire*.

Para Maurer Jr. (1959: 134), a variante *-īscō* teve origem nos verbos com a forma em *-esco* que “acabaram por ser tomadas como simples desinências dos verbos em *-īre*”. Afirma também a possibilidade de ter existido o cruzamento dos verbos incoativos em *-esco* com os verbos relacionados, em *-eo* e *-ere*, *floresco* e *floreo* e dessa forma teria surgido *flōrēscō*, *flōrēscis*, *flōrēscit*, *flōrēscimus*, *flōrēscitis* e *flōrēscunt*. Esse é justificado pelo mesmo autor por três motivos. O primeiro ocorre pelo fato de esse cruzamento dos verbos em *-io*, *-īre* e em *-esco* serem denominativos e apresentarem significado semelhante, mudança de estado. Além disso, os verbos em *-esco* eram intransitivos e a maioria dos verbos em *-io*, *-īre* era transitivo, com aspecto causativo, por exemplo, *lēnīre*, “acalmar”.

O segundo motivo é justificado pelo surgimento de *-īscō* ao lado de *-ēscō* que se compreende “como resultado da redução do sufixo incoativo a simples desinência da conjugação em *-īre*”. O terceiro e último motivo é explicado pela presença do sufixo incoativo *-ēscō* ou *-īscō* nos verbos da quarta conjugação nas línguas românicas.

Na língua vulgar, as conjugações produtivas eram as do verbo em *-are* e *-esco* / *-īre*. Estes formavam verbos deadjetivais e denominais, como *florire*, *putrire*, *\*albire*, *\*indurire* e *\*admortire*. As demais conjugações, como a em *-ēre*, por exemplo, permaneciam limitadas a um grupo de verbos, *placēre* “parecer”, *olēre* “exalar cheiro”, *parēre* “parecer”, *nocēre* “fazer mal a”, *manēre* “estar magro”, *tacēre* “calar, estar calado”, *iacēre*, *debēre* “dever (dinheiro ou um objeto)”, *vidēre* “ver, olhar” e *habēre* “ter, conter”. A terceira conjugação não foi



produtiva e a quarta conjugação manteve-se mista com os verbos incoativos (MAURER JR., 1959: 135).

Mesmo que a sufixação verbal tenha sido menos produtiva que a nominal, percebe-se que houve criações léxicas com ela. As formações normais no latim vulgar ocorrem com os verbos em *-are* e com os verbos de conjugação mista, seja em *-ēscō*, ou em *-īscō / -ire*. É a conjugação mista em *-ēscō*, ou em *-īscō / -ire* que permaneceu produtiva no latim vulgar, ao lado da primeira conjugação. Os verbos formados por esse sufixo eram denominativos, derivados, na realidade, de adjetivos. Essa formação ocorria em verbos incoativos, em *-escēre*, e também os causativos em *-ire*. Esses verbos apresentavam a acepção de passagem de um estado para outro, com valor causativo. Entende-se que o sufixo incoativo *-escēre* “certamente pertenceu à língua vulgar com o seu valor primitivo, formando deverbais, como *\*merescēre*, *\*contigescēre* e semelhantes, mas acabou por tornar-se obsoleto na maior parte do território latino” (MAURER JR., 1959: 272). Para esse autor, entendendo-se, morfológicamente, a formação dos verbos com sufixo *-esco / -ire*, nota-se a possibilidade de os verbos de estado em *-ēre* terem desaparecidos no latim popular.

A formação dos sufixos *-asco* e *-usco* é compreendida também segundo a posição de Coutinho (1958: 185) já citada, ou seja, ocorreu por analogia com o *-esco*.

Segundo Maurer Jr. (1951: 85), os sufixos latinos apresentaram maior produtividade, ao formarem novos vocábulos na literatura, conservando-se e desenvolvendo-se na língua cotidiana do povo. Essas formações de palavras com sufixos foram muito exploradas pelos escritores africanos, “que eram singularmente afeiçoados aos compostos com as preposições *in-*, *con-*, *sub-* etc”. Essa informação de Maurer Jr. deve ser considerada nesta pesquisa, visto que muitos textos do Novo Testamento foram traduzidos do grego para o latim no norte da África. Jerônimo teria analisado esses textos, corrigindo-os à luz do Novo Testamento grego. Assim, se os sufixos foram utilizados pelos autores do norte da África, encontra-se a possibilidade de os autores bíblicos da mesma região também terem traduzido o Novo Testamento, utilizando sufixos, como mencionado por Maurer Jr., os quais podem ter sido aceitos por Jerônimo.

Escrevendo a respeito da formação dos verbos latinos, Faria (1958: 51) afirma que, assim como ocorre no português, a raiz apresenta o sentido fundamental do vocábulo no latim. A técnica de isolar a raiz para compreender o significado do vocábulo também é utilizada para o sufixo e para a desinência. O isolamento da raiz torna-se difícil, quando o tema e a desinência formam os elementos principais. Com essa morfologia, a base para a flexão é o tema. Este pode ser somente a raiz, ou a própria raiz com um ou mais sufixos.

Sendo assim, o tema pode ser considerado como “toda a palavra menos, a desinência” (FARIA, 1958: 51).

Quanto aos verbos latinos, percebendo o que é mais frequente no idioma, Faria (1958: 157) entende que eles são divididos em três partes. São elas: o radical, o sufixo temporal e as desinências pessoais. A ordem dessas partes é fixa. A parte inicial do verbo é denominada de radical verbal. Esta abrange a significação geral do verbo e possui, em seu final, a vogal característica da conjugação.

Na sua abordagem de sufixos formadores de verbos, Faria (1958: 282) apresenta, dentre os que ele considera principais, o sufixo *-sco*. Os exemplos mencionados por ele são “*silēscō, is, ěre*, ‘tornar-se silencioso’, de *silēō, silūi* ‘calar-se’; *senēscō, senūi*, ‘envelhecer’ de *senēō, senūi*, ‘ser velho’” (FARIA, 1958: 282).

Com esse conceito de sufixo, no próximo momento, analisar-se-á, num primeiro momento, a presença de verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata. Depois disso, iniciar-se-á a análise comparativa entre as assertivas dos linguistas a respeito da gramaticidade dos verbos com sufixo *-sc-* e a gramaticidade dos verbos com sufixo *-sc-*, encontrados na Vulgata. Também serão consideradas as características desses verbos que não foram tratadas pelos linguistas.

Destarte, abordar-se-á a gramaticidade dos verbos com sufixo *-sc-*, iniciando com a separação entre os parassintéticos e não parassintéticos. Depois, será considerada a formação dos verbos com sufixos *-asco*, *-esco* e *-isco*.

### 2.3 O conceito do sufixo *-sc-* nos verbos dissílabos

Ao estudar os verbos formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, encontrou-se o verbo *crēscō, crēvī, crētum*, “brotar”, “nascer”. Entende-se que *-sc-* é um sufixo verbal, porém no verbo *crēscō*, o sufixo *-sc-* está no radical do verbo. Nesse caso, o sufixo *-sc-* só é aceito como sufixo, se for considerada a etimologia do verbo no indo-europeu. Essa consideração pode ser encontrada em vários autores que apresentam o verbo *crēscō* como exemplo para apresentar o sufixo *-sc-*.

Ao abordar a raiz de um vocábulo, Câmara Jr. (1970: 41) afirma:

em linguística sincrônica, a raiz só pode ser o núcleo do vocábulo, a um tempo semântico e formal. Em outros termos, cada vocábulo apresenta em dado estado linguístico uma raiz, que não depende das que teve em estados anteriores [...] Mas

nem todos os teóricos a seguem *essa doutrina*<sup>3</sup>. Introduzem uma concepção histórica no caso. Deduzem uma raiz na protolíngua correspondente, o indo-europeu, por exemplo, e, tomado esse ponto de partida, a consideram a raiz originária, procurando assinalá-la em cada estado linguístico, sem atentar para a sua nova situação nas novas correlações sincrônicas (CAMARA JR. 1970: 41).

Almeida (1990: 237) parece considerar a protolíngua para descrever os verbos incoativos no latim, da terceira conjugação e formados com *-sco*, por exemplo, *ingemiscō, is, ěre*, “começar a gemer” e *inveterāscō, is, ěre* “começar a ficar velho”. Afirma também que o grupo *-sc-* “desaparece no perfeito e quase sempre no supino”. Explica que esses verbos são deverbais, que pertencem à terceira conjugação, raramente às demais. Os exemplos para esses casos são os verbos *crēscō*, com o perfeito *crēvī* e supino *crētum*, “nascer”, “crescer”, “aumentar”; *nōscō*, com o perfeito *nōvī* e o supino *notum* “conhecer”; *pascō*, com o perfeito *pāvī* e o supino *pastum* “apascentar”, “alimentar”.

Nos exemplos de verbos latinos com o sufixo *-sc-* mencionados por Almeida, percebe-se que a etimologia deles é considerada, porque ao afirmar que o verbo *crēscō* “nascer”, “crescer”, “aumentar” é formado com esse sufixo, o autor precisou recorrer ao indo-europeu. É perceptível essa sua posição até mesmo em outros exemplos como os verbos *nōscō*, “conhecer” e *pascō*, “apascentar”, “alimentar”. Segundo Silva (1988: 238) o verbo *crēscō*, “nascer”, “crescer”, “aumentar”; “crescer” tem origem no indo-europeu *\*krē-sko*, assimilado pelo latim na forma de *crēscĕre*. Considerando que o *-sk-* é sufixo no verbo *krē-sko*, o que não ocorre com o sufixo *-sc-* no verbo latino *crēscō*, entende-se, assim, que Almeida opta pela etimologia dos verbos para considerar a presença do sufixo estudado.

Esse mesmo conceito de sufixo também é encontrado na gramática latina de Guardia & Wierzeyski (1876: 263), quando eles apresentam o sufixo *-sc-* com exemplos como *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, “crescer” e *pascō*, *pāvī*, *pāstum*, “alimentar”. Além disso, esses autores também defendem que os verbos latinos formados com o sufixo *-sc-* são incoativos, marcando o início de uma ação.

O mesmo ocorre com Furlan (2006: 154), ao explicar os verbos “denotativos da categoria aspectual de desenvolvimento da ação” (FURLAN, 2006: 154). Ao explicar que o sufixo *-sco* é incoativo, apresenta uma informação sobre o vocábulo “incoativo”, esclarecendo que esse tem origem na palavra grega *inchoare*, com o significado de “começar”. Os exemplos apresentados por esse autor são os verbos *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, “crescer”, ou, então, “começar a criar”; *valĕō*, *ūī*, *ītum* ~ *convalēscō*, *valūī*, que forma outro vocábulo na

<sup>3</sup> Itálico nosso.

língua portuguesa com *-sc-*, “convalescer”, ou “começar a ter saúde”; *gemō, ūi, ĭtum ~ ingemiscō, gemūi* que também apresenta o significado de iniciar a ação, ou seja, “começar a gemer” e *flōrēō ~ flōrēscō*, que significa “florescer” ou “começar a florir” (FURLAN, 2006: 154).

Ao explicar a respeito do sufixo *-sco*, Faria (1958: 244) faz menção dos verbos *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”, *discō, didīcī*, “aprender”, *dūrēscō, dūrūi* “endurecer” e *obdormiscō, is, ěre* “adormecer”. Com a exemplificação desses verbos, percebe-se que o autor considera o sufixo *-sc-* presente no verbo *crēscō* e *discō*.

Haverling (1991: 41) menciona o verbo *crēscō, crēvī, crētum*, mas não o classifica como formado pelo sufixo *-sc-*, porém, ao explicar que alguns verbos mais antigos são formados com o sufixo *-sco*, exemplifica com o verbos *poscō, poposcī*<sup>4</sup> “pedir, reclamar, exigir” e *proficiscōr*, “partir”. Esses verbos não apresentam o sentido incoativo, por não descreverem o início de uma ação. Essa sugestão da função incoativa do sufixo *-sco*, em grande quantidade de verbos latinos, deriva da analogia com o *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”, “brotar”.

Segundo Blaylock (1975: 436), o sufixo *-sk-* formou verbos incoativos e essivos. Ele entende que não é pelo fato de os gramáticos afirmarem que o sufixo *-sk-* é incoativo, que realmente ele é incoativo ou inceptivo. Para esse autor, essa classificação não é coerente com o indo-europeu. “Na realidade, a carga semântica desse sufixo normalmente envolve uma transição gradual para um novo estado, um significado equivalente a ‘transformar-se’ em vez de ‘iniciar’”<sup>5</sup>. No latim mais antigo, é possível encontrar formas simples de incoativo numa mesma raiz, como *scī-sc-ō*, “procurar saber, informar-se”; *rubē-sc-it*, “tornar-se vermelho”. Esse padrão de sufixo, afirma Blaylock, parece ter sido o modelo para a formação de novos vocábulos no latim tardio. Apenas duas famílias de palavras utilizaram a vogal “o” antes do sufixo *-sc-*, a da *(g)nōscō* e da *pōscō* (BLAYLOCK, 1975: 435).

Pela consideração dos gramáticos e linguistas do sufixo *-sc-* nos verbos dissílabos, notou-se que a maioria concorda que, no verbo *crēscō, crēvī, crētum*, a presença de *-sc-* caracteriza um sufixo, aceitando a etimologia do verbo no indo-europeu, com o sufixo *-sk-*.

O sufixo verbal *-sc-* foi encontrado na Vulgata e esta é um documento do século IV d.C.. Entendendo que o período em que esse sufixo foi usado na língua latina e também é tema de pesquisa para os linguistas, notou-se a necessidade de verificar se as assertivas dos

<sup>4</sup> Segundo Torrinha (1942), o verbo *poscō, poposcī* tem sua origem em “\**porcscō*, proveniente do grau reduzido da raiz \**prek-* (> *precēs*) com o sufixo incoativo *scō* relacionado com *precēs, precor*”.

<sup>5</sup> “In reality, the semantic thrust of our suffix usually involves a gradual transition into a new state, a meaning equivalent to ‘becoming’ rather than to ‘beginning’” (*tradução nossa*).

linguistas a respeito da época em que esse sufixo é usado, converge ou não para a pesquisa na Vulgata, pois nesta o sufixo *-sc-* está presente.

#### 2.4 O sufixo *-sc-* e seus correspondentes na Vulgata e nas obras dos linguistas

Na Vulgata, do total dos verbos encontrados com o sufixo *-sc-*, apenas dois (02) deles são parassintéticos. São eles: *compescō*, *-pescūi*, “conter”, “reter”, “reprimir” e *īsolēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se orgulhoso”, “insolente”, “arrogante”, “tomar um aspecto desusado”. Entende-se como parassintéticos, os verbos que sofreram uma aglutinação de prefixo e sufixo num mesmo radical, ao mesmo tempo. Rio-Torto (1998: 90) utiliza o termo circunfixação para descrever a parassíntese. Na língua portuguesa, os verbos parassintéticos são apenas os denominais e os deadjetivais. Sendo assim, “os segmentos que, colocados imediatamente à esquerda e à direita do radical de base, perfazem o circunfixo”. A autora justifica o uso desse termo com dois motivos: o primeiro consiste no fato de esse processo ser considerado afixação e o segundo, pelo fato de a parassíntese ser compreendida como dois processos distintos, ou seja, sucessividade afixal. Nesta, ocorreria a prefixação seguida de sufixação, ou a sufixação seguida de prefixação. Para a autora, na circunfixação não pode ocorrer a sucessividade dos fatos, pois a adjunção do prefixo e sufixo deve ocorrer de forma simultânea (RIO-TORTO, 1998: 90).

Entende-se que a parassíntese consiste em uma forma de vocábulo inaceitável na língua, sendo resultado de uma omissão, tanto de sufixo, como de prefixo. Como exemplo, pode-se citar o verbo “aclerar”. Não existe o verbo *\*clarar*, nem o verbo *\*aclaro*. Percebe-se assim, que a parassíntese é compreendida pela “simultaneidade dos afixos” (KEHDI, 1989: 394). Os prefixos descritos por Kehdi que colaboram para a formação de parassíntese são o *a-*, *em-*, *es-*, *des-* e *res-*. São prefixos de aspecto dinâmico, pois em “desfolhar”, percebe-se a presença do prefixo *des-* como ação de separar. No verbo “embarcar”, o prefixo *em-* caracteriza um movimento para dentro. Esses prefixos reforçam a formação de verbos, pois caracterizam ação. Isso não significa que não haja substantivos parassintéticos, como as formas “desalmado”, visto que não existe *\*desalma*, nem *\*almado*. Assim também ocorre com “subterrâneo”, pois são inexistentes as formas *\*subterra* e *\*terrâneo* (KEHDI, 1989: 394).

Tratando-se dos verbos que apresentam um radical adjetivo que expressa cor, poder-se-ia afirmar que esses verbos não são parassintéticos, por exemplo, “azular” e “amarelar”. Existem os vocábulos “azul” e “amarelo”, ambos os adjetivos iniciados pela vogal *a-*. Além

desses verbos derivados de adjetivos que caracterizam, há também “avermelhar”, “arroxear”, “alaranjar” e “acinzentar”, que são parassintéticos. Sendo assim, Kehdi explica que os verbos “azular” e “amarelar” são parassintéticos, porque

como os adjetivos ‘amarelo’ e ‘azul’ começam pela vogal a-, podemos admitir que houve a crase desse a- inicial do radical com o prefixo a-: *aamarelar* > *amarelar*.

A regra fonológica da crase é comum na morfologia portuguesa, conforme o ilustram os exemplos: *normal* (de *norma* + *al*), *gostoso* (de *gosto* + *oso*).

Parece-nos, portanto, plausível considerar os verbos *amarelar* e *azular* como parassintéticos [...] Assim também devem ser classificados verbos como *requentar* e *reverdecer*, embora nossos dicionários registrem as formas *quentar* e *verdecer*, o que poderia dar-nos a impressão de que as primeiras formas são derivadas por prefixação (KEHDI, 1989: 395).

Considerando os verbos “refrescar” e “refinar”, entende-se que são parassintéticos, pois não existe *\*frescar* nem *\*finar*. Com esse método, percebe-se que o verbo “reverdecer” é formado do adjetivo “verde”, *re* + *verde* + *ecer* e o verbo “requentar”, do adjetivo “quente”, *re* + *quente* + *ar*. Kehdi (1989: 396) também afirma que há vocábulos com aparência de parassintéticos, mas na realidade, são um derivado prefixal. Para exemplificar essa afirmação, o autor recorre ao adjetivo “inquebrantável”. O fato de não existir *\*inquebrantar*, nem *\*quebrantável* direciona o pensamento das pessoas para entenderem que “inquebrantável” é parassintético. Não se pode esquecer que existe “indesejável”, “impensável”, “inquebrável”, demonstrando que há um prefixo no adjetivo e não no verbo, pois não existe *\*indesejar*, *\*impensar* e *\*inquebrar*. Sendo assim, esses adjetivos são derivados prefixais.

No caso de verbos como “espigar”, “bandeirar” e “largar” percebe-se que não há prefixo. Sendo assim, as formas “respigar”, “embandeirar” e “alargar” não podem ser caracterizadas por parassintéticas. Além disso, faz-se necessário considerar a semanticidade dessas estruturas. Nos seis verbos mencionados, nota-se que a relação não se dá apenas pela estrutura, pois o verbo “respigar” tem o significado de “recolher espigas” e o verbo “espigar”, o significado de “criar espigas” sejam de milho ou de trigo. O verbo “embandeirar” tem o significado de “ornar com bandeiras”, já no verbo “bandeirar”, o significado é de “ser bandeirante”. O verbo “alargar” apresenta o significado de “tornar largo” e o verbo “largar”, o significado de “soltar”. Logo, é possível notar a diferença de significados nesses verbos mesmo com estruturas morfológicas semelhantes (KEHDI, 1989: 397).

Nesse caso, os três verbos “espigar”, “bandeirar” e “largar” apresentam o radical como elemento comum com os seus derivados. O verbo “respigar” é formado de *re* + *espig* + *ar*; o verbo “embandeirar” é formado de *em* + *bandeira* + *ar*; e o verbo “alargar” é formado de “a

+ *larg(o) + ar*”, visto que em “largar”, encontra-se *largo(o) + ar*. Sendo assim, entende-se que esse três verbos são parassintéticos. “A omissão do prefixo implicaria um significado diferente para cada um desses verbos; para o sentido que apresentam, o prefixo é indispensável”. A semanticidade também colabora para a caracterização da parassíntese desses verbos. A parassíntese não se limita apenas na simultaneidade dos afixos; “o exame de subsistemas, bem como a análise do aspecto semântico, são, também, critérios indispensáveis para a caracterização desse processo de formação vocabular” (KEHDI, 1989: 397).

A permanência de recursos para expressões antigas no uso popular demonstra muitos vestígios de verbos frequentativos e intensivos, bem como a preferência por novos sufixos verbais, como *-icare* e *-iare* e prefixos redundantes e expressivos, como *in-*, *ad-* e *ex-* nos parassintéticos. Por outro lado, a língua clássica evitou construções sintáticas e termos estrangeiros, como gregos, por exemplo. Os vocábulos gregos foram para a língua latina em um período mais antigo, por via popular “incorporando-se depois ao patrimônio léxico latino” (MAURER JR., 1962: 185).

Derivado do grego, o vocábulo parassintético significa “*pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina). Na língua portuguesa, pode-se exemplificar essa característica de verbo com “repatriar”. Formado com o prefixo *re-*, o radical *pátri(a)* e o sufixo *-ar*, percebe-se a necessidade de ambos os afixos, pois não existe o substantivo “repátria”, nem o verbo “patriar” (CUNHA & CINTRA, 2001: 102).

Como supracitado, dos dois (02) verbos parassintéticos encontrados na Vulgata, nota-se que *īnsolēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se orgulhoso”, “insolente”, “arrogante”, “tomar um aspecto desusado” é derivado do verbo intransitivo *solēō*, *solītus sum*, “ter por costume”, “costumar”, “estar habituado”, “ter trato ou comércio carnal com”, necessitando do prefixo *in-* e do sufixo *-sc-* simultaneamente para formar o verbo *īnsolēscō*. Nota-se assim, que não há o verbo *\*solesco*, nem o verbo *\*insoleo*.

O mesmo ocorre com alguns verbos transitivos na Vulgata, *compescō*, *-pescūī*, (*pescītum*) *\*comper(c)sco* < *com-* + *parcō* + *-sc* “conter”, “reter”, “reprimir”, “dominar”, “fazer cessar”, pois sua formação é *com-* + *parcō* + *-sc*. O verbo *compescō* é derivado do verbo transitivo, *parcō*, *peperci* (ou *parsī*) *parcītum* ou *parsum*, “abster-se de”, “poupar (alguma coisa ou uma pessoa)”, “economizar”, “reservar”, “guardar”, “desistir de”, “considerar”, “respeitar”, “tratar com atenção”, “perdoar”, “não fazer mal”. Entende-se assim, que houve o uso dos afixos *com-* e *-sc-* simultaneamente, ou seja, não há o verbo *\*pesco*, *\*parcesco* nem o verbo *\*comparco*.

Dentre os linguistas que tratam da produção de verbos parassintéticos com o sufixo *-sc-*, consideram-se as afirmações de Kobayashi (1988: 396), de que essas construções ocorrem apenas com verbos incoativos. Na Vulgata, porém, não é assim. Nos dois (02) verbos parassintéticos encontrados com o sufixo *-sc-*, um deles, *īnsolēscō, -is, -ēre*, “tornar-se orgulhoso”, “insolente”, “arrogante”, “tomar um aspecto desusado” apresenta o aspecto incoativo, já o outro, *compescō, -pescūī*, “conter”, “reter”, “reprimir”, o aspecto conclusivo.

Os aspectos desses verbos foram observados isolados na Vulgata, pois assim também fez Kobayashi (1988: 396). Na comparação entre a assertiva de Kobayashi e a Vulgata, percebeu-se que esse linguista não considerou o texto bíblico, ao abordar o aspecto dos verbos com sufixo *-sc-*. Como exemplo, encontra-se no texto bíblico o verbo *compescō, -pescūī*, “conter”, “reter”, “reprimir”, que apresenta um aspecto conclusivo, pois o prefixo *con-* caracteriza o aspecto de “acabamento”, “conclusivo”, não se confirmando a assertiva de Kobayashi.

Perceberam-se outras características desses dois (02) verbos que não foram consideradas pelos linguistas, entre elas, a transitividade. Segundo Cunha e Cintra (2001: 135), entende-se por verbo intransitivo, quando “a ação está integralmente contida” nele mesmo. Já o transitivo exige “certos termos para completar-lhes o significado” (CUNHA & CINTRA, 2001: 135). Sendo parassintéticos, os verbo *compescō, -pescūī* é transitivo e *īnsolēscō, -is, -ēre*, intransitivo. Ambos são deverbais, apresentam o supino e são da terceira conjugação. Quanto ao aspecto deles, *compescō, -pescūī* é conclusivo e *īnsolēscō, -is, -ēre* é incoativo.

Considerando que o período da produção da Vulgata se deu no século IV d.C., e que até mesmo alguns textos latinos do Novo Testamento tenham sido produzidos no século III d.C., entende-se que o latim desses textos seja classificado como pós-clássico. Verificou-se, a partir da Vulgata, a predicação ou transitividade dos verbos construídos com sufixo *-sc-* nesse período.

Para Väänänen (1985: 237), os verbos com o sufixo *-sc-* no latim eram limitados apenas aos intransitivos, depois passou a abranger os transitivos como *īnsuēscere* e *assuēscere*, “acostumar” e “acostumar-se”. Este é um fato que ocorreu desde o latim antigo. No baixo latim, o sufixo *-sc-* aparece nos verbos *innotēscere*, “dar a conhecer” e *augēscere*, “aumentar”. Ainda que os verbos transitivos passassem a ser produzidos mais tarde com o sufixo *-sc-*, conforme Väänänen, não é isso que se encontra na Vulgata, pois ali prevalece a presença de verbos intransitivos.



Para analisar os verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata, considerou-se a afirmação de Faria (1958: 51) quanto à estrutura do verbo. No latim, os elementos mórficos do verbo são designados como raiz, sufixo e desinência. Seguindo essa ordem, para a formação dos verbos, ou seja, a raiz em primeiro lugar, depois os sufixos e, por último, as desinências, encontrou-se no texto bíblico de Jerônimo o sufixo verbal latino *-sc-*, correspondente ao sufixo verbal grego *-σκ-*.

Dos sufixos *-asco*, *-esco* e *-isco*, notou-se na Vulgata, que prevalecem os verbos com *-esco*. Sendo um documento do século IV d.C., poder-se-ia considerar a presença desses sufixos nesse período, porém nesta pesquisa utilizou-se apenas a Vulgata como *corpus*. Como já foi mencionado, Coutinho (1958: 185) entende que é do sufixo grego *-iskos* que surgiu no latim o *-isco*. Logo, foi do sufixo latino *-iscus* que surgiu o sufixo *-esco*. Os sufixos *-asco*, *-isco* e *-usco*, teriam surgidos por analogia com o *-esco*.

O uso do sufixo *-asco* na Vulgata é notado apenas no verbo incoativo *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”. Segundo Torrinha (1942), esse verbo também pode ser grafado com o sufixo *-esco*, como *contenebrēscō, is, ěre*, porém, esse mesmo vocábulo com essa grafia não é encontrado na Vulgata, mesmo sendo o sufixo *-esco* encontrado em grande quantidade na Vulgata. O dicionário não especifica quando houve opção pelo uso do sufixo *-asco* ou o *-esco*, porém, na Vulgata, o sufixo *-asco* é encontrado apenas uma vez. O prefixo *con-*, já citado nesta pesquisa, utilizado para formar o verbo *con- + tenebrāscō, is, ěre*, entre outros significados, pode ser encontrado nas formas de *com-*, *con-* e *co-* designa “intensidade” e “simultaneidade”. A caracterização do aspecto incoativo *contenebrāscō, is, ěre* é perceptível em sua formação. O verbo *tenēbrō, ās, āre*, “escurecer” e “tornar-se escuro” já apresenta o início de uma ação.

Os verbos com o sufixo *-isco* que há na Vulgata são o incoativo *ingemīscō, -is, -ěre, -gemūī*, “gemer”, “lamentar-se” e o conclusivo *revīvīscō, -is, -ěre, revīxī, revīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”. O verbo *fervēscō, -is, -ěre*, “ferver, borbulhar”, que também pode ser grafado, *fervīscō*, também encontrado na Vulgata, é incoativo.

Na tabela 2.1 e no gráfico 2.1 será possível visualizar a presença dos verbos com sufixos *-asco*, *-esco* e *-isco* na Vulgata. Optando pelo *contenebrāscō, is, ěre* em vez de *contenebrēscō, is, ěre*, e optando por *fervīscō, -is, -ěre* em vez de *fervēscō, -is, -ěre*, encontra-se a seguinte disposição desses verbos na Vulgata.

**Tabela 2.1 – Verbos com sufixos *-asco*, *-esco* e *-isco* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
Sufixo <i>-asco</i>	01	1,6%
Sufixo <i>-esco</i>	57	93,4%
Sufixo <i>-isco</i>	03	4,9%

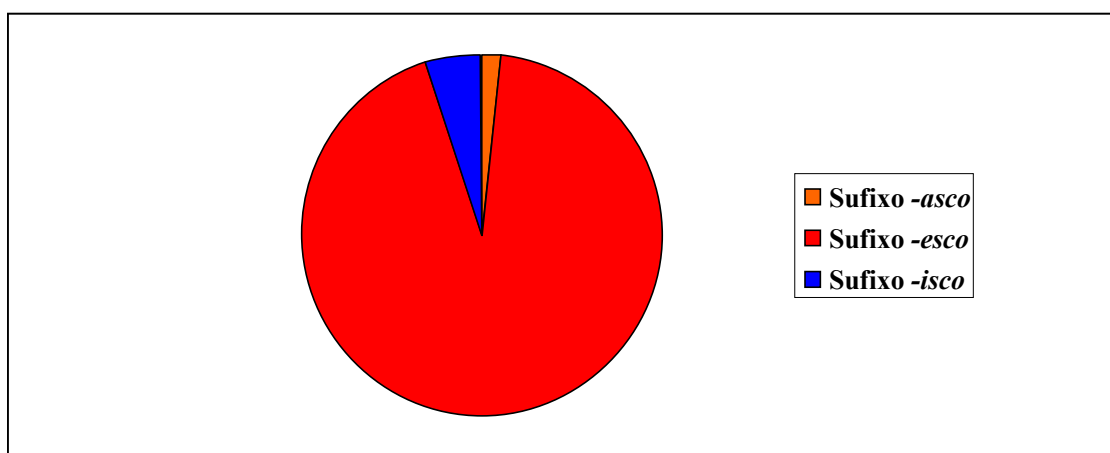


Gráfico 2.1 – A presença (porcentagem) de verbos com sufixos *-asco*, *-esco* e *-isco* na Vulgata.

Os verbos, na Vulgata, formados com os sufixos *-esco*, e *-isco* não são apenas incoativos e não são apenas de terceira conjugação, como foi afirmado por Ravizza (1958: 166). O verbo com o sufixo *-asco*, *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas” é incoativo. Já os verbos com os sufixos *-esco* e *-isco* encontram-se, na Vulgata, de aspecto durativo, *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar” e de aspecto pontual, como *ingravēscō, -is, -ěre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”. Com o sufixo *-isco* encontrou-se verbo com aspecto conclusivo, *revivēscō, ou revivīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”, não existindo apenas os incoativos, como escreve Ravizza (1958: 166).

Além de verbos com aspecto incoativo, há também os de aspecto durativo, pontual e conclusivo. A assertiva de Ravizza (1958: 166) é fundamentada em verbos que não foram encontrados na Vulgata como, “de *inveterare* formam-se *inveterāscō, is, ěre*, ‘envelheço’; de

*convaleo*<sup>6</sup>, *convalēscō*, *valūī*, ‘recobro a saúde’; de *rubēō*, *ēs*, *ēre*, *rubēscō*, *rubūī*, ‘enrubeço’; de *obdormiō*, *īvī* ou *īī*, *ītum obdormīscō*, *is*, *ēre*, ‘adormeço’” (RAVIZZA, 1958: 166).

Duarte<sup>7</sup> explica que há uma relação entre os sufixos *-esco* e *-asco*. Segundo ele, este surgiu por analogia daquele apenas dos verbos derivados em *-are*. Exemplo disso é verbo deadjetival *tenerāscō*, *-īs*, *-ēre*, “tornar-se tenro”, do adjetivo *tener*, *-ēra*, *ērum*, “tenro” e o dessubstantival *vesperāscō*, *-is*, *-ēre*, *-rāvī*, “aproximar-se a noite” do substantivo *vesper*, *-ērī*, *-ērīs*, “tarde”.

Ainda o mesmo autor afirma que o sufixo *-sc (ere)* estava relacionado aos verbos intransitivos no latim, mas no latim vulgar, a formação desses verbos com esse sufixo sofreu alterações, propiciando a formação de verbos transitivos como do latim arcaico. Assim o sufixo *-esc (ere)* é um alomorfe do *-sc (ere)* (DUARTE<sup>8</sup>).

Kobayashi (1988: 397), ao abordar os sufixos *-isc* e *-esc*, afirma que no período do latim clássico, possivelmente, houve a troca no uso do *-iscere* por *-escere*. Já a troca do *-escere* por *-iscere* teria ocorrido no início do século IV d.C.. Para os gramáticos do século V, as formas como *clārēscō*, *is*, *ēre* e *clārīscere* “tornar-se claro” não eram criticadas. Nota-se, porém, que a forma *clārīscere* não é encontrada no dicionário de latim Torrinha (1942), nem no de Faria (1962); já *conticīscō*, *ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar” e “ficar silencioso” é encontrado nesses dois dicionários.

Na assertiva de Kobayashi quanto ao uso do *-escere*, esse sufixo, posteriormente, foi substituído por *-iscere* no início do século IV d.C., fato que não é confirmado na Vulgata. Mesmo que nesta haja a presença dos verbos com o sufixo *-iscere*, como *contremīscō*, *tremūī*, “começar a tremer”, “tremer inteiramente”, “vacilar”, “hesitar”, “recear” e “ter medo de” e *expergīscor*, *perrēctus*, “despertar”, “acordar”, não significa que, no período de escrita da Vulgata, prevalecia a terminação *-iscere* como afirma Kobayashi (1988: 397). Afinal, dos sessenta e um (61) verbos com sufixo *-sc-*, cinquenta e cinco (55) tem sufixo *-escere*, cinco (05), sufixo *-escare* e dois (02) têm *-iscere* prevalecendo no *corpus* o sufixo *-escere* e não o *-iscere* como disse Kobayashi quanto ao início do século IV d.C.

O sufixo *-sc-* no latim é explorado por Pimentel (1980: 123) em suas pesquisas. Os seus estudos demonstram que houve uma substituição dos verbos simples pelos compostos,

<sup>6</sup> *Convaleo* não foi encontrado nos dicionários de latim, apenas *convalēscō* e *valēscō*.

<sup>7</sup> DUARTE, Paulo Mosânio T. *Bases diacrônicas para as relações de causatividade e processualidade em português: a gênese da voz média*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno10-08.html>> Acesso em: 19 fev. 2011.

<sup>8</sup> DUARTE, Paulo Mosânio T. *Bases diacrônicas para as relações de causatividade e processualidade em português: a gênese da voz média*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno10-08.html>> Acesso em: 19 fev. 2011.

denominados também de derivados. Isso ocorreu no momento em que as palavras perdiam sua expressividade, o que gerou a permanência dos verbos frequentativos e incoativos. Os verbos incoativos que permaneceram nas línguas românicas foram os formados com *-escēre* e *-iscēre*. Sufixos como *-āscō* e *-ōscō* não chegaram a se desenvolver no latim popular e no tardio. O sufixo latino *-sc-* era precedido das seguintes vogais: “a”, “e”, “i” e “u”. Na Vulgata, porém, não se encontrou o sufixo *-sc-* precedido da vogal “u”, e em relação a vogal “a”, por mais que o verbo *contenebrēscō, is, ěre* possa ser grafado *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro”, na Vulgata, encontra-se a primeira opção, ou seja, o sufixo *-sc-* precedido da vogal “e”, como afirma Pimentel (1980: 123), a respeito dos sufixos *-āscō* e *-ōscō*.

Até mesmo no período clássico da língua latina, a produtividade deles não foi intensa, a não ser em vocábulos como *nāscor, nātus*, “nascer”; *pāscō, pāvī, pāstum*, “alimentar”; *īrāscor, īrātus sum*, “irar-se”; *nōscō, nōvī, nōtum*, “conhecer”. Os verbos formados com *-ēscō* permaneceram por longo tempo no latim. Dentre eles, pode-se destacar *mātūrēscō, rūī*, “amadurecer”; *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”; *adolēscō, ēvī, ultum*, “crescer”, “tornar-se maior”; *miscēō, ūī, mixtum*, “misturar” e *suēscō, suēvī, suētum*, “acostumar-se” (PIMENTEL, 1980: 124). Esses fatos também ocorrem na Vulgata.

Outros verbos com o mesmo sufixo surgiram no período clássico, tais como *calēscō, is, ěre*, “aquecer-se, tornar-se quente”; *augēscō, is, ěre*, “começar a crescer”; *flōrēscō, is, ěre*, “começar a florir, florescer”. Pimentel (1980: 124) acredita que, desses verbos, “boa parte, no entanto, parece ter sido vivaz apenas na língua popular, ou só na poesia, ressurgindo no latim tardio: *adēscō, compēscō, rubēscō, albēscō, crudēscō, nitēscō, fervēscō*, etc.” (*sic.*) (PIMENTEL, 1980: 124).

Os verbos em *-īscō* também estiveram presentes na língua latina de forma semelhante aos em *-ēscō*. Alguns desses verbos aparecem desde Plauto até o latim tardio, ou até os escritos clássicos. Os verbos destacado por Pimentel (1980: 124) nesse período são “*expergīscor, oblivīscor, nancīscor, pacīscor, proficīscor, apīscor*”<sup>9</sup>, etc.” (*sic.*) (PIMENTEL, 1980: 124). Já o verbo *dehīscō, is, ěre*, “abrir-se, entreabrir-se, fender-se” aparece apenas em períodos tardios e não antes de Augusto.

Esses sufixos, *-ēscō* e *-īscō* apresentaram um desenvolvimento significativo a partir do século III d.C., como, por exemplo, *dormīscō* e *parēscō*<sup>10</sup>. Estes aparecem como verbos intransitivos, visto que, nessa época, deixaram de ser incoativos e passaram a pertencer à classe dos transitivos, como ocorreu com os compostos de *nōtēscō, nōtūī*, “tornar-se

<sup>9</sup> *Itálico nosso.*

<sup>10</sup> Esses verbos, *dormīscō* e *parēscō*, não estão registrados em Torrinha (1942).

conhecido, fazer-se conhecido” e *suēscō, suēvī, suētum*, “acostumar-se, habituar-se”, como também com os simples, por exemplo, *augēscō, is, ěre*, “começar a crescer” (PIMENTEL, 1980: 124).

Estudar-se-á, nesse momento, a relação existente entre os verbos parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata e as assertivas dos linguistas e o uso do sufixo *-sc-* nos verbos dissílabos. Percebendo que os verbos não parassintéticos aparecem na Vulgata em maior quantidade, optou-se por trabalhar com eles no próximo capítulo.

### 3 A GRAMATICIDADE DOS VERBOS NÃO PARASSINTÉTICOS COM SUFIXO -SC- NA VULGATA

Ao analisar os verbos não parassintéticos à luz do conceito de transitividade ou predicação retrocitado, encontraram-se na Vulgata, cinquenta e sete (57) verbos não parassintéticos, intransitivos e dois (02) transitivos. Além da transitividade, observou-se também aspecto, conjugação e a presença do supino nos verbos não parassintéticos. Dessa forma, notaram-se outras informações, que não foram apontadas pelos linguistas.

São verbos não parassintéticos: *accrēscō* (*adcr-*) *-ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *acquiēscō* (*adquiēscō*), *ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”; *adhaerēscō*, *-haesī, -haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”; *adulēscō*, ou *adolēscō*, *-ēvī, -ultum*, “crescer”, “engrossar”; *ārdēscō*, *-is, -ēre* [*ardeo*], “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō*, *-is, -ēre* [*areo*], “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *concrēscō*, *crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação; *conquiēscō*, *-quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”; *contābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *contenebrāscō*, *is, ēre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *conticēscō* ou *conticīscō*, *-ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremēscō* ou *contremīscō*, *-tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *crēscō*, *crēvī, crētum*, “crescer”; *dēcrēscō*, *-crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”; *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, *-rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, *-ārsī, -ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *expergīscor*, *-perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *fervēscō*, *-is, -ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō*, *-is, -ēre*, [*flaveo*] “tornar-se amarelo”, “secar”; *illūcēscō* ou *inlūcēscō*, *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *immarcēscō*, *-is, -ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is, -ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *ingravēscō*, *-is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *lassēscō*, *-is, -ēre* [*lassus*] “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *liquēscō*, *-licūī*,

“tornar-se líquido”; *marcēscō*, *-is*, *-ĕre*, [*marceo*] “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mātūrēscō*, *-rūī*, “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *mollēscō*, *-is*, *-ĕre*, [*molis*], “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *nigrēscō*, *-nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō*, *mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obrigēscō*, *-rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirto”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *obsurdēscō*, *-obsurdūī*, “tornar-se surdo”; *obtenebrēscō*, *is*, *ĕre*, “cobrir-se de trevas”; *pertimēscō*, *-timūī*, “espantar-se”, “ter muito medo”; *pinguēscō*, *-is*, *-ĕre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō*, *-is*, *-ĕre*, [*pluma*] “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō*, *-is*, *-ĕre*, [*puter*] “estragar-se”, “apodrecer”; *quiēscō*, *-quiēvī*, *-quiētum*, “repousar”, “estar em repouso”, “descansar”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *senēscō*, *-is*, *-ĕre*, *senūī*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”; *sordēscō*, *sordūī*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”; *splendēscō*, *-is*, *-ĕre*, *splendūī* [*splendeo*], “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *stupēscō*, *-is*, *-ĕre* [*stupeo*], “tornar-se estupefato”, “espantar-se”; *succrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”; *supercrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”; *tābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir”; *tenebrēscō*, *is*, *ĕre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro” e *tumēscō*, *-tumūī*, [*tumeo*], “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”.

Observando, em tabela e gráfico, a comparação entre os verbos parassintéticos e não parassintéticos presentes na Vulgata, encontram-se:

**Tabela 3.1 – A presença de verbos parassintéticos e não parassintéticos com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Não parassintéticos</b>	59	96,7%
<b>Parassintéticos</b>	02	3,2%

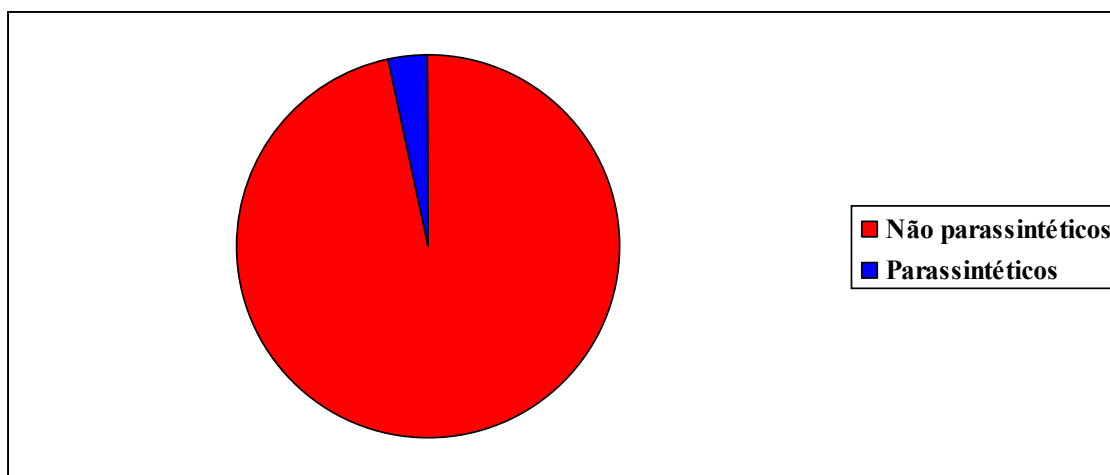


Gráfico 3.1 – A presença (porcentagem) de verbos parassintéticos e não parassintéticos com sufixo -sc- na Vulgata.

Prevaecem, na Vulgata, os verbos não parassintéticos, percebendo-se assim, que o sufixo -sc- não teve uma alta produção de verbos parassintéticos no *corpus* da Vulgata, datada no século IV d.C..

### **3.1 A transitividade, conjugação, derivação e aspecto dos verbos não parassintéticos**

Dos cinquenta e nove (59) verbos não parassintéticos, foram encontrados cinquenta e sete (57) intransitivos e dois (02) transitivos. Como já foi abordado no capítulo anterior, Cunha e Cintra (2001: 135) afirmam que o verbo é intransitivo, quando “a ação está integralmente contida” nele mesmo. Já o transitivo, exige “certos termos para completar-lhes o significado” (CUNHA & CINTRA, 2001: 135). Da lista retrocitada expondo os cinquenta e nove (59) verbos não parassintéticos, eliminam-se apenas os verbos *pertimēscō*, *-timū* e



*quiēscō*, *-quiēvī*, *-quiētum*, visto que esses são transitivos. Essas informações podem ser percebidas na tabela e no gráfico a seguir:

**Tabela 3.2 – A transitividade dos verbos não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Verbos Intransitivos</b>	57	96,5%
<b>Verbos Transitivos</b>	02	3,4%

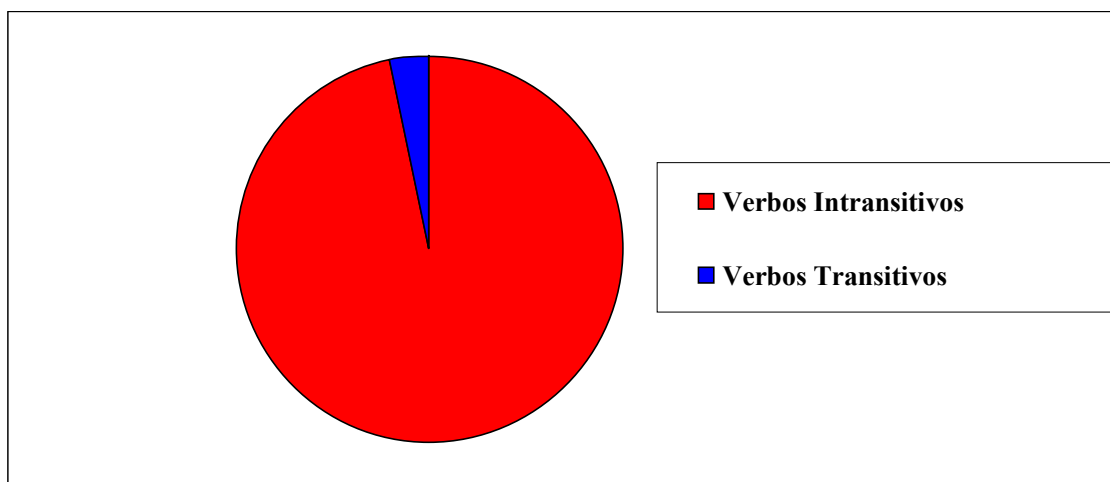


Gráfico 3.2 – A transitividade dos verbos não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata (porcentagem).

Encontrou-se, no latim da Vulgata, considerado o pós-clássico, o uso de verbos intransitivos com o sufixo *-sc-*. Para Väänänen (1985: 237), a produção de verbos com o sufixo *-sc-* no latim dava-se apenas com os intransitivos, fato que existia desde o latim antigo. Somente mais tarde, ele não explica quando, o sufixo *-sc-* passou a produzir verbos transitivos. Essa assertiva é diferente do que ocorre na Vulgata, onde prevalece a presença de verbos intransitivos.

### 3.1.1 A transitividade dos verbos e seus aspectos

Ao analisar o aspecto desses cinquenta e sete (57) verbos não parassintéticos intransitivos, observou-se que dezessete (17) deles são de aspecto durativo; dois (02) de aspecto pontual; dois (02) de aspecto conclusivo e trinta e seis (36), incoativos.

São os verbos de aspecto durativo: *accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum, accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *acquiēscō (adquiēscō), ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”; *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação; *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”; *convalēscō, -valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”; *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”; *expavēscō, -pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *incrēscō, -crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *intumēscō, -tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō, -valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *liquēscō, -licūī*, “tornar-se líquido”; *mātūrēscō, -rūī*, “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *requiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *sordēscō, sordūī*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”; *succrēscō, -crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo” e *supercrēscō, -crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Os de aspecto pontual são: *expergīscor, -perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento” e *ingravēscō, -is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “pioorar”, “crescer”, “aumentar”.

Os de aspecto conclusivo são: *contābēscō, -tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se” e *revīvēscō, ou revīvīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Os de aspecto incoativo são: *adhaerēscō, -haesī, -haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”; *adulēscō, ou adolēscō, -ēvī, -ultum*, “crescer”, “engrossar”; *ārdēscō, -is, -ēre*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō, -is, -ēre*, “tornar-se seco”, “perder a umidade”, “tornar-se duro”; *contenebrāscō, is, ēre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *conticēscō ou conticīscō, -ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremēscō ou contremīscō, -tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *dīlūcēscō, -luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō, -rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō, -ārsī, -ārsūm*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *fervēscō, -is, -ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō, -is, -ēre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *illūcēscō*

ou *inlūcēscō*, *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *lassēscō*, *-is*, *-ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *marcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mollēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *nigrēscō*, *-nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō*, *mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”; *pinguēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō*, *-is*, *-ēre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō*, *-is*, *-ēre*, “estragar-se”, “apodrecer”; *splendēscō*, *-is*, *-ēre*, *splendūī*, “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *stupēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se”; *tābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir”; *tenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”; *tumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”; *obrigēscō*, *-rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirtó”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *obsurdēscō*, *-obsurdūī*, “tornar-se surdo” e *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito” e *senēscō*, *-senūī*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”.

Na tabela 3.3 e no gráfico 3.3, pode-se perceber como prevalece o aspecto incoativo nos verbos não parassintéticos com o sufixo *-sc-* na Vulgata.

**Tabela 3.3 – O aspecto dos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	17	29,8%
<b>Pontual</b>	02	3,5%
<b>Conclusivo</b>	02	3,5%
<b>Incoativo</b>	36	63,1,6%

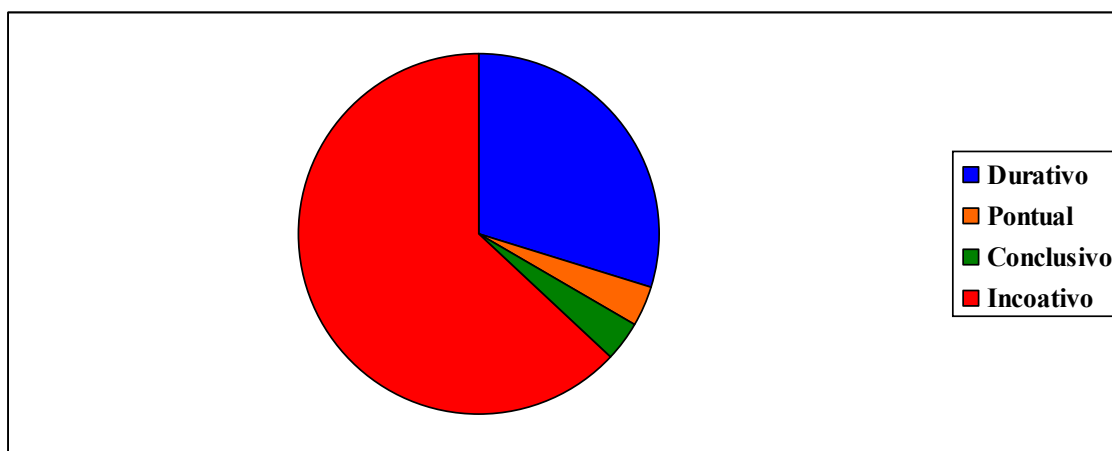


Gráfico 3.3 – O aspecto dos verbos intransitivos não parassintéticos (porcentagem) com sufixo -sc- na Vulgata.

Os únicos verbos não parassintéticos que não são intransitivos, pois são transitivos, apresentam os seguintes aspectos: um (01) é durativo, e um (01) pontual.

Dentre os linguistas que tratam da produção de verbos parassintéticos com o sufixo -sc-, consideram-se as afirmações de Kobayashi (1988: 396), de que essas construções ocorrem apenas com verbos incoativos. Não se encontrou em Kobayashi afirmações a respeito do aspecto dos verbos com sufixo -sc-, não parassintéticos, na Vulgata. Os aspectos desses verbos foram observados com eles isolados, pois assim também fez Kobayashi (1988: 396). Na comparação entre a assertiva de Kobayashi e a Vulgata, percebeu-se que esse linguista não considerou o texto bíblico, ao abordar o aspecto dos verbos com sufixo -sc-, sejam parassintéticos ou não.

Como exemplo, encontra-se no texto bíblico o verbo *contābēscō, tābūī*, “fundir-se”, “desfazer-se inteiramente”, que apresenta o aspecto conclusivo, pois o prefixo *con-*

caracteriza o aspecto de “acabamento”, “conclusivo”, não se confirmando a assertiva de Kobayashi.

### 3.1.2 A transitividade dos verbos e suas derivações

Tratando-se da derivação dos cinquenta e sete (57) verbos intransitivos não parassintéticos, percebeu-se que trinta (30) são deverbais e vinte e sete (27), denominais.

Rio-Torto (1998: 88), ao explicar a sufixação, lembra que as operações desta, podem ou não estar envolvidas nas alterações de categorias. Na sufixação isocategorial, a base apresenta a mesma categoria gramatical que o produto, já na sufixação heterocategorial, a categoria gramatical da base é diferente da do produto. “As bases sobre as quais operam os processos de sufixação podem ser temas verbais (sufixação deverbal), radicais verbais, nominais e adjetivais [...]” (RIO-TORTO, 1998: 88).

Nos esquemas derivacionais na língua portuguesa demonstrados por Rio-Torto (1998: 88), percebe-se que alguns deles são semelhantes aos que ocorrem com os verbos latinos na Vulgata, formados com sufixo *-sc-*. Na língua portuguesa, encontra-se a verbalização nominal, “favor → favorecer”, a verbalização deadjetival “obscuro → obscurecer” e a verbalização deverbal “saltar → saltitar”.

Além de Rio-Torto, Bassani (2009:01) também escreve que o verbo denominal é formado a partir de um substantivo, ou de um adjetivo, ou seja, um nome. Na língua portuguesa, o verbo denominal é construído com um nome e uma vogal temática verbal, seja a vogal “a”, a “e”, ou a “i”, e o “r” para marcar o infinitivo, por exemplo, “perfum-a-r”. No caso de verbo flexionado, encontra-se a marca finita, por exemplo, “perfum-e-i”. “Ainda, pode haver a realização de afixos ‘verbalizadores’ em alguns casos, como *-ec-* ou *-iz-* presentes em ‘amanhecer’ e ‘cristalizar’ respectivamente” (BASSANI, 2009: 01).

Esse mesmo autor também entende que um verbo é denominacional, quando a sua forma cognata comprova que ele tenha surgido antes do próprio verbo. Na língua latina, encontram-se verbos formados com o sufixo *-sc-*, considerando que, por haver sufixação, ocorreu uma derivação denominal ou deverbal. Assim como na língua portuguesa, a construção de um verbo, a partir de um nome, denominal, dá-se com uma vogal temática e o “r” para marcar o infinitivo; no latim, percebe-se que também se utiliza um nome, por exemplo, *amor, ōris*, para acrescentar a terminação “a”.

Iniciando pelos deverbais, são eles: *accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum* “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *ārdēscō, -is, -ēre*, “pegar o

fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *adulēscō*, ou *adolēscō*, *-ēvī*, *-ultum*, “crescer”, “engrossar”; *ārēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se seco”, “perder a umidade”, “tornar-se duro”; *concrēscō*, *crēvī*, *crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *contābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *conticēscō* ou *conticīscō*, *-ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremēscō* ou *contremīscō*, *-tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, “crescer”; *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”; *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, *-rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *fervēscō*, *-is*, *-ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *illūcēscō* ou *inlūcēscō*, *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *liquēscō*, *-licūī*, “tornar-se líquido”; *obrigēscō*, *-rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirto”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *splendēscō*, *-is*, *-ēre*, *splendūī*, “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *stupēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se”; *succhrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”; *superchrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se” e *tumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”.

Ainda, abordando a derivação dos cinquenta e sete (57) verbos intransitivos não parassintéticos, seguem os vinte e sete (27) verbos denominais. São eles: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *ēvī*, *-ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”; *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, *-quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”; *contenebrāscō*, *is*, *ēre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *expergīscor*, *-perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *lassēscō*, *-is*, *-ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-

se” (tratando-se de plantas); *marcēscō*, *-is*, *-ĕre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mātūrēscō*, *-rūī*, “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *mollēscō*, *-is*, *-ĕre*, *-molis*, “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *nigrēscō*, *-nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō*, *mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obsurdēscō*, *-obsurdūī*, “tornar-se surdo”; *obtenebrēscō*, *is*, *ĕre*, “cobrir-se de trevas”; *pinguēscō*, *-is*, *-ĕre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō*, *-is*, *-ĕre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō*, *-is*, *-ĕre*, “estragar-se”, “apodrecer”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *senēscō*, *-senūī*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”; *sordēscō*, *sordūī*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”; *tābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir” e *tenebrēscō*, *is*, *ĕre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”.

A seguir, na tabela 3.4 e no gráfico 3.4, encontram-se essas informações ilustradas.

**Tabela 3.4 – A derivação dos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Deverbal</b>	30	52,6%
<b>Denominal</b>	27	47,3%

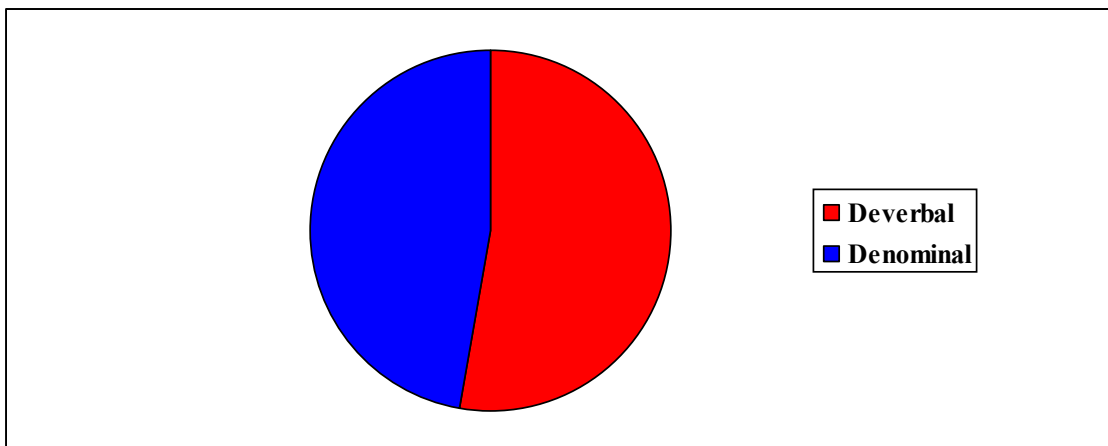


Gráfico 3.4 – A derivação (porcentagem) dos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata.

Dos verbos intransitivos não parassintéticos, percebeu-se que prevalece, na Vulgata, a produção de verbos com sufixo *-sc-* derivados de outros verbos. Segundo Maurer Jr. (1959: 135), no latim vulgar, a sufixação verbal foi menos produtiva que a nominal. Como já foi dito, Maurer Jr. entende que, no latim vulgar, permaneceu produtiva a conjugação mista em *-ēscō*, ou em *-īscō / -ire*. Essa produção é alterada no latim pós-clássico, do *corpus* Vulgata, onde prevalece a formação de verbos deverbais com sufixo *-sc-* (MAURER JR., 1959: 135).

### 3.1.3 A relação entre as derivações e aspectos dos verbos

Ao considerar a derivação e o aspecto dos (57) verbos não parassintéticos intransitivos, encontra-se a seguinte classificação. Dos cinquenta e sete (57) verbos intransitivos não parassintéticos, percebeu-se que trinta e cinco (35) verbos são deverbais. Desses, onze (11) são de aspecto durativo. São eles: *accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum* “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *convalēscō, -valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”; *expavēscō, -pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *incrēscō, -crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *intumēscō, -tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō, -valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *liquēscō, -licūī*, “tornar-se líquido”; *succrēscō, -crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”; *supercrēscō, -crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Nos trinta e cinco (35) verbos não parassintéticos, intransitivos e deverbais, não se encontrou nenhum verbo deverbal de aspecto pontual. Nesses mesmos trinta e cinco (35)



verbos, encontraram-se dois (02) verbos de aspecto conclusivo. São eles: *contābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se” e *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Ainda dos trinta e cinco (35) verbos não parassintéticos, intransitivos e deverbais, vinte e um (21) deles são de aspecto incoativo. São eles: *adulēscō*, ou *adolēscō*, *-ēvī*, *-ultum*, “crescer”, “engrossar”; *ārdēscō*, *-is*, *-ēre*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *contenebrāscō*, *is*, *ēre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *conticēscō* ou *conticīscō*, *-ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremēscō* ou *contremīscō*, *-tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, *-rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *fervēscō*, *-is*, *-ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *illūcēscō* ou *inlūcēscō*, *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *obrigēscō*, *-rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirtó”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”; *obsurdēscō*, *-obsurdūī*, “tornar-se surdo”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *splendēscō*, *-is*, *-ēre*, *splendūī*, “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *stupēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se”; *tumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”.

Na tabela 3.5 e no gráfico 3.5, encontram-se, dos trinta e cinco (35) verbos deverbais, não parassintéticos e intransitivos, a quantidade e a classificação de seus aspectos.

**Tabela 3.5 – Quantidade e classificação por aspecto dos trinta e cinco (35) verbos deverbais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	11	31,4 %
<b>Pontual</b>	0	0,0 %
<b>Conclusivo</b>	2	5,7%
<b>Incoativo</b>	21	60%

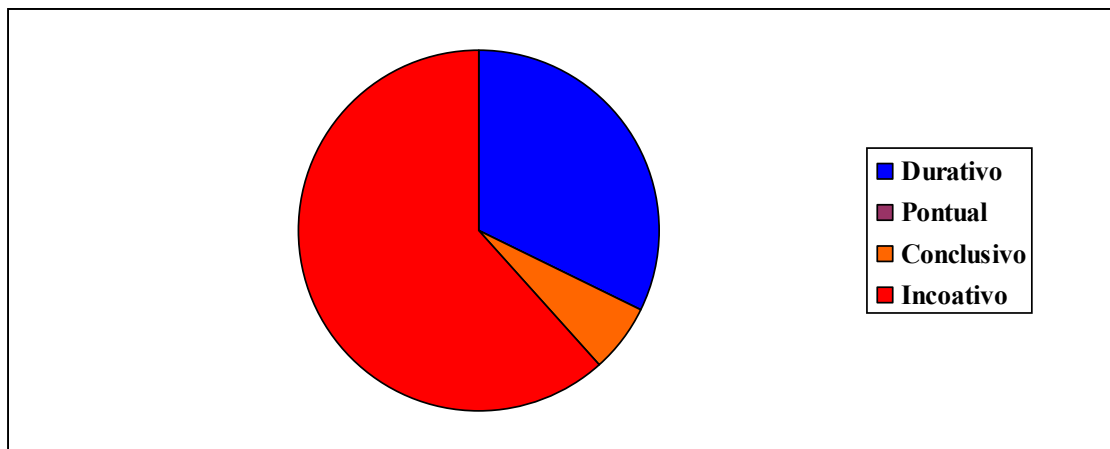


Gráfico 3.5 – Quantidade (porcentagem) e classificação por aspecto dos trinta e cinco (35) verbos deverbais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo *-sc-* na Vulgata.

A respeito da relação existente entre o sufixo *-sc-* e o aspecto incoativo consideram-se as assertivas dos linguistas, como Ravizza (1958: 166), por exemplo, para quem esse sufixo forma verbos incoativos; Williams (1975: 170) explica que a alteração do morfema “o” para o “e” que ocorre no verbo “conhecer”, fato exemplo dessa analogia, associa-se ao aspecto incoativo com a terminação *-ecer* (WILLIAMS, 1975: 170). Figueiredo e Almendra (1984: 269) tratam os sufixos verbais a partir do *-sco*, e desse estudam os sufixos *-esco* e *-isco*, que apresentam na base o sufixo *-sc-*. Denominam esses sufixos de incoativos. Afirmção semelhante também é feita por Ghiselli e Concialini (1987: 133), para os quais o “sufixo *-sco* indica ação inicial ou gradativa”.

Dessa forma, percebe-se que a ênfase dos gramáticos e dos linguistas recaem sobre o sufixo verbal *-sc-* como formador de verbos com o aspecto incoativo. Como demonstrado na

Vulgata, esse sufixo não produz verbos apenas com esse aspecto, mas também com os aspectos durativo e conclusivo.

Ainda considerando-se a derivação e o aspecto dos (57) verbos não parassintéticos intransitivos, encontra-se a seguinte classificação. Dos cinquenta e sete (57) verbos intransitivos não parassintéticos, percebeu-se que trinta e cinco (35) verbos são deverbais e vinte e dois (22) denominais. Destes, foram encontrados cinco (05) verbos de aspecto durativo. São eles: *acquiēscō (adquiēscō), ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”; *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”; *mātūrēscō, -rūt*, “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *requiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *requiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”.

Nesses verbos denominais também foram encontrados dois (02) verbos de aspecto pontual. São eles: *expergīscor, -perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *ingravēscō, -is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

Não foi encontrado nenhum verbo denominal de aspecto conclusivo.

Ainda entre esses verbos denominais foram encontrados treze (13) verbos de aspecto incoativo. São eles: *adhaerēscō, -haesī, -haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”; *immarcēscō, -is, -ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō, -calūt*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *marcēscō, -is, -ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *lassēscō, -is, -ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *mollēscō, -is, -ēre, -molis* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *nigrēscō, -nigrūt*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō, mutūt*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *pinguēscō, -is, -ēre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō, -is, -ēre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō, -is, -ēre*, “estragar-se”, “apodrecer”; *tābēscō, -tabūt*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir” e *tenebrēscō, is, ēre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”.

Na tabela 3.6 e no gráfico 3.6, encontra-se a disposição desses verbos, segundo seus aspectos em quantidade e porcentagem.

**Tabela 3.6 – Quantidade e classificação por aspecto dos vinte e dois (22) verbos denominais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	05	22,7 %
<b>Pontual</b>	02	9,0 %
<b>Conclusivo</b>	0	0,0%
<b>Incoativo</b>	13	59%

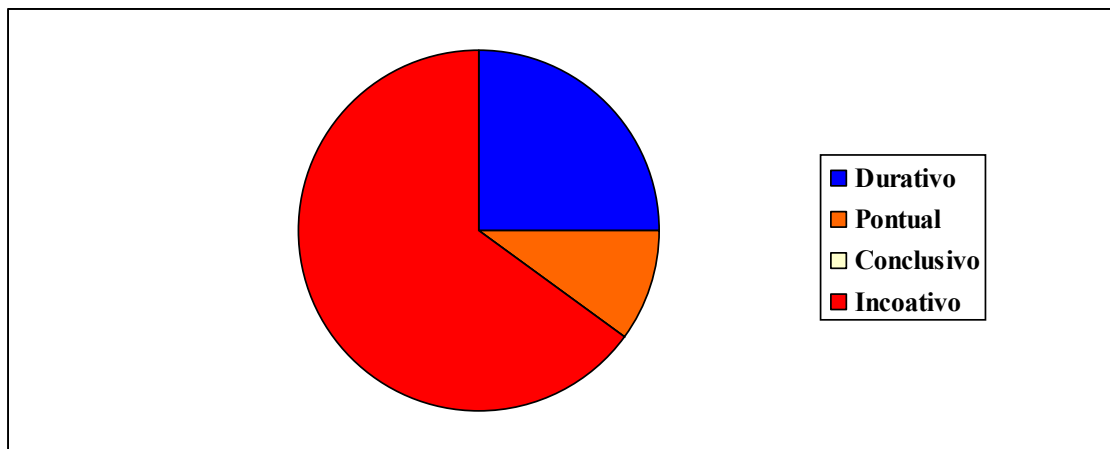


Gráfico 3.6 – Quantidade (porcentagem) e classificação por aspecto dos vinte e dois (22) verbos denominais, não parassintéticos e intransitivos, com sufixo -sc- na Vulgata.

Não se encontraram pesquisas abordando a relação entre a derivação e o aspecto dos verbos com o sufixo -sc-. Analisando o aspecto dos vinte e dois (22) verbos denominais, em 59% dos casos, apenas nos não parassintéticos e intransitivos, com sufixo -sc- prevaleceu o aspecto incoativo. O mesmo ocorreu com os verbos deverbais formados com o sufixo -sc-, havendo sessenta por cento (60%) de verbos incoativos. Para Almeida (1990: 239), todos os verbos que terminam em -sco, por exemplo, *ingemiscō* “começar a gemer” e *inveterāscō* “começar a ficar velho”, são incoativos, fato que não se confirma na Vulgata.

### 3.1.4 A relação entre as derivações e conjugações dos verbos

Ao observar a conjugação dos trinta e cinco (35) verbos intransitivos deverbais não parassintéticos, trinta (30) são de terceira conjugação e cinco (05) são de segunda conjugação. Os verbos intransitivos deverbais não parassintéticos de terceira conjugação são: *accrēscō* (*adcr-*) *-ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *adolēscō, ēvī, ultum*, “crescer”, “tornar-se maior”; *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”, “crescer (por agregação ou condensação)”, “condensar-se”, “tornar-se espesso”, “congelar-se”, “coagular-se”; *contābēscō, -tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *conticēscō* ou *conticīscō, -ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremīscō, tremūī*, “começar a tremer”, “tremer inteiramente”, “vacilar”, “hesitar”, “recear” e “ter medo de”; *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”; “brotar”, “nascer”, “aumentar”, “avultar”, “medrar”, “aumentar em número”, “multiplicar-se”, “engrandecer-se”, “elevar-se”; *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “diminuir”, “declinar (moralmente e fisicamente)”; *incrēscō, -crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *dīlūcēscō, -luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō, -rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō, -ārsī, -ārsūm*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *expavēscō, -pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”, “recear”, “temer”; *flāvēscō, -is, -ěre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *illūcēscō* ou *inlūcēscō, -luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *incrēscō, -crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō -is, -ěre*, “gemer”, “lamentar-se”; *innōtēscō, -nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *intumēscō, -tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”, “engrossar”, “estar inchado de orgulho”, “irritar-se”; *invalēscō, -valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”, “desenvolver-se”, “predominar”, “prevaler”, “fortificar-se”, “tornar-se usual”; *obrigēscō, -rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirtó”; *obstupēscō, -stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *obtenebrēscō, is, ěre*, “cobrir-se de trevas”; *revīvēscō, ou revīvīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *senēscō, -senūī*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”; *splendēscō, -is, -ěre, splendūī*, “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *succrēscō, -crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”, “suceder”, “vir depois”, “nascer depois”, “deitar rebentos novos”, “desabrolhar”; *stupēscō, -is, -ěre*, “tornar-se

estupefato”, “espantar-se”; *supercreſcō, -crevī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”, “crescer”, “acrescentar-se” e *tumēscō, -tumūī*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”.

Os cinco (05) verbos intransitivos deverbais não parassintéticos de segunda conjugação são: *ārdēscō, -is, -ēre*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō, -is, -ēre*, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *convalēscō, -valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *fervēscō, -is, -ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro” e *liquēscō, -licūī*, “tornar-se líquido”.

Esses verbos encontram-se disponibilizados na tabela 3.7 e gráfico 3.7, para visualização em porcentagem.

**Tabela 3.7 – A conjugação dos verbos intransitivos deverbais não parassintéticos com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Segunda conjugação</b>	05	14,2%
<b>Terceira conjugação</b>	30	85,7%

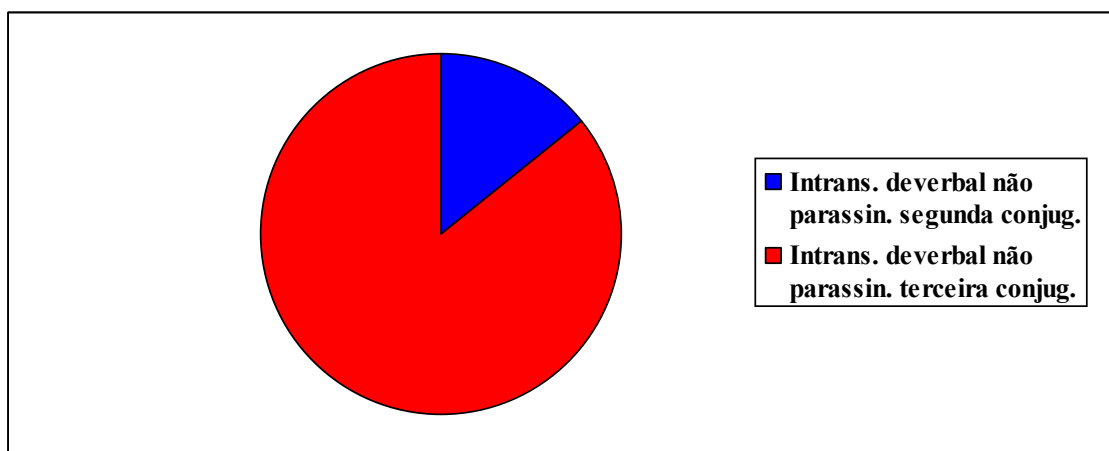


Gráfico 3.7 – A conjugação (porcentagem) dos verbos intransitivos deverbais não parassintéticos com sufixo -sc- na Vulgata.

Como supracitado, dos cinquenta e sete (57) verbos intransitivos não parassintéticos, percebeu-se que trinta e cinco (35) são deverbais, já apresentados e vinte e dois são (22), denominais. Destes vinte e dois (22) verbos intransitivos denominais não parassintéticos, vinte e um (21) deles são da terceira conjugação e somente um (01) verbo intransitivo denominal não parassintético é de segunda conjugação. Iniciando pelos verbos intransitivos denominais não parassintéticos de terceira conjugação, encontram-se: *acquiēscō (adquiēscō), ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”, “encontrar repouso em”, “encontrar alegria ou consolação em”, “acalmar-se”, “sossegar”, “morrer (depois de uma vida de trabalho)”, “aquietar-se”, “consentir”; *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”, “abrandar”, “acalmar”, “estar em paz”, “achar descanso”; *expergīscor, -perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō, -is, -ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō, -calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingravēscō, -is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *lassēscō, -is, -ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *marcēscō, -is, -ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mātūrēscō, -rūī*, “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *mollēscō, -is, -ēre, -molis* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *nigrēscō, -nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō, mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obsurdēscō, -obsurdūī*, “tornar-se surdo”; *pinguēscō, -is, -ēre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō, -is, -ēre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō, -is, -ēre*, “estragar-se”, “apodrecer”; *refrigēscō* ou *refrigēscō, -frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *requiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”, “repousar (no túmulo)”, “cessar”, “abrandar”, “apaziguar-se”, “acalmar-se”, “distrair-se”, “divertir-se”, “recrear-se”, “firmar-se em”, “apoiar-se”; *sordēscō, sordūī*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”; *tābēscō, -tabūī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir” e *tenebrēscō, is, ēre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”.

Como foi mencionado, dos vinte e dois (22) verbos intransitivos denominais não parassintéticos, vinte e um (21) deles são da terceira conjugação, já supracitados. Quanto ao verbo intransitivo denominal não parassintético, apenas um de segunda conjugação foi

encontrado na Vulgata: *adhaerescō*, *-haesi*, *-haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”. A tabela 3.8 e o gráfico 3.8 ilustram como esses verbos e suas conjugações aparecem.

**Tabela 3.8 – Conjugação dos verbos intransitivos denominais não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Segunda conjugação</b>	01	4,5%
<b>Terceira conjugação</b>	21	95,5%

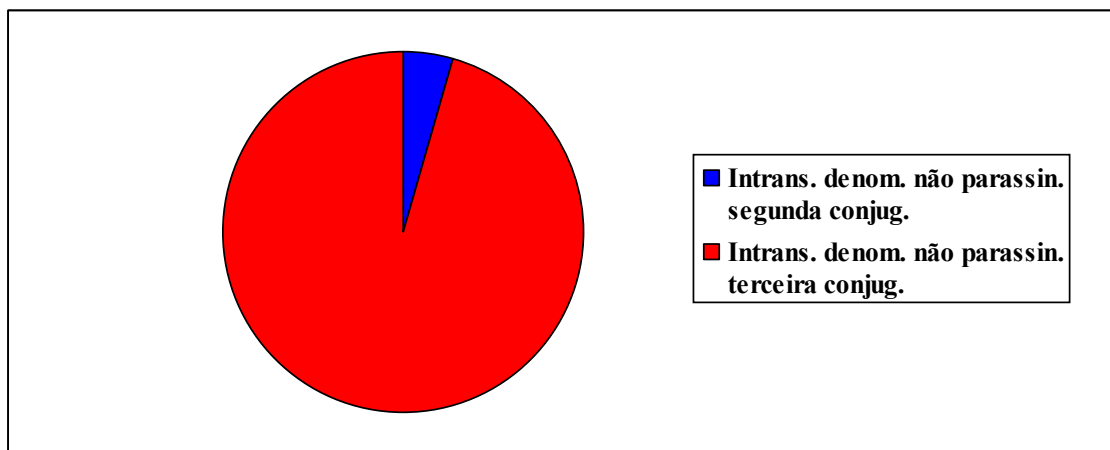


Gráfico 3.8 – A conjugação (porcentagem) dos verbos intransitivos denominais não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata.

As conjugações dos verbos intransitivos, deverbais e denominais, não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata, foram comparadas com as afirmações dos linguistas a respeito do mesmo assunto. Optou-se em fazer essa comparação, utilizando os verbos na Vulgata, não parassintéticos, intransitivos, formados com o sufixo *-sc-*, visto que esses formam a maioria, sendo seis (06) verbos de segunda conjugação e cinquenta e um verbos (51) de terceira conjugação.

Segundo Ravizza (1958: 166), os verbos formados com os sufixos *-asco*, *-esco*, *-isco* são da terceira conjugação. Os exemplos usados por ele são: “de *inveterare* formam-se *inveterasco*, “envelheço”; de *convaleo*, *convalesço*, “recobro a saúde”; de *rubeo*, *rubesco*,



“enrubeço”; de *obdormio*, *obdormisco*, “adormeço”. Esta afirmação de Ravizza é semelhante com o que se encontrou na Vulgata, prevalecendo os verbos de terceira conjugação, formados com o sufixo *-sc-*.

Almeida (1990: 239) concorda com Ravizza, ao afirmar que os verbos terminados em *-sco*, por exemplo, *ingemiscō* “começar a gemer” e *inveterāscō* “começar a ficar velho”, são da terceira conjugação. Para Williams (1975: 170), o sufixo *-sc-* é terminação radical e, quando era acompanhada de “e” nos verbos de segunda conjugação, transformou-se em “c”, por exemplo, *\*parescit* > *parēscēre* > *parece*. A mesma assertiva pode ser encontrada em Faria (1958: 244), para quem a formação dos verbos com *-sco*, na terceira conjugação, ocorre em maior número.

Kobayashi (1988: 396) entende que os verbos latinos incoativos estão divididos em três classes. A primeira classe é denominada de raízes verbais. As formações desses vocábulos ocorrem com o auxílio de outros sufixos, ou a partir das raízes dos verbos. Como exemplo dessa primeira classe, o autor apresenta o vocábulo *poscere*, “solicitar”, *miscēre*, “misturar”, *(g)noscere*, “reconhecer”. Esse fato também é encontrado na Vulgata, como já foi supracitado, pois os verbos incoativos são formados com o sufixo *-sc-*.

Ainda tratando-se da formação de verbos com o sufixo *-sc-*, o mesmo autor entende que há uma classe de verbos deverbais. Nesta, ocorre uma subdivisão, formando dois grupos. O grupo um (01) é o que apresenta a produtividade de verbos, com o sufixo *-sc-*, derivados de outros verbos de segunda conjugação no latim, como *convalescere*, “tornar-se forte” e *fervescere*, “chegar a ferver”, de *fervēre*, “ferver”. Esse fato também ocorre na Vulgata, visto que dezoito (18) verbos deverbais formados com o sufixo *-sc-* são derivados de verbos da segunda conjugação.

O grupo dois (02), apresentado por Kobayashi (1988: 396), apresenta a produtividade de verbos, com o mesmo sufixo, derivados de verbos de segunda, terceira e quarta conjugação, como exemplo, o vocábulo *sentiscēre*, “começar a sentir, ou perceber”, da palavra *sentīre*, “sentir”. Comparado com a Vulgata, a divergência surge em relação aos verbos deverbais, formados com sufixo *-sc-* derivados de verbos de quarta conjugação. Essa assertiva de Kobayashi (1988: 396) não se confirmou na Vulgata.

Desses dois grupos de verbos apresentados por Kobayashi (1988: 396), o mais produtivo de verbos incoativos no latim foi o grupo um (01), ou seja, verbos, com o sufixo *-sc-*, derivados de outros verbos de segunda conjugação no latim. Essa assertiva também é encontrada na Vulgata. Os verbos formados com sufixo *-sc-* derivados de verbos de segunda conjugação formam treze (13) verbos de aspecto incoativo e cinco (05) de aspecto durativo.

Já o grupo dois (02), quanto à produtividade e aspecto dos verbos com aquele sufixo, derivados de verbos de primeira e terceira conjugação, também demonstram certa produtividade, não sendo, necessariamente, incoativos. Na Vulgata, os verbos formados com sufixo *-sc-* derivados de verbos de primeira conjugação formam um (01) verbo incoativo e seis (06) durativos. Os verbos, formados com sufixo *-sc-*, derivados de verbos de terceira conjugação formam seis (06) incoativos e um (01) conclusivo, prevalecendo a formação de incoativos com verbos derivados dos de segunda conjugação.

### 3.1.5 A relação entre conjugação e aspecto dos verbos

Na relação entre conjugação e aspecto, notou-se que dos trinta e cinco (35) verbos intransitivos deverbais não parassintéticos, trinta (30) são de terceira conjugação e cinco (05) são de segunda conjugação. Ao analisar o aspecto dos trinta (30) verbos intransitivos, deverbais, não parassintéticos de terceira conjugação, descobriu-se que nove (09) são de aspecto durativo. São eles: *accrēscō (ader-) -ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”; “brotar”, “nascer”, “aumentar”, “avultar”, “medrar”, “aumentar em número”, “multiplicar-se”, “engrandecer-se”, “elevar-se”; *expavēscō, -pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”, “recear”, “temer”; *incrēscō, -crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *intumēscō, -tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”, “engrossar”, “estar inchado de orgulho”, “irritar-se”; *invalēscō, -valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”, “desenvolver-se”, “predominar”, “prevaler”, “fortificar-se”, “tornar-se usual”; *sucrēscō, -crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”, “suceder”, “vir depois”, “nascer depois”, “deitar rebentos novos”, “desabrolhar” e *supercrēscō, -crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”, “crescer”, “acrescentar-se”.

Dois (02), dos trinta (30) verbos intransitivos, deverbais, não parassintéticos de terceira conjugação, são de aspecto conclusivo. São eles: *contābēscō, -tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se” e *revivēscō, ou revivīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”. Não se encontrou nenhum de aspecto pontual.

Dezenove (19), dos trinta (30) verbos intransitivos, deverbais, não parassintéticos de terceira conjugação, são de aspecto incoativo. São eles: *adulēscō, ou adolēscō, -ēvī, -ultum*, “crescer”, “engrossar”; *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”, “crescer (por agregação ou condensação)”, “condensar-se”, “tornar-se espesso”, “congelar-se”, “coagular-se”; *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *conticēscō ou conticīscō, -ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremīscō, tremūī*, “começar

a tremer”, “tremer inteiramente”, “vacilar”, “hesitar”, “recear” e “ter medo de”; *dīlūcēscō*, -*luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, -*rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, -*ārsī*, -*ārsūm*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *flāvēscō*, -*is*, -*ēre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *illūcēscō* ou *inlūcēscō*, -*luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* -*is*, -*ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *innōtēscō*, -*nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *obrigēscō*, -*rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirtó”; *obstupēscō*, -*stupūī*, “tornar-se insensível”, “atordir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”; *senēscō*, -*senūī*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”; *splendēscō*, -*is*, -*ēre*, *splendūī*, “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *stupēscō*, -*is*, -*ēre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se” e *tumēscō*, -*tumūī*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”.

Na tabela 3.9 e no gráfico 3.9, percebe-se a disposição dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de terceira conjugação e os seus aspectos.

**Tabela 3.9 – Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de terceira conjugação, com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	09	30%
<b>Pontual</b>	0	0,0%
<b>Conclusivo</b>	02	6,6%
<b>Incoativo</b>	19	63,3%

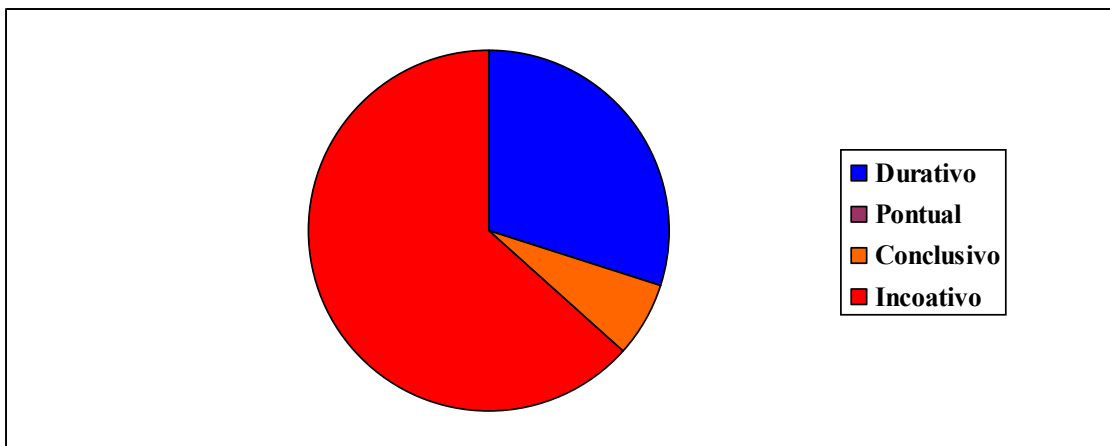


Gráfico 3.9 – Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de terceira conjugação, com sufixo -sc- na Vulgata.

Ao observar os cinco (05) verbos intransitivos, deverbais, não parassintéticos de segunda conjugação e os seus aspectos encontrou-se a seguinte informação: um (01) verbo é de aspecto durativo e quatro (04) de aspecto incoativo. Nenhum de aspecto pontual, nem conclusivo foi encontrado. São eles: durativo *convalescō*, -valūī, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; aspecto incoativo: *ardescō*, -is, -ēre, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *arescō*, -is, -ēre, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *fervescō*, -is, -ēre, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro” e *liquescō*, -licūī, “tornar-se líquido”.

Na tabela 3.10 e no gráfico 3.10, percebe-se a disposição dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de segunda conjugação e os seus aspectos.

**Tabela 3.10 – Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de segunda conjugação, com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	01	20%
<b>Pontual</b>	0	0,0%
<b>Conclusivo</b>	0	0,0%
<b>Incoativo</b>	04	80%

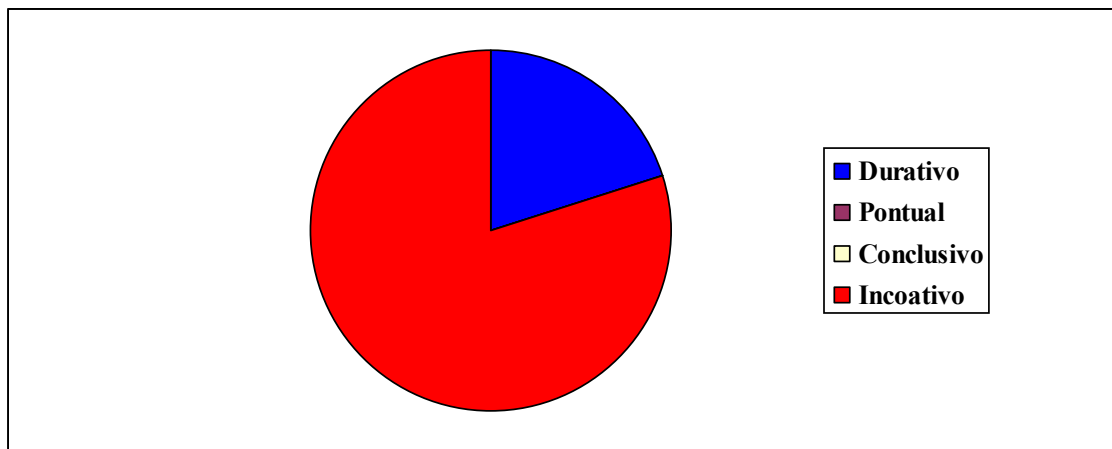


Gráfico 3.10 – Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de segunda conjugação, com sufixo -sc- na Vulgata.

Na relação entre conjugação e aspecto, notou-se que dos vinte e dois (22) verbos intransitivos denominais não parassintéticos, vinte e um (21) deles são da terceira conjugação e apenas um deles é intransitivo, denominal, não parassintético, de segunda conjugação, encontrado na Vulgata.

Ao observar-se o aspecto desses vinte e um (21) verbos intransitivos, denominais, não parassintéticos de terceira conjugação, descobriu-se que cinco (05) deles são de aspecto durativo: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *ēvī*, *-ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”, “encontrar repouso em”, “encontrar alegria ou consolação em”, “acalmar-se”, “sossegar”, “morrer (depois de uma vida de trabalho)”, “aquietar”, “consentir”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, *-quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”, “abrandar”, “acalmar”, “estar em paz”, “achar descanso”; *mātūrēscō*, *-rīū*, “amadurecer”, “tornar-se

maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *requiēscō*, -*quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; “repousar (no túmulo)”, “cessar”, “abrandar”, “apaziguar-se”, “acalmar-se”, “distrair-se”, “divertir-se”, “recrear-se”, “firmar-se em”, “apoiar-se”; *sordēscō*, *sordūī*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”.

Ainda tratando-se dos verbos intransitivos, denominais, não parassintéticos, de segunda conjugação, dois (02) deles verbos são de aspecto pontual: *expergīscor*, -*perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *ingravēscō*, -*is*, -*ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

Não se encontrou verbo intransitivo, denominal, não parassintético, de segunda conjugação de aspecto conclusivo.

Já de aspecto incoativo, encontraram-se quatorze (14) verbos intransitivos, denominais, não parassintéticos, de segunda conjugação: *immarcēscō*, -*is*, -*ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, -*calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *lassēscō*, -*is*, -*ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *marcēscō*, -*is*, -*ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mollēscō*, -*is*, -*ēre*, -*molis* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *nigrēscō*, -*nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō*, *mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *pinguēscō*, -*is*, -*ēre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō*, -*is*, -*ēre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō*, -*is*, -*ēre*, “estragar-se”, “apodrecer”; *tābēscō*, -*tabūī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir” e *tenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”; *obsurdēscō*, -*obsurdūī*, “tornar-se surdo” e *refriagēscō* ou *refrigēscō*, -*frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”.

A tabela 3.11 e no gráfico 3.11, representam a porcentagem da presença desses verbos na Vulgata.

**Tabela 3.11 – Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, denominais de terceira conjugação, com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	05	23,8%
<b>Pontual</b>	02	9,5%
<b>Conclusivo</b>	0	0,0%
<b>Incoativo</b>	14	66,6%

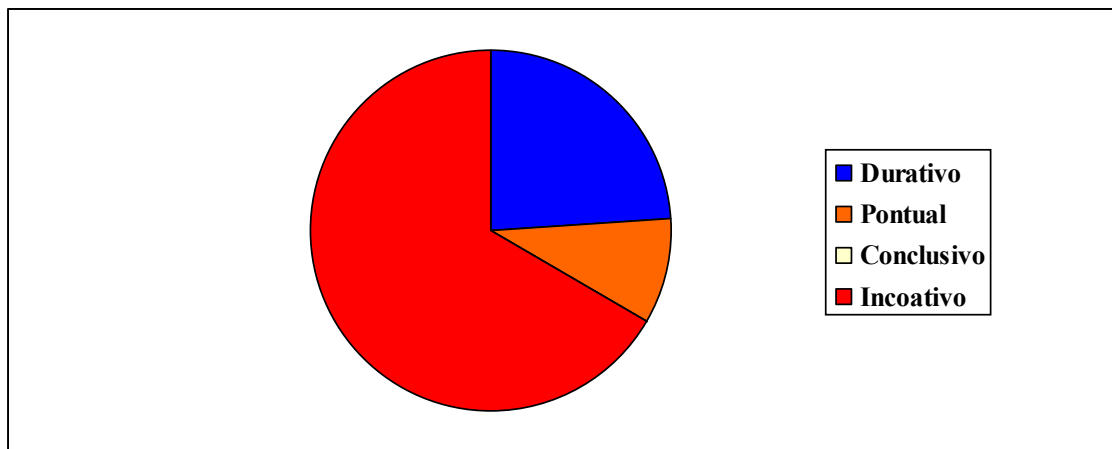


Gráfico 3.11 – Os aspectos dos verbos não parassintéticos, intransitivos, denominais de terceira conjugação, com sufixo -sc- na Vulgata.

### 3.1.6 Os verbos intransitivos e a presença do supino

Ainda quanto aos cinquenta e sete (57) verbos intransitivos não parassintéticos, verificou-se que vinte e nove (29) deles apresentam supino e vinte e oito (28) não apresentam supino. No *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, encontra-se o seguinte conceito da forma supino na língua latina. É uma forma nominal do verbo terminado em *-um* na língua latina, com o sentido ativo. Esse verbo é utilizado apenas com verbos que expressam movimento. Um exemplo é o verbo *veniō, vēnī, ventum*, “vir”, “chegar”, *fuērint rogatum auxiliū*, “foram pedir ajuda”. Os verbos com terminação em *-u*, de sentido passivo empregam-se somente como adjunto de alguns adjetivos (HOUAISS, 2001).

Para Almeida (1990: 204), o supino é uma forma invariável e especial do infinitivo, com o objetivo de expressar finalidade. Esses verbos são caracterizados pela terminação em *-tum*, por exemplo, *delētum*, “para destruir”, *audītum*, “para ouvir” e *amātum*, “para amar”. Há, nesses verbos, uma variante sem o “m” final, como *delētu*, *audītu* e *amātu*. Quanto ao emprego dessas formas, Almeida explica:

A forma em *-um* é empregada quando o supino depende de verbos que indicam movimento (*ir, vir, enviar* etc.): *venio postulatum* = venho para pedir. Como o verbo *portūlo, are* é transitivo, o supino pode vir seguido de objeto: *venio postulatum auxilium* = venho para pedir ajuda. A forma em *-u* tem significado passivo; indica também finalidade, mas se emprega com certos adjetivos: *res facilis dictu* = coisa fácil para ser dita, coisa fácil de dizer; *res jucunda auditu* = coisa agradável de ouvir; *res facilis factu* = coisa fácil de fazer; *res mirabilis visu* = coisa admirável de ver; *nefas dictu* = coisa ilícita de dizer. O significado é sempre passível (ALMEIDA, 1990: 204).

Os verbos que apresentam supino são: *accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *acquiēscō (adquiēscō), ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”, “encontrar repouso em”, “encontrar alegria ou consolação em”, “acalmar-se”, “sossegar”, “morrer (depois de uma vida de trabalho)”, “aquietar-se”, “consentir”; *adhaerēscō, -haesī, -haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”; *adolēscō, ēvī, ultum*, “crescer”, “tornar-se maior”; *ārdēscō, -is, -ēre*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō, -is, -ēre*, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”, “abrandar”, “acalmar”, “estar em paz”, “achar descanso”; *contenebrāscō, is, ēre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”; “brotar”, “nascer”, “aumentar”, “avultar”, “medrar”, “aumentar em número”, “multiplicar-se”, “engrandecer-se”, “elevar-se”; *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “diminuir”, “declinar (moralmente e fisicamente)”; *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “diminuir”, “declinar (moralmente e fisicamente)”; *exārdēscō, -ārsī, -ārsūm*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *expergīscor, -perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *fervēscō, -is, -ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō, -is, -ēre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *immarcēscō, -is, -ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *ingemīscō* ou *ingemēscō -is, -ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *ingravēscō, -is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-



se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *lassēscō*, *-is*, *-ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *marcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mollēscō*, *-is*, *-ēre*, *-molis* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”; *pinguēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō*, *-is*, *-ēre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō*, *-is*, *-ēre*, “estragar-se”, “apodrecer”; *quiēscō*, *-quiēvī*, *-quiētum*, “repousar”, “estar em repouso”, “estra morto”, “dormir”, “viver como simples, particular, longe da vida pública”, “permanecer”, “durar”, “calar-se”, “subsistir”, “ser mantido”, “tornar-se imóvel”, “não se opor a”, “acalmar-se”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; “repousar (no túmulo)”, “cessar”, “abrandar”, “apaziguar-se”, “acalmar-se”, “distrair-se”, “divertir-se”, “recrear-se”, “firmar-se em”, “apoiar-se”; *revivēscō*, ou *revivīscō*, *-vixī*, *-victum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *stupēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se” e *tenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”.

Os verbos não parassintéticos intransitivos que não apresentam supino são: *contābēscō*, *-tabūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *conticēscō* ou *conticīscō*, *-ticūī*, “calar-se”, “deixar de falar”; *contremīscō*, *tremūī*, “começar a tremer”, “tremer inteiramente”, “vacilar”, “hesitar”, “recear” e “ter medo de”; *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērūbēscō*, *-rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”, “recear”, “temer”; *illūcēscō* ou *inlūcēscō*, *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”, “engrossar”, “estar inchado de orgulho”, “irritar-se”; *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”, “desenvolver-se”, “predominar”, “prevalecer”, “fortificar-se”, “tornar-se usual”; *liquēscō*, *-licūī*, “tornar-se líquido”; *mātūrēscō*, *-rūī*, “amadurecer”, “tornar-se maduro”, “formar-se”, “desenvolver-se”, “a criança formar-se no ventre da mãe”; *nigrēscō*, *-nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō*, *mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obrigēscō*, *-rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”, “entorpecer-se”, “tornar-se hirto”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *obsurdēscō*, *-obsurdūī*, “tornar-se surdo”; *pertimēscō*, *-timūī*, “recear muito”, “ter muito medo”, “espantar-se”; *refriagēscō* ou

*refrigēscō, -frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *senēscō, -senū*, “tornar-se velho”, “envelhecer”, “decair”, “enfraquecer”, “declinar”, “estar a acabar”, “perder a força”, “diminuir”, “emagrecer”, “definhar-se”, “consumir-se”, “perder a fecundidade”, “esgotar-se”, “frustrar-se”; *sordēscō, sordū*, “sujar-se”, “emporcalhar-se”; *splendēscō, -is, -ēre, splendū*, “começar a brilhar”, “a luzir”, “tornar-se brilhante”, “adquirir brilho”; *succrēscō, -crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”, “suceder”, “vir depois”, “nascer depois”, “deitar rebentos novos”, “desabrolhar”; *supercrēscō, -crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”, “crescer”, “acrescentar-se”; *tābēscō, -tabū*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir” e *tumēscō, -tumū*, “inchar-se”, “intumescer-se”, “encher-se de”, “irritar-se”, “enfurecer-se”, “arrebatar-se”, “orgulhar-se”, “fermentar”, “preparar-se (para a guerra)”.

A tabela 3.12 e o gráfico 3.12 apresentam a disposição dos verbos intransitivos, não parassintéticos, com supino e os verbos intransitivos, não parassintéticos, sem supino, formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata.

**Tabela 3.12 – A presença do supino nos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Verbos com supino</b>	29	50,8%
<b>Verbos sem supino</b>	28	49,2%

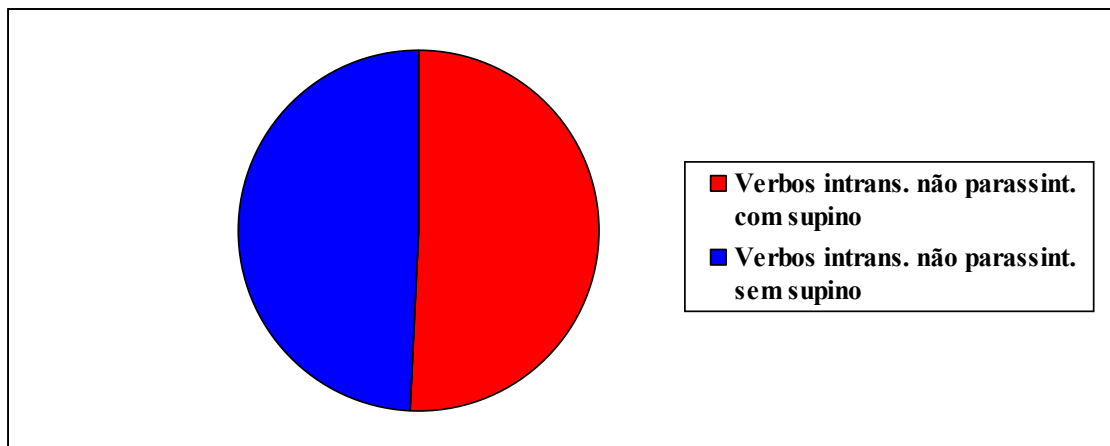


Gráfico 3.12 – A presença do supino nos verbos intransitivos não parassintéticos com sufixo *-sc-* na Vulgata.

### 3.1.7 Os verbos intransitivos com supino: aspectos e derivação

Visto que o supino também apresenta relação com aspecto, optou-se, nesta pesquisa, por fazer uma classificação aspectual dos verbos intransitivos, não parassintéticos, com e sem supino, formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata. Dos vinte e nove (29) verbos com supino, sete (07) são de aspecto durativo. São eles: *accrēscō* (*adcr-*) *-ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *acquiēscō* (*adquiēscō*), *ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”, “encontrar repouso em”, “encontrar alegria ou consolação em”, “acalmar-se”, “sossegar”, “morrer (depois de uma vida de trabalho)”, “aquietar-se”, “consentir”; *concrēscō*, *crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō*, *-quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”, “abrandar”, “acalmar”, “estar em paz”, “achar descanso”; *crēscō*, *crēvī, crētum*, “crescer”; “brotar”, “nascer”, “aumentar”, “avultar”, “medrar”, “aumentar em número”, “multiplicar-se”, “engrandecer-se”, “elevar-se”; *dēcrēscō*, *-crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “diminuir”, “declinar (moralmente e fisicamente)” e *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; “repousar (no túmulo)”, “cessar”, “abrandar”, “apaziguar-se”, “acalmar-se”, “distrair-se”, “divertir-se”, “recrear-se”, “firmar-se em”, “apoiar-se”.

Dois (02) são de aspecto pontual: *expergīscor*, *-perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento” e *ingravēscō*, *-is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

Um (01) verbo com aspecto conclusivo: *revivēscō*, ou *revivīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Os demais, num total de dezoito (18) verbos, são de aspecto incoativo. São eles: *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”; *adolēscō*, *ēvī*, *ultum*, “crescer”, “tornar-se maior”; *ārdēscō*, *-is*, *-ēre*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *contenebrāscō*, *is*, *ēre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “enfurecer-se”, “irar-se”; *fervēscō*, *-is*, *-ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *lassēscō*, *-is*, *-ēre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *marcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mollēscō*, *-is*, *-ēre*, *-molis* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, “cobrir-se de trevas”; *pinguēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō*, *-is*, *-ēre*, “começar a cobrir-se de penas”; *putrēscō*, *-is*, *-ēre*, “estragar-se”, “apodrecer” e *stupēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se”.

Na tabela 3.13 e no gráfico 3.13, encontra-se a disposição da classificação aspectual desses verbos.

**Tabela 3.13 – A classificação aspectual dos verbos com supino, intransitivos, não parassintéticos e com sufixo -sc- na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Durativo</b>	07	24,1%
<b>Pontual</b>	02	6,8%
<b>Conclusivo</b>	01	3,4%
<b>Incoativo</b>	18	62%

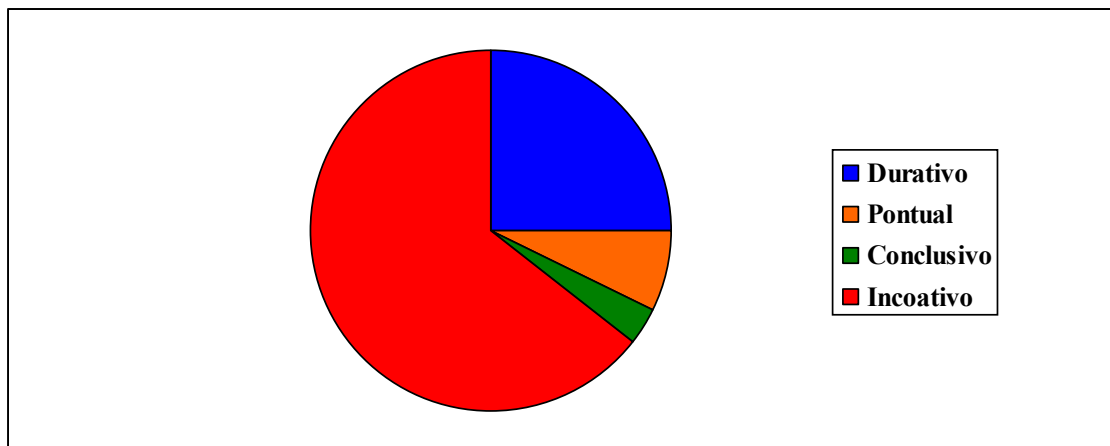


Gráfico 3.13 – A classificação (porcentagem) aspectual dos verbos com supino, intransitivos, não parassintéticos e com sufixo *-sc-* na Vulgata.

Quanto à derivação desses verbos que apresentam supino e a relação do aspecto deles, observou-se que dos sete (07) verbos que apresentam supino de aspecto durativo, quatro (04) são deverbais e (03) são denominais. O único (01) verbo que apresenta supino, de aspecto pontual, é denominal. Apenas um (01) verbo de aspecto conclusivo apresenta supino e é deverbais. Os incoativos com supino somam dezessete (17) verbos, desses, nove (09) são deverbais e oito (08) são denominais.

Os quatro (04) verbos não parassintéticos, intransitivos, com supino de aspecto durativo e deverbais são: *accrēscō (adcr-) -ēvī, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “desenvolver-se”, “ser acrescentado ou anexado a”; *concrēscō, crēvī, crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *crēscō, crēvī, crētum*, “crescer”; “brotar”, “nascer”, “aumentar”, “avultar”, “medrar”, “aumentar em número”, “multiplicar-se”, “engrandecer-se”, “elevar-se” e *dēcrēscō, -crēvī, -crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “diminuir”, “declinar (moralmente e fisicamente)”.

Não há verbo não parassintéticos, intransitivos, com supino de aspecto pontual que seja deverbais na Vulgata com o sufixo *-sc-*. Verbo com a mesma transitividade, com supino, deverbais e aspecto conclusivo há apenas um (01): *revīvēscō, ou revīvīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Permanece em maior número, nove (09), os verbos com a mesma transitividade, com supino, deverbais e de aspecto incoativo. São eles: *adolēscō, ēvī, ultum*, “crescer”, “tornar-se maior”; *ārdēscō, -is, -ēre*, “pegar o fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”, “brilhar”, “apaixonar-se”, “aumentar a violência”; *ārēscō, -is, -ēre*, “tornar-se seco”, “perder a humidade”, “tornar-se duro”; *exārdēscō, -ārsī, -ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”,

“enfurecer-se”, “irar-se”; *fervēscō, -is, -ĕre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *flāvēscō, -is, -ĕre*, “tornar-se amarelo”, “secar”; *ingemīscō* ou *ingemēscō -is, -ĕre*, “gemer”, “lamentar-se”; e *stupēscō, -is, -ĕre*, “tornar-se estupefato”, “espantar-se”.

Tratando-se dos verbos denominais, não parassintéticos, intransitivos, com supino e seus aspectos encontraram-se: três (03) de aspecto durativo: *acquiēscō (adquiēscō), ēvī, -ētum*, “dar-se ao repouso”, “repousar”, “descansar”, “encontrar repouso em”, “encontrar alegria ou consolação em”, “acalmar-se”, “sossegar”, “morrer (depois de uma vida de trabalho)”, “aquiiescer”, “consentir”; *conquiēscō, -quiēvī, -quiētum*, “estar em completo repouso”, “parar”, “cessar”, “descansar”, “abrandar”, “acalmar”, “estar em paz”, “achar descanso” e *requiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; “repousar (no túmulo)”, “cessar”, “abrandar”, “apaziguar-se”, “acalmar-se”, “distrair-se”, “divertir-se”, “recrear-se”, “firmar-se em”, “apoiar-se”.

Ainda quanto aos verbos denominais, não parassintéticos, intransitivos, com supino de aspecto pontual, foi encontrado apenas o verbo *ingravēscō, -is, -ĕre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

De aspecto conclusivo, não se encontrou verbo não parassintéticos, intransitivos, denominal com supino.

Os denominais, não parassintéticos, intransitivos, com supino de aspecto incoativo aparecem em maior número, oito (08). São eles: *contenebrāscō, is, ĕre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”; *immarcēscō, -is, -ĕre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *lassēscō, -is, -ĕre*, “cansar-se”, “fatigar-se”, “definhar-se” (tratando-se de plantas); *marcēscō, -is, -ĕre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *mollēscō, -is, -ĕre, -molis* “tornar-se mole”, “amolecer”, “tornar-se efeminado”, “fazer-se mole”, “amansar-se”, “domesticar-se”, “humanizar-se”; *obtenebrēscō, is, ĕre*, “cobrir-se de trevas”; *pinguēscō, -is, -ĕre*, “tornar-se gordo”, “engordar”, “tornar-se fértil”, “tornar-se rico”, “tornar-se oleoso”; *plūmēscō, -is, -ĕre*, “começar a cobrir-se de penas” e *tenebrēscō, is, ĕre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”.

Na tabela 3.14, pode-se conferir como esses verbos parassintéticos, intransitivos, com supino estão distribuídos entre os deverbais e os denominais, segundo seus aspectos.

**Tabela 3.14 - Verbos parassintéticos, intransitivos, com supino distribuídos entre os deverbais e os denominais, segundo seus aspectos.**

	<b>Deverbal</b>	<b>Denominal</b>
<b>Durativo</b>	04	03
<b>Pontual</b>	0	01
<b>Conclusivo</b>	01	0
<b>Incoativo</b>	09	08

Além disso, observaram-se as afirmações dos linguistas, numa comparação com a Vulgata, no que se refere ao aspecto dos verbos, formados com aquele sufixo, suas características semântico-gramaticais e a formação de verbos com sufixo *-asco*, *-esco* e *-isco*, e verbos parassintéticos com sufixo *-sc-*. Foi possível concluir que, entre as afirmações referidas, e o que se encontrou na Vulgata, acerca desse assunto, há convergências e divergências.

Observando as convergências, notou-se que as conjugações dos verbos intransitivos, deverbais e denominais, não parassintéticos, com o sufixo *-sc-*, apresentam as mesmas características que os linguistas afirmam. Na Vulgata, foram encontrados seis (06) verbos de segunda conjugação e cinquenta e um verbos (51) de terceira conjugação. Entre os linguistas, Ravizza (1958: 166) entende que os verbos com sufixos *-asco*, *-esco*, *-isco* são da terceira conjugação. Usando exemplos como, “de *inveterare* formam-se *inveterasco*, “envelheço”; de *convaleo*, *convalesço*, “recobro a saúde”; de *rubeo*, *rubesco*, “enrubeço”; de *obdormio*, *obdormisco*, “adormeço”, percebe-se que sua afirmação converge para o que se encontrou na Vulgata, ou seja, os verbos formados com o sufixo *-sc-* são os de terceira conjugação.

Outra convergência entre os verbos com o sufixo *-sc-* e suas conjugações na Vulgata é notada no texto de Almeida (1990: 239). Para este autor, os verbos que terminam em *-sco*, por exemplo, *ingemiscō*, “começar a gemer” e *inveterāscō*, “começar a ficar velho”, são da terceira conjugação. Essa mesma posição percebe-se nas afirmações de Williams (1975: 170). O sufixo *-sc-*, entende Williams, é a terminação do radical e, quando era acompanhada de “e” nos verbos de segunda conjugação, transformava-se em “c”, por exemplo, *\*parescit* > *parēscēre* > *parece*. Considerando a formação dos verbos com o sufixo *-sco*, Faria (1958: 244), observa serem eles da terceira conjugação, algo que ocorre com maior frequência.

Ainda às convergências entre as assertivas dos linguistas e o que se encontrou na Vulgata a respeito dos verbos com sufixo *-sc-*, menciona-se Kobayashi (1988: 396). Ao descrever os verbos latinos incoativos, divide-os em três classes. Denominada de raízes verbais, a primeira classe é composta de vocábulos com o auxílio de outros sufixos, ou a partir das raízes dos verbos. Como exemplo dessa primeira classe, o autor apresenta o vocábulo *poscere*, “solicitar”, *miscēre*, “misturar”, *(g)noscere*, “reconhecer”. Esse fato também é encontrado na Vulgata, como já foi citado, pois os verbos incoativos são formados com o sufixo *-sc-*.

Kobayashi (1988: 396) também percebe que há verbos com o sufixo *-sc-*, derivados de outros verbos de segunda conjugação no latim, como *convalescere*, “tornar-se forte” e *fervescere*, “chegar a ferver”, de *fervēre*, “ferver”. Essa assertiva converge para a Vulgata, pois dezoito (18) verbos deverbais formados com o sufixo *-sc-* são derivados de verbos da segunda conjugação. Outra afirmação de Kobayashi (1988, p. 396) coerente com a Vulgata está relacionada com o aspecto dos verbos formados com o sufixo *-sc-*. Para esse autor, foi o sufixo mais produtivo de verbos incoativos no latim e na Vulgata. Os verbos deverbais, formados com sufixo *-sc-*, de segunda conjugação, formam treze (13) verbos de aspecto incoativo e cinco (05) de aspecto durativo.

Considerando as assertivas dos linguistas divergentes do que se encontrou na Vulgata, percebe-se que no latim desse *corpus* prevalece o uso de verbos intransitivos com o sufixo *-sc-*. Já para Väänänen (1985: 237), os verbos formados com o sufixo *-sc-* eram apenas os intransitivos. Somente mais tarde, o sufixo *-sc-* passou a produzir verbos transitivos. Essa assertiva diverge do que se encontra na Vulgata, onde prevalece a presença de verbos intransitivos.

Os gramáticos e linguistas como Ravizza, Ghiselli e Concialini, Williams e Figueiredo e Almendra apresentam sufixo de aspecto incoativo. Dessa forma, percebe-se que a ênfase dos gramáticos e dos linguistas a respeito do sufixo verbal *-sc-* está voltada para a formação de verbos com o aspecto incoativo. Como foi demonstrado na Vulgata, esse sufixo não produz verbos apenas com esse aspecto, mas também com aspectos durativo e conclusivo.

Não se encontraram pesquisas abordando a relação entre a derivação e o aspecto dos verbos com o sufixo *-sc-* na Vulgata. Mesmo analisando o aspecto dos vinte e dois (22) verbos denominais, apenas os não parassintéticos e intransitivos, com sufixo *-sc-* na Vulgata, nota-se que prevalece o aspecto incoativo, com cinquenta e nove por cento (59%). O mesmo ocorreu com os verbos deverbais formados com o sufixo *-sc-*, havendo sessenta por cento (60%) de verbos incoativos. Para Almeida (1990: 239), todos os verbos que terminam em -



*sco*, por exemplo, *ingemiscō* “começar a gemer” e *inveterāscō* “começar a ficar velho”, são incoativos, fato que não se confirma na Vulgata.

## 4 VERBOS NA VULGATA COM SUFIXO *-SC-* PREFIXADOS E SUA GRAMATICIDADE

Ao perceber-se que os verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* também são objetos de análise dos linguistas e que os verbos, com as mesmas características, foram encontrados na Vulgata, notou-se a necessidade de verificar se o texto de Jerônimo foi considerado, ao estudarem a prefixação desses verbos latinos. Encontrou-se também, na Vulgata, os verbos prefixados formados com o sufixo *-sco*. Dos sessenta e um (61) verbos encontrados com esse sufixo, trinta e cinco (35) são prefixados.

### 4.1 Verbos prefixados na Vulgata com sufixo *-sc-*

Tratando-se dos prefixos na língua latina, Maurer Jr. (1951: 86) escreve que o latim vulgar não era rico no uso de prefixos, salvos os *ad-*, *ex-*, *in-* e *dis-*. Mesmo entendendo-se que a língua culta pode ter inovações, estas nem sempre foram aceitas no estilo clássico mais rígido. Além disso, as obras de César e Cícero não foram consideradas pelos autores pós-clássicos, visto que estes não apresentam um latim popular. Já os escritores tardios, conforme Maurer Jr.,

[...] continuam uma tradição que, às vezes, terá pontos de contato com a língua vulgar, sobretudo pelos elos de ligação da cultura cristã com a massa popular, mas, contendo e transmitindo uma cultura espiritual e filosófica profunda, não se cingem nem de longe aos minguados recursos da língua vulgar, sobretudo nos processos de sufixação e prefixação, onde, para atender os novos requisitos do pensamento cristão, conservam, e desenvolvem abundantemente os velhos recursos da língua literária. A influência grega, pelas origens helênicas do cristianismo gentílico e pela exuberância da sua literatura patristica, veio enriquecer o latim cristão com novas e preciosas contribuições (MAURER JR. 1951: 86).

Dos sessenta e um (61) verbos com o prefixo *-sc-* na Vulgata, trinta e cinco (35) são prefixados. Com o prefixo *ad-* há na Vulgata três (03) verbos: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso”; *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”. Com o prefixo *com-* e *con-* foram encontrados seis (06) verbos: *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”, “cessar”; *contābēscō*, *-tābūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *contenebrāscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de

trevas”; *contremīscō*, *-tremūi*, “começar a tremer”, “tremer”; *convalēscō*, *-valūi*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”.

Com o prefixo *de-*, apenas um (01) verbo: *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētu*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”. Com o prefixo *dis-*, somente um (01) verbo *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”. Com o prefixo *e-*, também um (01) verbo, *ērubēscō*, *-rubūi*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”. Com prefixo *ex-*, três (03) verbos: *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsūm*, “inflamara-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”. Com o prefixo *in-* foram encontrados dez (10) verbos: *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūi*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *inlūcēscō*, (*illūcēscō*) *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *innōtēscō*, *-nōtūi*, “tornar-se conhecido ou notado”; *īnsolēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se orgulhoso”, “insolente”, “arrogante”, “tomar um aspecto desusado”; *intumēscō*, *-tumūi*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, *-valūi*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”. Com o prefixo *ob-*, foram encontrados cinco (05) verbos: *obmūtēscō*, *-mūtūi*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obrigēscō*, *-rigūi*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”; *obstupēscō*, *-stupūi*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”; *obsurdēscō*, *-surdūi*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo”, *obtenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “cobrir-se de trevas”. Com o prefixo *per-*, apenas um (01) verbo: *peritimēscō*, *-timūi*, “espantar-se”, “ter muito medo”. Com o prefixo *re-*, três (03) verbos: *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *revivēscō*, ou *revivīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”. Com o prefixo *sub-*, apenas um (01) verbo, *succhrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo” e com o prefixo *super-*, também somente um (01) verbo *superchrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Entender a função de cada prefixo colaborará para compreender as características gramaticais dos verbos prefixados. Neste momento, observar-se-ão os significados dos prefixos desses com o sufixo *-sc-* na Vulgata. Ali eles foram encontrados com os prefixos *ad-*, *com-* ou *con-*, *de-*, *dis-*, *e-*, *ex-* ou *ē-*, *in-*, *ob-*, *per-*, *re-* ou *red-*, *sub-* e *super-*.

Iniciando pelo *ad-*, Torrinha (1942) informa que esse prefixo é utilizado para designar “começo de uma ação”, “direção para junto de ou contra”, “aproximação” e explica que é um

prefixo muito utilizado para a formação de verbos incoativos. O prefixo *com-* é encontrado tanto no dicionário Magne (1930) como no Torrinha (1942). Aparecendo nas variantes *com-* ou *con-*<sup>11</sup> ou *cum-* esse prefixo “toma as formas de *com-*, *con-* ou *co-* e designa simultaneidade, acabamento, intensidade” (TORRINHA, 1942).

O prefixo latino *de-* designa:

movimento de cima para baixo, ação feita segundo um objeto ou modelo, mudança de lugar, mudança de estado, afastamento, privação ou diminuição, acabamento, sentido superlativo, por vezes serve apenas para renovar uma forma simples que caiu em desuso (TORRINHA, 1942).

No dicionário Houaiss (2007), o prefixo *ex-* origina-se da preposição latina *ex/e*, com o significado “tirado de” e “movimento para fora”. O *ex-* como prefixo, afirma o dicionário Torrinha (1942), é utilizado antes de vogais; já antes do “f” esse prefixo adquire a forma de *ec-* e antes das sonoras “b”, “d”, “g”, “l”, “m”, “n”, “r”, “j” e “v” ele é reduzido a *ē-*. Permanece como *ex-* antes de “s”, “c” e “qu”. Antes de “p” é encontrado tanto em forma de *ex-* como de *ē-*.

*In-* é apresentado pelo Torrinha (1942) como um prefixo latino que permanece com o mesmo significado das preposições, “sobre”, “em”, “dentro de”, “entre” e “no meio de”, e também é utilizado para a formação de verbos incoativos, caracterizando aspecto de passagem a um novo estado. O *in-*, com o significado de privação ou negação, é prefixo utilizado com advérbios e adjetivos. Já com substantivos e verbos é pouco utilizado.

Na gramática de Cart *et al*, (1979: 91), o prefixo *ob-*, no latim, apresenta o valor semântico “em face de”. Poder-se-ia considerar o verbo latino *obmūtēscō* como “em face da mudez”. No dicionário Torrinha (1942), o prefixo *ob-* tem um significado mais amplo; além de “diante de” há também “em frente de”, “em vista de”, “por causa de”, “por amor de”, “em consequência de”, “em troca de”, “em troca por” e “contra, com a idéia de hostilidade”.

O prefixo *per-* “significa ‘através, durante, inteiramente, do princípio ao fim’ [...] designa acabamento, perfeição [...] junta-se a adjetivos ou advérbios, originando uma forma de superlativo absoluto [...] junto a verbos, reforça-lhes o sentido”. Já junto aos verbos, esse prefixo “reforça-lhes o sentido [...] cujo sentido próprio, dum modo geral, é para diante”, segundo o dicionário (TORRINHA, 1942).

<sup>11</sup> Na gramática de Queiroz (1986, p. 91), o prefixo “cum (con, cor, col, co)” significa “reunião de”.

O prefixo *re-* também é encontrado nos verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata. Torrinha (1942) informa que esse prefixo latino, *re-* ou *red-*, tem o significado, quando anteposto aos verbos, de voltar, ou regressar a um estado anterior, como *restitũō, ũĩ, ũtum*, “restabelecer” *reficĩō, fēcĩ*, “restaurar”, “reparar”, “refazer”; também significa movimento para trás, *recēdō, cessĩ, cessum*, “caminhar”, *redēō, ĩĩ, ĩtum*, “voltar”; movimento que destrói o que foi feito antes, ou seja, em sentido contrário, *reclūdō, sĩ, sum*, “abrir”, “descobrir”, *retēgō, tēxĩ, tēctum*, “descobrir”, “despir” e também voltar ao estado anterior, ou regressar, como: *restitũō, ũĩ, ũtum*, “restabelecer” *reficĩō, fēcĩ*, “restaurar”, “reparar”, “refazer”.

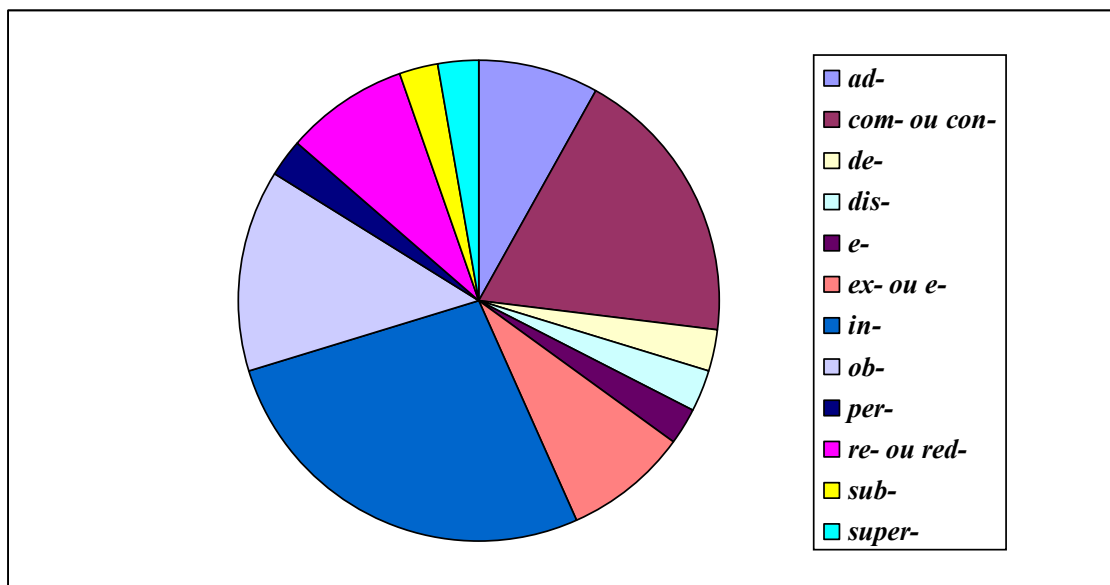
Há outra forma que Torrinha (1942) sugere ser anterior ao período clássico, aparecendo apenas antes de vogal, *red-*. Os exemplos citados por ele são: “como *redēō, ĩĩ, ĩtum*, ‘voltar’, *redĩmō, ěmĩ, ěmptum*, ‘resgatar (uma coisa vendida, um cativo, a vida, uma falta)’, ‘libertar’, ‘salvar’, ‘compensar’, também deixou vestígios do seu emprego antes de consoante” (TORRINHA, 1942).

O prefixo *sub-* apresenta o significado de sucessão ou substituição, “posição debaixo de alguma coisa”. Com adjetivos, indica diminuição; é encontrado em oposição ao prefixo *pré-* e ao prefixo *super-*. Em verbos, também é encontrado com o sentido de ação furtiva. No mesmo dicionário, não se encontrou a relação do prefixo *super-* com os verbos; ele apenas informa que esse é um prefixo que denota a ideia de “por cima”, “sobre”, “em cima de”, “acima de”, “mais do que”, “além de”, “acerca de” e “a respeito de” (TORRINHA, 1942). Já em outro dicionário, de língua portuguesa, percebe-se que esse prefixo apresenta o significado de excesso e abundância, quando forma verbos, como: “superativar” e “superabundar” (HOUAISS, 2007).

Apresentando as informações numéricas a respeito de verbos prefixados na Vulgata em tabela e gráfico, encontram-se:

Tabela 4.1 – Prefixos nos verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata.

Prefixo	Ocorrências	Porcentagem
<i>ad-</i>	03	8,5%
<i>com- ou con-</i>	06	17,1%
<i>de-</i>	01	2,8%
<i>dis-</i>	01	2,8%
<i>e-</i>	01	2,8%
<i>ex- ou e-</i>	03	8,5%
<i>in-</i>	10	28,5%
<i>ob-</i>	05	14,2%
<i>per-</i>	01	2,8%
<i>re- ou red-</i>	03	8,5%
<i>sub-</i>	01	2,8%
<i>super-</i>	01	2,8%

Gráfico 4.1 – A presença (porcentagem) dos prefixos nos verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata.

Notou-se que dos prefixos presentes na Vulgata, o prefixo *in-* forma dez (10) verbos com sufixo *-sc-*, atingindo a maior porcentagem, ou seja, vinte e oito inteiros e cinco décimos

por cento (28,5%). Já os sufixos *de-*, *dis-*, *e-*, *per-*, *sub-* e *super-* apresentam-se no menor número de verbos com o sufixo *-sc-*, sendo apenas um (01) para cada sufixo, atingindo apenas dois inteiros e oito décimos por cento (2,8%). Percebeu-se também que a produtividade dos prefixos *ob-*, *ex-* ou *e-* e *re-* ou *red-* foi pouco significativa, com o resultado de quatorze inteiros e dois décimos por cento (14,2%) e oito inteiros e cinco décimos por cento (8,5%) sucessivamente. O prefixo *com-* ou *con-* foi o segundo mais produtivo na Vulgata, atingindo dezessete inteiros e um décimos por cento (17,1%) do total.

Sendo a Vulgata um texto do latim pós-clássico, notou-se presente uma porcentagem semelhante à de verbos prefixados, formados com sufixo *-sc-* no período do latim arcaico e clássico. Nesse caso, poder-se-ia considerar a possibilidade de Jerônimo ter usado textos bíblicos do Novo Testamento em latim, já utilizados no norte da África e no sul da Europa, a fim de organizar o Novo Testamento da Vulgata. Ele teria, assim, utilizado textos latinos com verbos prefixados, escritos antes do século IV d.C.

Haverling (1991: 51) explica que, no latim arcaico e clássico, foram encontrados trezentos e quarenta e cinco (345) verbos. Destes, cento e noventa e nove (199) são prefixados, e cento e quarenta seis (146) são sem prefixo. Ao analisar os dados de Haverling e da Vulgata, pode-se perceber, na Vulgata, a quantidade de verbos prefixados com sufixo *-sc-* que provavelmente tenham permanecido no latim pós-clássico. Comparando os dados de Haverling com a Vulgata em gráficos, encontram-se as seguintes informações:

**Tabela 4.2 – Ocorrências de verbos prefixados com sufixo *-sc-* no latim arcaico e clássico, segundo Haverling.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Verbos prefixados</b>	<b>199</b>	<b>57,6%</b>
<b>Verbos não prefixados</b>	<b>146</b>	<b>42,3%</b>

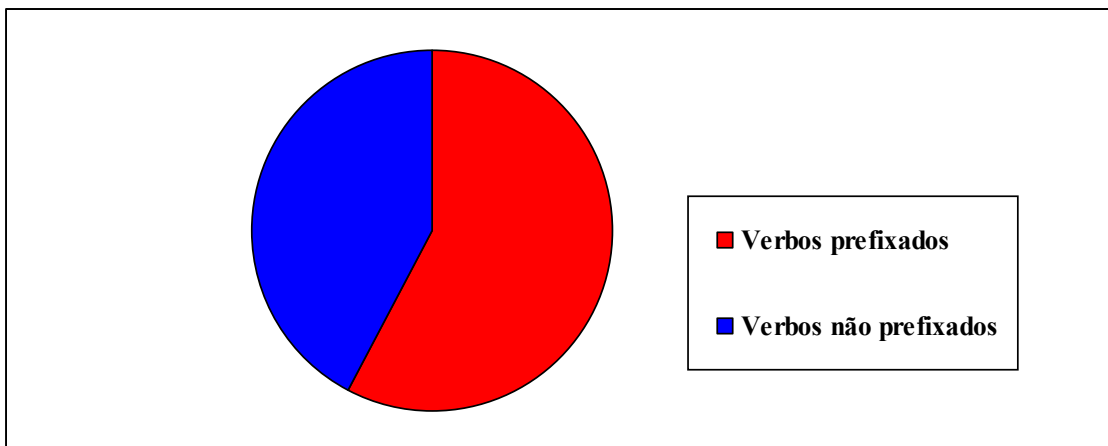


Gráfico 4.2 – A presença (porcentagem) dos verbos prefixados com sufixo *-sc-* no latim arcaico e clássico.

Na Vulgata, a porcentagem, na tabela e no gráfico, dos verbos prefixados e não prefixados com o sufixo *-sc-* encontram-se as seguintes informações:

**Tabela 4.3 – Ocorrências de verbos prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Verbos prefixados</b>	<b>35</b>	<b>57,3%</b>
<b>Verbos não prefixados</b>	<b>26</b>	<b>42,6%</b>

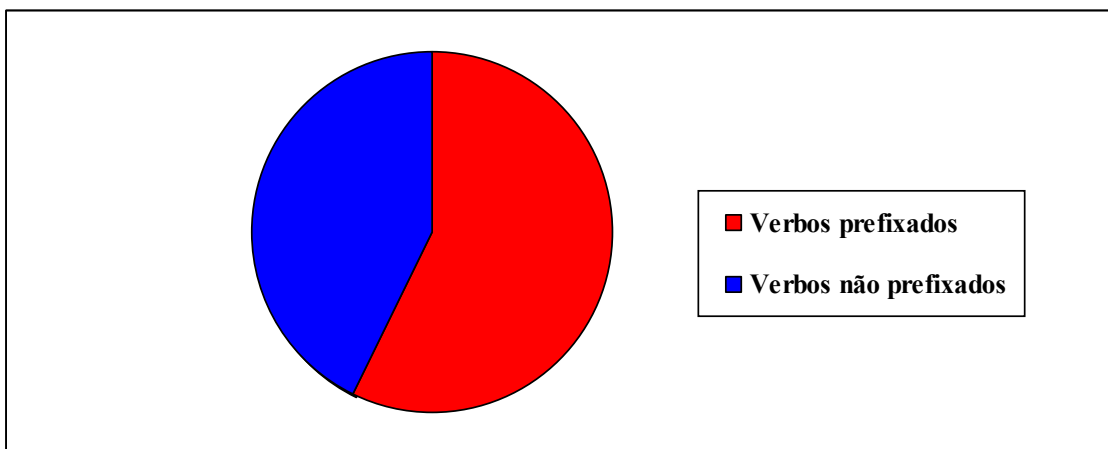


Gráfico 4.3 – A presença (porcentagem) dos verbos prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata.



Observando o gráfico que apresenta a presença de verbos prefixados, com sufixo *-sc-*, à luz das informações de Haverling - latim arcaico e clássico - o gráfico que apresenta a presença de verbos prefixados, com sufixo *-sc-*, na Vulgata, verificou-se que a produtividade de verbos, com sufixo *-sc-* e prefixados, foi a mesma no latim arcaico, clássico e na Vulgata.

Vários verbos com o sufixo *-sco* recebem prefixo no latim arcaico. Já o caso de verbos que não recebem prefixo e são formados com o sufixo *-sco* não são encontrados até o latim pós-clássico. Dependendo do caso, estes só são encontrados em glossários e em gramáticas, dentre eles: “*concupīscō, condolēscō, condormīscō, obdormīscō, conticēscō e extimēscō*”<sup>12</sup> (HAVERLING, 1991: 43).

Haverling (1991: 42) afirma que há em torno de setecentos (700) verbos com o sufixo *-sco* na língua latina, sendo quase a metade encontrada no latim arcaico e clássico. Os verbos com o sufixo *-sco* recebem prefixo no latim arcaico. Já o caso dos verbos que não recebem prefixo e são formados com o sufixo *-sco* não são encontrados até o latim pós-clássico, mas, consultando a Vulgata, percebeu-se uma informação divergente da de Haverling. Os verbos prefixados, que utilizam o sufixo *-sco*, são mais produtivos, segundo Haverling, no latim arcaico, já os não prefixados, formados com o mesmo sufixo, apresentam-se maior produtividade em torno de 200 d.C.

Kobayashi (1988: 396) informa que os verbos sem prefixo são produções dos homens cultos, como é o caso de *clārēscō*, “tornar-se claro” e *nigrēscō*, “tornar-se negro, negrejar” (KOBAYASHI, 1988: 396). Como já foi citado, Basseto (1996: 193) informa que o latim cristão substituiu a língua grega no século II e foi adotado pelo Cristianismo. Com o objetivo de adaptar a língua latina aos recém-convertidos, visto que eram de classes sociais baixas, este latim apresentava traços populares. Assim como houve, na Igreja, homens com conhecimento do latim culto, houve também homens atentos ao latim vulgar. Basseto afirma, além disso, que essas características populares são perceptíveis pela presença dos plebeísmos na Vulgata.

Partindo do pressuposto de Kobayashi (1988: 396), que os verbos sem prefixo são resultado da produção dos homens cultos, percebe-se que a presença de verbos prefixados na Vulgata caracteriza a influência de pessoas não cultas. Para Basseto (1996: 90), a comunidade cristã teve origem na classe mais baixa da sociedade e, por esse motivo, quando o número de cristãos cresceu, foi “necessário adequar os textos à língua que a maioria conhecia, latim vulgar”. Por outro lado, o mesmo autor explica não se tratar de “tradução em latim vulgar, mas que procura aproximar-se da fala corrente”. Surgiu, mais tarde, o latim

---

<sup>12</sup> “cobiçar, começar bruscamente a sofrer, adormecer profundamente, calar-se, estar muito assustado”

eclesiástico, mais culto, contudo este não “deve ser confundido com o latim cristão antigo”, encontrado nas primeiras traduções do Novo Testamento do grego para o latim. Sendo assim, a presença de verbos com sufixo *-sc-*, prefixados na Vulgata, pode demonstrar características da fala corrente do século II d.C.

#### 4.2 A transitividade, conjugação, derivação e aspecto dos verbos prefixados com sufixo *-sc-*

Pelo fato de se ter encontrado afirmações dos linguistas a respeito da gramaticidade dos verbos prefixados, com sufixo *-sc-* na língua latina, optou-se, como nos verbos parassintéticos e não parassintéticos na Vulgata, por analisar a gramaticidade dos verbos prefixados também presentes na mesma Bíblia em latim. Destarte, observar-se-á a transitividade dos verbos prefixados e seus aspectos, como também a transitividade deles e suas derivações, a relação entre as derivações e aspectos dos verbos, também as derivações e conjugações dos verbos, suas conjugações e aspecto dos verbos, e a presença do supino. Também será considerada a relação dessas características gramaticais com a prefixação, a fim de entender em qual categoria gramatical eram formados os verbos com esses prefixos.

##### 4.2.1 A transitividade dos verbos prefixados e suas derivações

A transitividade dos verbos com sufixo *-sc-* e prefixados também é registrada por Haverling. Segundo este autor, entre verbos prefixados e formados com o sufixo *-sco* foram mais frequentes os intransitivos do que os transitivos (HAVERLING, 1991: 43).

Na Vulgata, essa afirmação também se confirma. Dos trinta e cinco (35) verbos com sufixo *-sc-* e prefixados, trinta e quatro (34) são intransitivos e apenas um deles é transitivo. São eles: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso”; *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”; *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar”; *contābēscō*, *-tābūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *contenebrāscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *contremīscō*, *-tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētū*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, *-rubūī*, “fazer-

se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsūm*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *inlūcēscō*, (*illūcēscō*) *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *obmūtēscō*, *-mūtūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obrigēscō*, *-rigūī*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”; *obsurdēscō*, *-surdūī*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo”; *obtenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “cobrir-se de trevas”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *succrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo” e *supercrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

O único verbo transitivo com sufixo *-sc-* e prefixado na Vulgata é *pertimēscō*, *-timūī*, “espantar-se”, “ter muito medo”.

**Tabela 4.4 – Ocorrências de verbos prefixados, intransitivos e transitivos, com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Prefixados Intransitivos</b>	<b>35</b>	<b>97,2%</b>
<b>Prefixados Transitivos</b>	<b>01</b>	<b>2,7%</b>

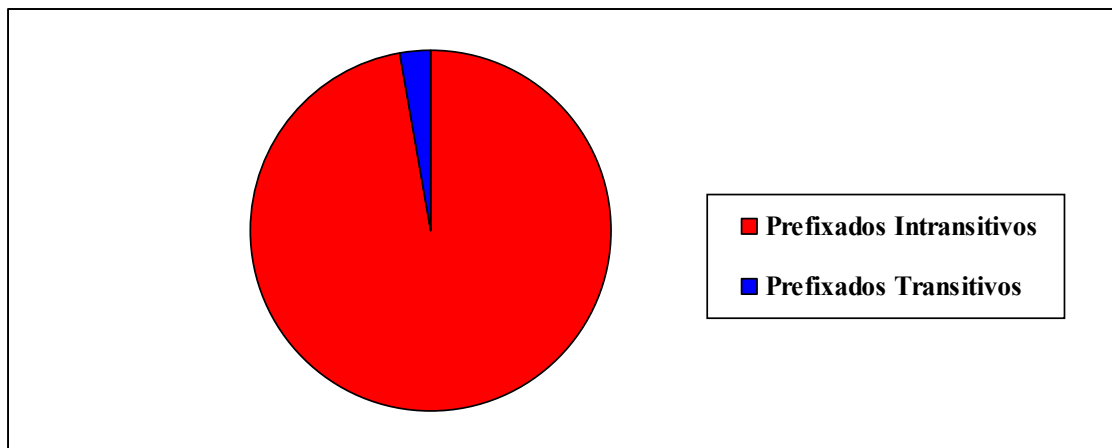


Gráfico 4.4 – A presença (porcentagem) dos verbos prefixados, intransitivos e transitivos, com sufixo -sc- na Vulgata.

Ainda considerando a assertiva de Haverling (1991: 43), dos verbos prefixados e formados com o sufixo -sco, foram mais frequentes os verbos formados de adjetivos e nomes. Por esse motivo, observam-se os verbos prefixados e com sufixo -sc- na Vulgata, a fim de entender se essa construção ocorreu também no latim pós-clássico.

Os verbos deverbiais prefixados e com sufixo -sc- presentes na Vulgata são: *adulēscō*, ou *adolēscō*, -ēvī, -ultum, “crescer”, “engrossar”; *concrēscō*, -crēvī, -crētum, “formar-se por agregação ou condensação”; *contābēscō*, -tābūī, “fundir-se”, “desfazer-se”; *contenebrāscō*, -is, -ēre, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *contremīscō*, -tremūī, “começar a tremer”, “tremer”; *convalēscō*, -valūī, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *dēcrēscō*, -crēvī, -crētū, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *dīlūcēscō*, -luxī, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, -rubūī, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, -ārsī, -ārsūm, “inflmava-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expavēscō*, -pāvī, “estar apavorado”, “assustar-se”; *incrēscō*, -crēvī, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* -is, -ēre, “gemit”, “lamentar-se”; *inlūcēscō*, (*illūcēscō*) -luxī, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *innōtēscō*, -nōtūī, “tornar-se conhecido ou notado”; *intumēscō*, -tumūī, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, -valūī, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *obrigēscō*, -rigūī, “tornar-se duro”, “endurecer-se”; *obstupēscō*, -stupūī, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”; *obtenebrēscō*, -is, -ēre, “cobrir-se de trevas”; *peritimēscō*, -timūī, “espantar-se”, “ter muito medo”; *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, -vīxī, -vīctum, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *succhrēscō*, -crēvī, “crescer”, “brotar por baixo” e *superchrēscō*, -crēvī, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Os verbos denominais prefixados e com sufixo *-sc-* presentes na Vulgata são: *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”; *acquiēscō* (*adquiēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar”; *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *obmūtēscō*, *-mūtūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obsurdēscō*, *-surdūī*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito” e *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”.

Na tabela e no gráfico 4.5, é possível visualizar, em porcentagem, como prevalece a produtividade dos verbos deverbais prefixados e com sufixo *-sc-*.

**Tabela 4.5 – Ocorrências de verbos deverbais e denominais prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Deverbais</b>	<b>24</b>	<b>68,4%</b>
<b>Denominais</b>	<b>11</b>	<b>31,4%</b>

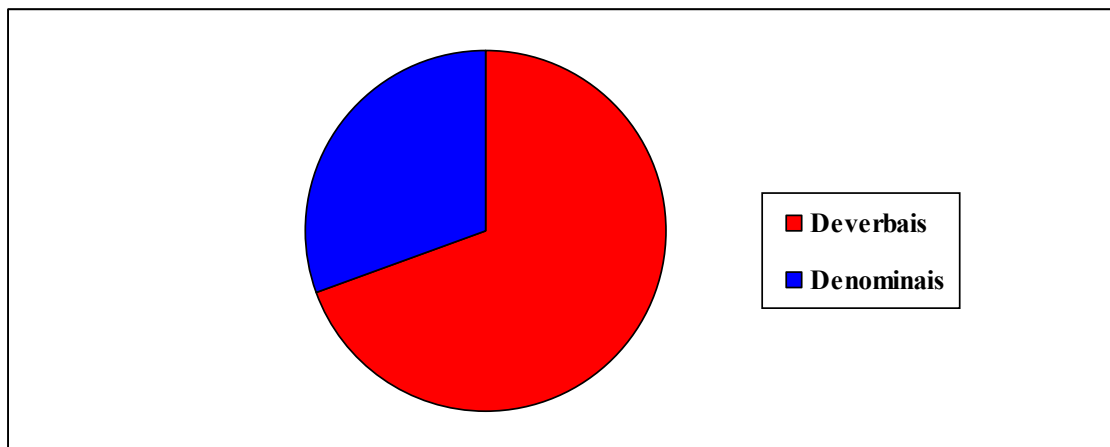


Gráfico 4.5 – A presença (porcentagem) dos verbos deverbais e denominais prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata.

Percebeu-se que dos trinta e cinco (35) verbos com sufixo *-sc-* e prefixados, vinte e cinco (24) são deverbais e onze (11), denominais. A assertiva de Haverling - os verbos prefixados e com sufixo *-sc-* eram derivados de nomes - está relacionada com o latim clássico; já na Vulgata, *corpus* do latim pós-clássico, deixou de prevalecer a formação dos verbos denominais e prevaleceu a formação de verbos deverbais.

#### 4.2.2 Os verbos prefixados e seus aspectos

Além de se ter analisado a transitividade dos verbos com sufixo *-sc-* e prefixados, observou-se também a relação entre os prefixos que formam os verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata e o aspecto desses verbos. Com o prefixo *ad-*, há, na Vulgata, três (03) verbos, sendo dois (02) com aspecto durativo e um, incoativo. Os durativos são: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso” e *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”. O incoativo é *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”.

Com o prefixo *com-* e *con-*, foram encontrados seis (06) verbos na Vulgata, sendo três (03) de aspecto durativo, um (01), conclusivo e dois (02), incoativo, sendo, os durativos: *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar” e *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”. O de aspecto conclusivo: *contābēscō*, *-tābūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”. Os de aspecto incoativo: *contenebrāscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas” e *contremīscō*, *-tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”.

O único verbo encontrado com o prefixo *de-* é de aspecto durativo: *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”. Já com o prefixo *dis-*, o único verbo encontrado é de aspecto incoativo: *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”. Com o prefixo *e-*, aparece um verbo incoativo: *ērubēscō*, *-rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”.

Os três (03) verbos encontrados com o prefixo *ex-* são de aspectos diferentes: incoativo, durativo e pontual. São eles respectivamente: *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsum*, “inflamara-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se” e *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”.

Com o prefixo *in-*, foram encontrados nove (09) verbos. Cinco (05) deles são de aspecto incoativo, três (03) de aspecto durativo, e um (01) de aspecto pontual. São os verbos incoativos *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, -

*calŭi*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingemiscō* ou *ingemescō -is, -ĕre*, “gemer”, “lamentar-se”; *inlŭcescō, (illŭcescō) -luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia” e *innōtescō, -nōtŭi*, “tornar-se conhecido ou notado”. Os verbos durativos com o mesmo prefixo são: *incrĕscō, -crĕvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *intumescō, -tumŭi*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer” e *invalĕscō, -valŭi*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”. Ainda com o mesmo prefixo, o verbo de aspecto pontual é *ingravĕscō, -is, -ĕre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

Dos cinco (05) verbos encontrados com o prefixo *ob-*, todos são incoativos: *obmŭtĕscō, -mŭtŭi*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obrigĕscō, -rigŭi*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”; *obstupĕscō, -stupŭi*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”; *obsurdĕscō, -surdŭi*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo” e *obtenebrĕscō, -is, -ĕre*, “cobrir-se de trevas”.

Apenas um (01) verbo foi encontrado com o prefixo *per-*, sendo de aspecto pontual: *pertimĕscō, -timŭi*, “espantar-se”, “ter muito medo”. Dos três (03) verbos encontrados com o prefixo *re-*, dois (02) são de aspecto conclusivo e um (01), durativo. Os conclusivos são: *refriagĕscō* ou *refrigĕscō, -frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito” e *revīvĕscō, ou revivīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”. O de aspecto durativo é *requiĕscō, -quiĕvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”.

Com o prefixo *sub-*, também foi encontrado apenas um (01) verbo de aspecto durativo: *succrĕscō, -crĕvī*, “crescer”, “brotar por baixo” e com o prefixo *super-* também somente um (01) verbo de aspecto durativo: *supercrĕscō, -crĕvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Na tabela 4.6, percebe-se que, dos trinta e cinco (35) verbos prefixados formados com o sufixo *-sc-*, dezesseis (16) verbos são incoativos, treze (13) durativos, três (03) conclusivos e três (03) pontuais. Prevalece o aspecto incoativo entre os verbos prefixados. Os prefixos mais produtivos de verbos com o sufixo *-sc-* e de aspecto incoativo na Vulgata são o *in-* e o *ob-*.

Tabela 4.6 – Prefixos nos verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata.

Prefixo	Aspecto	Número de verbos
<i>ad-</i>	durativo	02
<i>ad-</i>	incoativo	01
<i>com-</i> ou <i>com-</i>	durativo	03
<i>com-</i> ou <i>con-</i>	incoativo	02
<i>com-</i> ou <i>con-</i>	conclusivo	01
<i>de-</i>	durativo	01
<i>dis-</i>	incoativo	01
<i>e-</i>	incoativo	01
<i>ex-</i> ou <i>e-</i>	incoativo	01
<i>ex-</i> ou <i>e-</i>	durativo	01
<i>ex-</i> ou <i>e-</i>	pontual	01
<i>in-</i>	incoativo	05
<i>in-</i>	durativo	03
<i>in-</i>	pontual	01
<i>ob-</i>	incoativo	05
<i>per-</i>	pontual	01
<i>re-</i> ou <i>red-</i>	conclusivo	02
<i>re-</i> ou <i>red-</i>	durativo	01
<i>sub-</i>	durativo	01
<i>super-</i>	durativo	01

Sousa (1868: 231) também menciona a relação existente entre os verbos prefixados formados com sufixo *-sc-* e os que estão presentes na Vulgata, como “*ārēscō, is, ěre*, ‘torno-me seco’, de *ārēō, ūī*, ‘estar seco’, ‘árido’; *acēscō, acūī*, de *acēō, ūī*; *calēscō, is, ěre* ou *incalēscō, calūī*, ‘torno-me quente’, ‘esquento-me’, de *calēō, ūī*, ‘estar quente’”. O mesmo autor também cita os verbos *exārdēscō, ārsī*, “abrasar-se”, “inflamar-se” de *ārdēō, ārsī*, “arder”, “estar em brasa” e não de *exārdēō, ēs, ěre*, “tornar-se ardente”; *efflōrēscō, flōrūī*, “florescer” de *flōrēō, flōrūī*, “florir”, “estar em flor” e não de *efflōrēō, ēs, ěre*, “florescer”.



Para Sousa (1868: 231), os verbos, *exārdēō, ēs, ēre*, “tornar-se ardente” como *efflōrēō, ēs, ēre*, “florescer” não existem, porém são encontrados em Torrinha (1942).

#### 4.2.3 A relação entre as derivações e aspectos dos verbos prefixados

Já foi observado que a derivação dos verbos prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata aparece em vinte e quatro (24) verbos deverbais e onze (11) denominais. Nos vinte e quatro (24) deverbais, encontram-se os seguintes aspectos: treze (13) são incoativos, nove (09) são durativos, três (03) conclusivos e dois (02) pontuais. Dos onze (11) verbos denominais, pode-se classificar os denominais, derivados de substantivos e denominais, derivados de adjetivos. Sendo assim, encontram-se na Vulgata, os seguintes aspectos de verbos derivados de substantivos: dois (02) durativos e dois (02) incoativos. Nos verbos deadjetivais, há três (03) incoativos e um (01) pontual.

**Tabela 4.7 – A derivação dos verbos prefixados, com sufixo *-sc-* na Vulgata e seus aspectos.**

Aspecto	Verbos deverbais	Verbos denominais	Verbos deadjetivais
<b>Incoativo</b>	13	02	03
<b>Durativo</b>	09	02	
<b>Conclusivo</b>	03		
<b>Pontual</b>	02		01

Sousa (1868: 231) apresenta verbos prefixados e formados com sufixo *-sc-* diferentes dos mencionados na Vulgata: *dēfervēscō, ferbūī* ou *fervī*, “deixar de ferver”, de *fervēō, būī*, “ferver”; *dēlitēscō, litūī*, “esconder-se”, de *láteo, ūī*, “estar escondido”; *excandēscō, candūī*, “abrasar-se”, de *candēō, ūī*, “estar em brasa”; *horrēscō, is, ěre*, “arrepisar-se”, de *horrēō, ūī*, “erguer-se”, desse último também deriva *exhorrēscō, horrūī*, “tremar”; *obdormīscō, is, ěre*, “adormecer”, de *dormīō, īvī*, ou *īī, ītum*, “dormir” e *perhorrēscō, horrūī*, “tremar muito” (SOUSA, 1868: 231).

Ainda o mesmo autor, tratando-se de verbos prefixados, formados com o sufixo *-sc-* e seus aspectos na língua latina, entende que esses verbos são incoativos, deadjetivais; por exemplo: *mātūrus, a, um* → *mātūrēscō, rūī*, “maduro”, “amadurecer”; *niger, gra, grum* → *nigrēscō, nigrūī*, “negro”, “tornar-se negro”; *mūtus, a, um* → *mūtēscō, is, ěre* “mudo”, “emudecer”; *mūtus, a, um* → *obmūtēscō, mūtūī*, “mudo”, “emudecer”; *intēger, gra, grum* → *integrāscō, is, ěre*; “inteiro”, “começar novamente”; *curvus, a, um* → *curvēscō, is, ěre*, “curvado”, “curvar-se”, *puer, ěrī* → *puerāscō, is, ěre*, “menino, rapazinho”, “entrar na idade que se segue à infância” e *silva, ae* → *silvēscō, is, ěre*, “floresta”, “tornar-se silvestre” (SOUSA, 1868: 231).

Contudo, não é isso que se encontra na Vulgata, porque, quanto ao aspecto incoativo dos verbos prefixados e formados com sufixo *-sc-*, prevalecem os deverbais. Na Vulgata, apenas cinco (05) verbos incoativos são denominais, sendo dois (02) derivados de substantivo e três (03) derivados de adjetivos, fato que diverge da afirmação de Sousa (1868: 231).

Duarte<sup>13</sup> explica que a formação de verbos incoativos com esse sufixo também se dava com bases deadjetivais, por exemplo, *niger, -gra, -grum* adjetivo, “negro” e *nigrēscō, -īs, -ěre, nigrūī*, verbo, “tornar-se negro”. Lembra também que, nesse caso, era necessário que o adjetivo *niger* fosse transformado, em primeiro lugar, num verbo estativo, *nigrĕō, ěs, ěre*, “estar escuro”, para depois ser transformado num verbo incoativo, *nigrēscō, nigrūī*, “tornar-se negro”.

Os verbos deverbais prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, suas derivações e seus aspectos, estão assim distribuídos, iniciando-se pelos verbos deverbais incoativos: *adhaerēscō, -haesī, -haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”; *contenebrāscō, -is, -ěre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *contremīscō, -tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *dīlūcēscō, -luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ĕrubēscō, -rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō, -ārsī, -ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “arder”; *immarcēscō, -is, -ěre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō, -calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingemīscō* ou *ingemēscō -is, -ěre*, “gemer”, “lamentar-se”; *inlūcēscō, (illūcēscō) -luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *innōtēscō, -nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *obstupēscō, -stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado” e *obtenebrēscō, -is, -ěre*, “cobrir-se de trevas”.

<sup>13</sup> DUARTE, Paulo Mosânio T. *Bases diacrônicas para as relações de causatividade e processualidade em português: a gênese da voz média*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno10-08.html>> Acesso em: 19 fev. 2011.

Entre os verbos deverbais durativos são: *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētū*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *succrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo” e *supercrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Seguindo com os verbos deverbais, encontram-se os conclusivos: *contābēscō*, *-tābūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito” e *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Ainda entre verbos deverbais, há os pontuais: *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento” e *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se” e *pertimēscō*, *-timūī*, “espantar-se”, “ter muito medo”.

Já os verbos denominais, derivados de substantivos, em menor produtividade, prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, suas derivações e seus aspectos, estão assim distribuídos, iniciando-se pelos verbos denominais incoativos: *obsurdēscō*, *-surdūī*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo” e *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”. Os verbos denominais durativos são: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso” e *conquiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar”

Os verbos denominais, derivados de adjetivos, os deadjetivais, encontram-se os incoativos: *obmūtēscō*, *-mūtūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obtenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “cobrir-se de trevas” e *obsurdēscō*, *-surdūī*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo”. Ainda entre os verbos deadjetivais, há apenas um verbo de aspecto pontual *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

#### 4.2.4 A relação entre as derivações e conjugações dos verbos prefixados

Visto que os linguistas trabalharam as diversas características da produtividade dos verbos formados com sufixo *-sc-*, como as derivações, as conjugações, o aspecto, procurando entrelaçar essas informações, a fim de obter dados que apresentem a gramaticidade do sufixo *-sc-* na língua latina, optou-se também por observar, na Vulgata, a relação entre as derivações

dos verbos prefixados, formados com o sufixo *-sc-* e as conjugações. Tal abordagem não foi discutida pelos linguistas.

Dessa forma, como já foi citado, pôde-se perceber que dos treze (13) verbos deverbais, prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata, de aspecto incoativo, um (01) deles é de segunda conjugação: *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”. Os demais, os doze (12), são de terceira conjugação: *contenebrāscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *contremīscō*, *-tremūī*, “começar a tremer”, “tremer”; *dīlūcēscō*, *-luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō*, *-rubūī*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsūm*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “arder”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *incalēscō*, *-calūī*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemitivo”, “lamentar-se”; *inlūcēscō*, (*illūcēscō*) *-luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia”; *innōtēscō*, *-nōtūī*, “tornar-se conhecido ou notado”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado” e *obtenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “cobrir-se de trevas”.

Dos nove (09) verbos deverbais, prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata, de aspecto durativo, apenas um (01) deles é de segunda conjugação: *convalēscō*, *-valūī*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se” e oito (08) deles são de terceira conjugação: *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvī*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētū*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *incrēscō*, *-crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *intumēscō*, *-tumūī*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō*, *-valūī*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *succrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo” e *supercrēscō*, *-crēvī*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Quanto aos três (03) verbos deverbais, prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata, de aspecto conclusivo, todos são de terceira conjugação: *contābēscō*, *-tābūī*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxī*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito” e *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Os dois (02) verbos deverbais, prefixados e com sufixo *-sc-* na Vulgata, de aspecto pontual são de terceira conjugação: *expērgīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento” e *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se” e *pertimēscō*, *-timūī*, “espantar-se”, “ter muito medo”.

**Tabela 4.8 – Conjugação dos verbos deverbais, prefixados e com sufixo -sc- na Vulgata, conforme seus aspectos.**

<b>Aspecto</b>	<b>Terceira conjugação</b>	<b>Segunda conjugação</b>
<b>Incoativo</b>	12	01
<b>Durativo</b>	08	01
<b>Conclusivo</b>	03	
<b>Pontual</b>	02	

Notou-se assim que, entre os verbos deverbais prefixados, formados com o sufixo -sc- na Vulgata, prevalecem os de terceira conjugação, com aspectos incoativo, durativo, conclusivo e pontual. Os mesmos verbos, porém, de segunda conjugação, apresentam apenas os aspectos incoativo e durativo.

Dos onze (11) verbos denominais, pode-se classificar os denominais, derivados de substantivos e denominais derivados de adjetivos. Sendo assim, encontram-se na Vulgata os seguintes aspectos de verbos derivados de substantivos: dois (02) durativos e dois (02) incoativos. Quanto ao aspecto dos verbos deadjetivais, três (03) são incoativos, e um (01), pontual.

Iniciando-se pelos dois (02) verbos denominais, derivados de substantivos, incoativos, percebeu-se que ambos são de terceira conjugação: *obsurdēscō*, -*surdūī*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo” e *requiēscō*, -*quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”. Tratando-se dos verbos denominais, derivados de substantivos, de aspecto durativos, dois (02) são de terceira conjugação: *acquiēscō* (*adquiēscō*), -*ēvi*, -*ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso” e *conquiēscō*, -*quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar”.

**Tabela 4.9 – Conjugação dos verbos denominais, derivados de substantivos, prefixados, formados com sufixo -sc- na Vulgata, conforme seus aspectos.**

Aspecto	Terceira conjugação	Segunda conjugação
<b>Incoativo</b>	02	
<b>Durativo</b>	02	
<b>Conclusivo</b>		
<b>Pontual</b>		

Prevalece a terceira conjugação nos verbos prefixados, formados com o sufixo -sc-, denominais, derivados de adjetivos, os deadjetivais, de aspecto incoativo: *obmūtēscō, -mūtūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obtenebrēscō, -is, -ēre*, “cobrir-se de trevas” e *obsurdēscō, -surdūī*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo”. O único verbo deadjetival, também prefixado, formados com o sufixo -sc-, de aspecto pontual é de terceira conjugação: *ingravēscō, -is, -ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”.

**Tabela 4.10 – Conjugação dos verbos denominais, derivados de adjetivos, prefixados, formados com sufixo -sc- na Vulgata, conforme seus aspectos.**

Aspecto	Terceira conjugação	Segunda conjugação
<b>Incoativo</b>	03	
<b>Durativo</b>		
<b>Conclusivo</b>		
<b>Pontual</b>	01	

Observou-se assim que prevalece a terceira conjugação nos verbos prefixados, formados com o sufixo *-sc-*, denominais, tanto nos derivados de substantivos, como nos de adjetivos, os deadjetivais, independente do aspecto do verbo. Independente da derivação, notou-se, numa relação entre conjugação e aspecto dos verbos prefixados na Vulgata, formados com o sufixo *-sc-*, todos já citados, dos dezesseis verbos (16) prefixados incoativos, quinze (15) são de terceira conjugação e um (01), de segunda.

Abordando o aspecto durativo dos verbos prefixados na Vulgata, dez (10) deles são de terceira conjugação e apenas um (01), de segunda conjugação. Dos verbos prefixados de aspecto conclusivo, os três (03) registrados na Vulgata são de terceira conjugação. Os verbos prefixados de aspecto pontual são de terceira conjugação.

#### 4.2.5 Os verbos prefixados na Vulgata e a presença do supino: aspectos e derivação

De todos os verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-*, quinze (15) deles apresentam supino: *acquiēscō* (*adquiēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso”; *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”; *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar”; *contenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *exārdēscō*, *-ārī*, *-ārsū*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *ingemīscō* ou *ingemēscō* *-is*, *-ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *obtenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “cobrir-se de trevas”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar” e *revīvēscō*, ou *revīvīscō*, *-vīxī*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Desses quinze (15) verbos prefixados na Vulgata, que apresentam supino, seis (06) deles são de aspecto incoativo, seis (06) de aspecto durativo, dois (02) aspecto pontual e um (01) de aspecto conclusivo.

**Tabela 4.11 – A presença do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-* e seus aspectos.**

Aspecto	Número de verbos com supino	Porcentagem de verbos com supino
Incoativo	06	40%
Durativo	06	40%
Conclusivo	02	13,3%
Pontual	01	6,6%

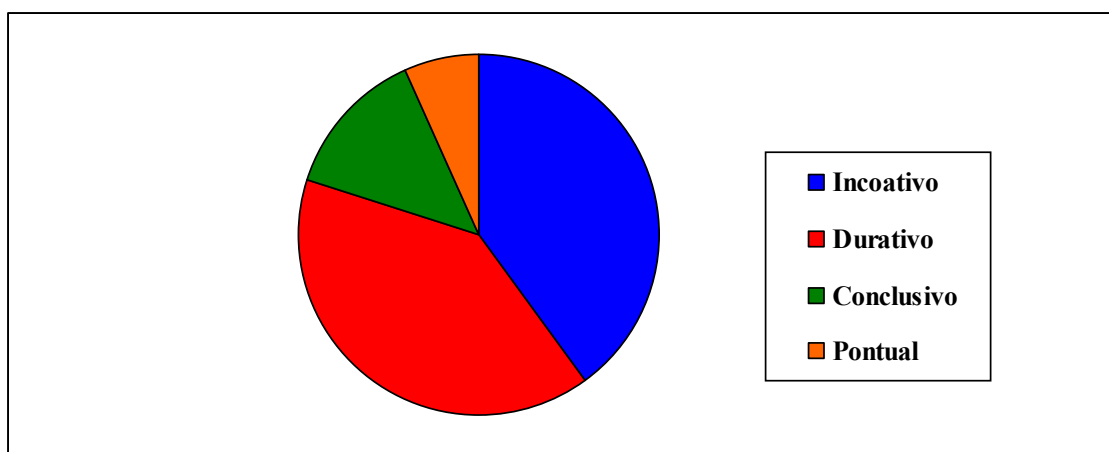


Gráfico 4.6 – A presença (porcentagem) do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-* e seus aspectos.

Não se encontrou nas pesquisas dos linguistas a relação entre os verbos prefixados, com supino, formados com o sufixo *-sc-* e os seus aspectos, nem a relação entre os mesmos verbos e as suas derivações. Com supino, dos quinze (15) verbos prefixados, encontrados na Vulgata, onze (11) são deverbais: *adcrēscō* (*accrēscō*), *-ēvi*, *-ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”; *concrēscō*, *-crēvī*, *-crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *contenebrāscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *dēcrēscō*, *-crēvī*, *-crētu*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *exārdēscō*, *-ārsī*, *-ārsūm*, “inflmara-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”;

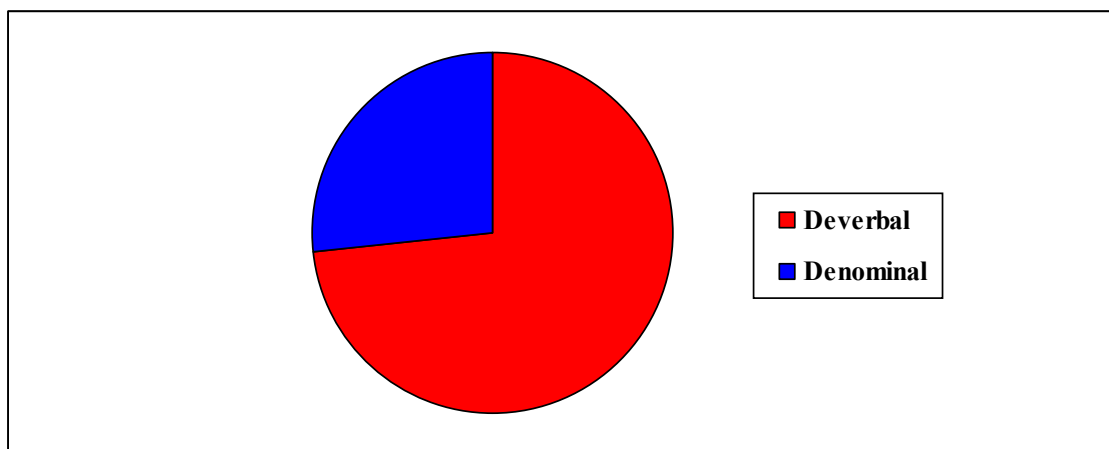


*ingemīscō* ou *ingemēscō -is, -ēre*, “gemer”, “lamentar-se”; *obtenebrēscō, -is, -ēre*, “cobrir-se de trevas” e *revīvēscō, ou revīvīscō, -vīxī, -vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”.

Sendo onze (11) verbos deverbais, os quatro (04) restantes são denominais: *acquiēscō (adquiēscō), -ēvi, -ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso”; *conquiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”; cessar”; *ingravēscō, -is, -ēre*, “tornar-se pesado”, ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar” e *requiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”. Na tabela 4.12, é possível perceber a porcentagem das derivações dos verbos prefixados com supino, formados com o sufixo *-sc-*, na Vulgata.

**Tabela 4.12 – A presença do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-* e suas derivações.**

Derivação	Número de verbos com supino	Porcentagem de verbos com supino
Deverbal	11	73,3%
Denominal	04	26,6%



**Gráfico 4.7 – A presença (porcentagem) do supino nos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-* e suas derivações.**

#### 4.2.6 Transitividade e dinamicidade dos verbos com sufixo *-sc-* e prefixados

A transitividade dos verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata também pode ser analisada e comparada quanto aos seus aspectos. Dos verbos prefixados, apenas o verbo *pertimēscō, -timūī*, “espantar-se”, “ter muito medo” é transitivo, os demais são intransitivos. Considerando a variedade de prefixos, que formam os verbos intransitivos com o sufixo *-sc-* na Vulgata, notou-se que o mais produtivo deles foi o prefixo *in-*, formando nove (09) verbos; os prefixos menos produtivos foram *de-*, *dis-*, *e-*, *sub-* e *super-*. Aparece apenas um (01) verbo usando cada um deles.

**Tabela 4.13 – A transitividade dos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-*.**

Transitividade	Número de verbos	Porcentagem de verbos
Intransitivo	34	97,1%
Transitivo	01	2,8%

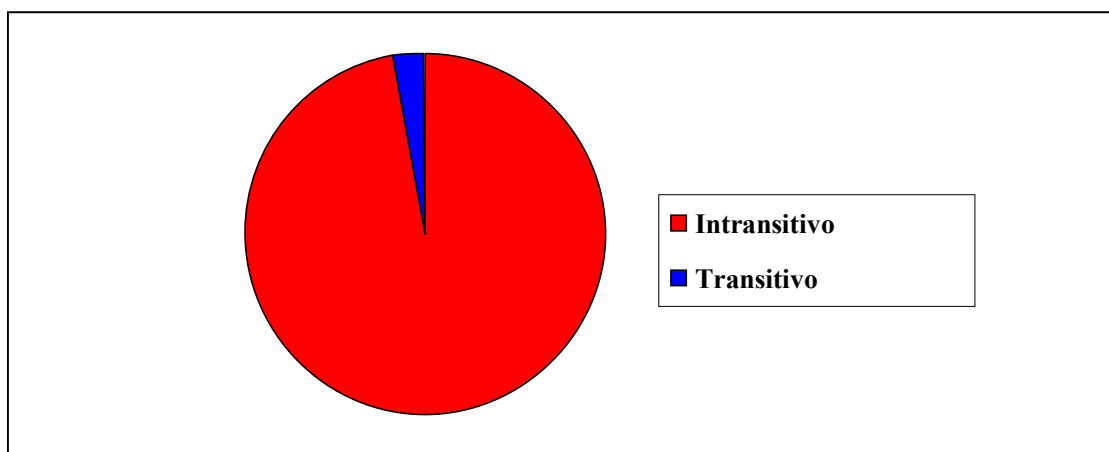


Gráfico 4.8 – A transitividade (porcentagem) dos verbos prefixados na Vulgata e formados com o sufixo *-sc-*.

Ao observar as pesquisas dos gramáticos e dos lingüistas, quanto à prefixação e à dinamicidade dos verbos com sufixo *-sc-*, notou-se a necessidade de fazer a mesma análise

dos verbos com esse sufixo presentes na Vulgata. Isto se justifica pelo fato de a Vulgata não ter sido considerada como exemplo para examinar a dinamicidade de verbos prefixados com sufixo *-sc-*, pois as assertivas dos linguistas estão relacionadas apenas com a prefixação e datação dos verbos com sufixo *-sc-*.

Tratando dos verbos dinâmicos e não dinâmicos, Haverling (1991: 42) lembra do alto número de verbos incoativos no latim, formados com prefixos, fazendo a distinção entre os verbos dinâmicos dos não dinâmicos. O sufixo *-sco*, afirma ele, foi encontrado em verbos formados com o significado de “parar de fazer alguma coisa”, como *horrēscō, is, ěre*, “eriçar-se”; *ingravēscō, is, ěre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”; *tābēscō, tābūi*, “fundir-se”, “liquefazer-se”. Os que não recebem prefixos, Haverling (1991: 42) entende que foram utilizados no latim arcaico, mas, analisando a Vulgata, descobre-se que, mesmo no latim pós-clássico, há verbos formados com sufixo *-sc-* sem prefixo, como já foi estudado no capítulo anterior.

Em períodos posteriores ao período do latim arcaico, o mesmo autor afirma que os únicos verbos latinos encontrados com o sufixo *-sco* são prefixados, exemplos *concupiscō, concupivī* ou *cupīi, capītum*, “cobiçar”, pois *cupiō, is, īs, ěre*, “desejar”, “ter vontade de”. Essa asserção não se confirma na Vulgata, visto que verbos com sufixo *-sco*, não prefixados, também são encontrados na Vulgata, como *marcēscō, -is, -ěre*, “definhar”, “secar”, “murchar”, “debilitar-se”, “enfraquecer”, “entorpecer na ociosidade” e “embriagar-se”.

Tratando-se da dinamicidade dos verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, verificou-se que dos trinta e cinco (35) verbos prefixados ali e formados com esse sufixo, vinte e seis (26) são dinâmicos e nove (09), não-dinâmicos. Os verbos dinâmicos são: *acquiēscō (adquiēscō), -ēvi, -ētum*, “repousar”, “descansar”, “dar-se ao repouso”; *adcrēscō (accrēscō), -ēvi, -ētum*, “crescer”, “aumentar de volume”, “ser acrescentado ou anexado a”; *concrēscō, -crēvī, -crētum*, “formar-se por agregação ou condensação”; *conquiēscō, -quiēvī*, “estar em completo repouso”, “parar”, “descansar”, “cessar”; *contābēscō, -tābūi*, “fundir-se”, “desfazer-se”; *contenebrāscō, -is, -ěre*, “tornar-se escuro”, “cobrir-se de trevas”; *contremīscō, -tremūi*, “começar a tremer”, “tremer”; *convalēscō, -valūi*, “convalescer”, “recuperar a saúde”, “restabelecer-se”; *dēcrēscō, -crēvī, -crētu*, “decrecer”, “tornar-se menor”, “declinar”; *dīlūcēscō, -luxī*, “aparecer (tratando-se de dia)”, “começar a brilhar”; *ērubēscō, -rubūi*, “fazer-se vermelho”, “corar de vergonha”, “pudor”; *incalēscō, -calūi*, “aquecer-se”, “tornar-se quente”, “abrasar-se em amor”; *incrēscō, -crēvī*, “desenvolver-se”, “crescer em”; *ingemīscō* ou *ingemēscō -is, -ěre*, “gemer”, “lamentar-se”; *inlūcēscō, (illūcēscō) -luxī*, “romper o dia”, “começar a raiar o dia; *intumēscō, -tumūi*, “inchar-se”, “inflamar-se”, “crescer”; *invalēscō, -*

*valūi*, “fortalecer-se”, “tornar-se forte”; *obrigēscō*, *-rigūi*, “tornar-se duro”, “endurecer-se”; *obstupēscō*, *-stupūi*, “tornar-se insensível”, “atordir-se”, “ficar atordoado”; *obsurdēscō*, *-surdūi*, “ficar surdo” e “tornar-se surdo”; *obtenebrēscō*, *-is*, *-ēre*, “cobrir-se de trevas”; *refriagēscō* ou *refrigēscō*, *-frīxi*, “arrefecer”, “resfriar”, “diminuir”, “cair em desagrado ou em descrédito”; *requiēscō*, *-quiēvi*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *revivēscō*, ou *revivīscō*, *-vīxi*, *-vīctum*, “reviver”, “voltar de novo à vida”, “ressuscitar”; *succrēscō*, *-crēvi*, “crescer”, “brotar por baixo” e *supercrēscō*, *-crēvi*, “crescer por cima”, “ajuntar-se”.

Já os verbos não-dinâmicos, com suas traduções também supracitadas, são: *adhaerēscō*, *-haesi*, *-haesum*, “aderir”, “tornar-se aderente”; *exārdēscō*, *-ārsi*, *-ārsum*, “inflamar-se”, “abrasar-se”, “arder”; *expavēscō*, *-pāvī*, “estar apavorado”, “assustar-se”; *expergīscor*, *-perrēctus*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *immarcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”; *ingravēscō*, *-is*, *-ēre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”, “azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”; *innōtēscō*, *-nōtūi*, “tornar-se conhecido ou notado”; *obmūtēscō*, *-mūtūi*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala” e *pertimēscō*, *-timūi*, “espantar-se”, “ter muito medo”.

A respeito dos verbos prefixados dinâmicos e não dinâmicos, Haverling não apresenta a datação do seu uso nos textos latinos, apenas os menciona; já observando a Vulgata, é possível considerar a presença deles no *corpus* do século IV d.C..

**Tabela 4.14 – A dinamicidade dos verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata.**

	Número de Verbos	Porcentagem de Verbos
<b>Dinâmicos</b>	26	74,2%
<b>Não Dinâmicos</b>	09	25,7%

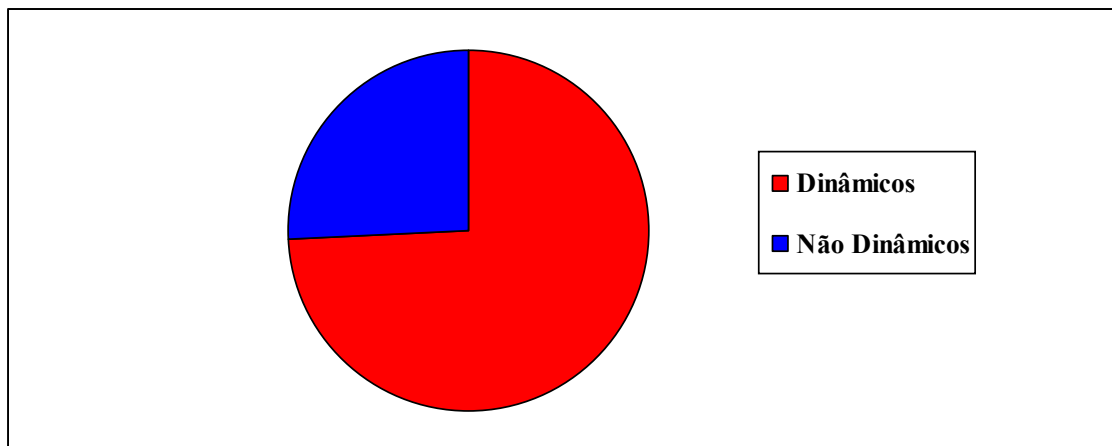


Gráfico 4.9 – A dinamicidade (porcentagem) dos verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata.

Ao relacionar o aspecto desses verbos prefixados com a dinamicidade deles, percebeu-se que dos dezoito (18) verbos com aspecto incoativo, quatorze (14) são dinâmicos e quatro (04) são não-dinâmicos. Dos doze (12) verbos com aspecto durativo, onze (11) são dinâmicos e um (01) é não-dinâmico. Dos três (03) verbos com aspecto conclusivo, um (02) são dinâmicos e um (01), não-dinâmicos. Dos três (03) verbos com aspecto pontual, nenhum é dinâmico, pois os três (03) são não-dinâmicos. Dessa forma, pode-se perceber, na tabela 4.15, a relação entre a dinamicidade dos verbos prefixados, formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata e seus aspectos.

**Tabela 4.15 – A dinamicidade dos verbos prefixados, formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, e seus aspectos.**

	<b>Verbos dinâmicos</b>	<b>Verbos não dinâmicos</b>
<b>Incoativo</b>	14	04
<b>Durativo</b>	11	01
<b>Conclusivo</b>	02	01
<b>Pontual</b>		03

Notou-se que nos verbos prefixados, formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, no aspecto incoativo, prevalecem os dinâmicos. Tratando-se do aspecto durativo e comparado com a dinamicidade dos verbos, também prevalecem os dinâmicos. O mesmo ocorre quanto ao aspecto conclusivo. Já no aspecto pontual, há apenas verbos prefixados, não dinâmicos. Comparando as assertivas dos gramáticos e dos linguistas latinistas, com o que se apresenta na Vulgata, descobriram-se convergências e divergências quanto aos verbos com sufixo *-sc-* na língua latina e suas características.

## 5 A ORIGEM DO SUFIXO *-iz-* E SUA PRESENÇA NA VULGATA

Analisando os verbos com sufixos *-iz-* presentes na Vulgata e o estudo deles na língua grega, optou-se, num primeiro momento, por tratar-se do uso do sufixo *-ίζω* na língua grega, a fim de compreender-se como ocorreu sua entrada para o léxico latino, conseqüentemente, o seu uso na Vulgata. Num segundo momento, a abordagem será o estudo das características dos aspectos existentes dos verbos gregos formados com o sufixo *-ίζω* e os verbos latinos formados com o sufixo *-iz-*. Nesse momento, também serão consideradas as transliterações, do grego para o latim, dos verbos formados com esse sufixo, suas estruturas morfológicas e seus aspectos na língua grega e no latim, que se apresenta na Vulgata.

Pretende-se também, neste capítulo, estudar a gramaticidade e a semanticidade dos verbos com o sufixo *-iz-* na Vulgata. Assim, abordar-se-á a transitividade, a conjugação, a derivação, o aspecto, a presença do supino e a dinamicidade dos verbos, formados com esse sufixo.

### 5.1 O sufixo *-ίζω* nos verbos gregos

Ao explicar a origem dos sufixos na língua portuguesa, Furlan (2006: 333) faz uma relação, dentre outros, dos sufixos gregos, “*-ia, -esa, -essa; -isa e -issa; -isco; -ismo; -ista, -ite e -ose*” (FURLAN, 2006: 333). Percebe-se, nessa relação, que o sufixo *-isa* está grafado com “s” e não com “z”, como é comum em outras gramáticas, *-iza*. Viaro (2006: 234) lembra que “os sufixos derivacionais de origem grega ocorrem em menor número que os de origem latina” e ao apresentar o sufixo *-iz-* em sua obra, afirma que ele forma verbos no grego, como por exemplo, o vocábulo grego *baptízein*, “batizar”.

Na gramática grega, Perfeito (1974: 165), em sua exposição dos sufixos verbais, afirma que *-(i)ζω* é encontrado como sufixo, grafando-o com iota (*i*) entre parênteses, a fim de mostrar que essa letra pertence ao tema. O exemplo disso é o vocábulo *ἐπι-ζω*, “esperar”, que tem sua origem em *ἐπίς*, “esperança”. Além do *-ίζω*, há também o sufixo *-άζω*, exemplificado pelo verbo *αἰ-άζω*, “gemer”, oriundo do verbo *ἀροματ-ίζω*, oriundo de *ἀρώμα*, “aroma”.

Assim também são descritos os sufixos *-άζω* e *-ίζω* por Freire (1985: 83). Os exemplos fornecidos por Freire são: *βοάω*, “gritar”; *βοή*, “grito”; *ανθέω*, “florescer”; *ανθος*, “flor”; *μάστιγώω*, “açoitar”; *μάστιγξ*, “açoite”; *αναγκάζω*, “obrigar”; *ανάγκη*, “necessidade”;

*ἐλπίζω*, “esperar”; *ἐλπίζ*. Os exemplos dos verbos com sufixo *-ίζω* são: *ἐλληγν-ίζω*, que se traduz por uma expressão, “falar como os gregos”; *φιλιππ-ίζω*, outra expressão, “ser partidário de Filipe” e *στεν-άζω*, “gemer” (FREIRE, 1985: 83).

Robertson (1919: 147) entende que os verbos terminados “em *-άζω* apresentam grande aumento tanto no N.T. (*Novo Testamento*), como no *κοινή* e no grego moderno [...]”<sup>14</sup> (ROBERTSON, 1919: 147). O verbo *Ραντίζω*, “regar”, foi utilizado, substituindo o verbo *ραίνω*, “orvalhar” no Novo Testamento, assim como ocorreu com *βαπτίζω*, “submergir”, a palavra *βάπτω*, “submergir”. Esses verbos são oriundos de várias raízes, sendo abundantes no Novo Testamento. Outros vocábulos com o sufixo *-ίζω*, apresentados por Robertson (1919: 149), que aparecem no grego *κοινή* são: *αίρετίζω* “escolher”, de *αίρετός*; *ἀνεμίζω*, “agitar pelo vento” de *ἀνεμόω* “ser leve como o vento, inchar” e *δειματίζω* “castigar, punir” de *δειγμα*, “manifestação, exemplo”. “Os verbos em *-ύζω*, *γογγύζω* (onomatopaico como *τοντρύζω* do arrulhar dos pombos) está na LXX *Septuaginta* [...]”<sup>15</sup> (ROBERTSON, 1919: 149).

Mandilaras (1973: 172) escreve que os verbos em *-άζω* no futuro, salvo algumas exceções, apresentam o sigma  $\sigma$  e são divididos nas classes *-σω* e *-ζω*. Essas alterações entre o sigma  $\sigma$  (sigma) e o  $\zeta$  (ksi) tanto no aoristo, como no futuro, são característicos dos textos de alguns dialetos gregos e dos textos de Homero. Nos textos helenísticos, prevalece o futuro em *-άσω*, já a forma em *-άζω* é conhecida apenas *βαστάζω*, “levantar”. A terminação *-άσω* é mais conhecida no Novo Testamento. Nota-se, assim, que o futuro dos verbos gregos em *-άζω* é que produziu o sigma  $\sigma$  do futuro dos verbos em *-ίζω*. Ainda o mesmo autor afirma que foi o grego ático que colaborou com o surgimento do sigma  $\sigma$ , nos verbos terminados em *-άζω*, já o futuro contraído aparece no período helenístico, desaparece e volta a reaparecer nos tempos romanos e bizantinos (MANDILARAS, 1973: 174).

Murachco (2001: 419) explica que, quando o verbo tem em seu tema uma velar surda, acrescenta-se o  $\iota$  (iota) e duplica-se o  $\sigma$  (sigma). O vocábulo *λιτ-ι-ομαι* flexionado torna-se *λίσσομαι*, “eu suplico”. Assim também ocorre com *πλαθ-ι-ω*, *πλάσσω*, “eu modelo, eu moldo”; *ὀρυχ-ι-ω*, *ὀρύσσω* “eu cavo, eu escavo”; *πηκ-ι-ω*, *πήσσω*, “eu cozinho, eu faço ferver”; *βράτ-ι-ω*, *βράσσω* “eu expilo, eu peneiro”. Já nos verbos que têm nos seus temas uma velar sonora acrescenta-se o  $\iota$  com o  $\zeta$ , por exemplo: *σχιδ-ι-ω*, *σχίζω*, “tiro lasca, eu fendo”; *σφαγ-ι-ω*, *σφάζω*, “degolo”; *ὀνοματ-ι-ω*, *ὀνομαζω*, “nomeio, denomino”.

<sup>14</sup> “Verbs in *-άζω* show great increase in the N.T. as in the *κοινή* and modern Greek” (*tradução e itálico nosso*)

<sup>15</sup> “Of verbs in *-ύζω*, *γογγύζω* (onomatopoetic, like *τοντρύζω* of the cooing of doves ) is in the LXX [...]” (*Itálico e tradução nossa*).



O uso desse sufixo -ζω, -αζω / -ιζω estendeu-se também a alguns temas em vogal, criando às vezes uma forma paralela, como se fosse construída sobre um tema em -δι- / -τι-. *Κτίω / κτί-ζω*, construo, edifício fundo; *δαμάω / δαμά-ζω*, domo, submeto; *πελάω / πελά-ζω*, aproximo; *καλέω / καλή-ζω*, chamo; *κομέω / κομύ-ζω*, cuido, trago junto; *πορέω / πορί-ζω*, *πορεύομαι* abro caminho, dou passagem, providencio (MURACHCO, 2001: 420).

Heilmann (1963: 217) entende que a evolução fonética grega dificulta a compreensão da origem dos sufixos gregos no indo-europeu e o seu isolamento um do outro. Pharies (2002: 373) diz que esse sufixo forma verbos muito produtivos na língua grega, como *ρίζω*, “disputar”, *ρις*, “disputa” e *φροντίζω* “considerar”, *φροντίς*, “preocupação”.

## 5.2 O sufixo -iz- nos verbos latinos

No período clássico, o alfabeto latino era composto por vinte e uma (21) letras. A influência helenista em Roma fez com que esse alfabeto recebesse mais duas letras, o “y” e o “z”. Estas letras, até então tinham sido utilizadas somente para os vocábulos gregos transcritos para o latim. Como exemplo, Faria apresenta *Zopyrus physiognomon* (CIC. de Fat. 5, 10) ‘o fisionomista Zópiro’” (FARIA, 1957: 51). O mesmo autor (1957: 113) menciona Quintiliano, que reconhece falarem no latim os dois fonemas “y” e “z”. Quanto à pronúncia do “z”, os gramáticos gregos entendem que este é um fonema formado pelo sigma  $\sigma$  e delta  $\delta$ , origina o som de “sd”. Na metade do século IV a.C., “começam as confusões na epigrafia entre o Z e o sigma, depreendendo-se daí a sua evolução para um som único que acabaria a se identificar com o nosso z, valor este, aliás, do z no grego moderno” (FARIA, 1957: 113). Assim, no século III a.C., a letra *dzeta* era classificada como uma sibilante sonora, algo que era estranho ao latim. Passou-se, então, a usar o z em latim da mesma forma que era utilizado no grego, ou seja, semelhante ao z do português.

Verbos com o sufixo -iz- estão presentes na Vulgata em menor quantidade do que os que têm o sufixo -sc-. Encontrou-se este na formação de sessenta e um (61) verbos, já aquele, objetivo desta pesquisa nesse momento, foi encontrado na formação de apenas dez (10) verbos. Examinou-se o aspecto e os radicais desses verbos, bem como suas relações com o léxico grego, a fim de considerar se os verbos com o sufixo -iz-, na Vulgata, são empréstimos da língua grega, ou se são resultados da produtividade do sufixo estudado.

Nos primórdios do latim, encontram-se vocábulos com a terminação -issō, -āre, como *atticissō*, -ās, -āre, empréstimo do grego *ἀττικίζω*, “imitar os atenienses”; assim também

ocorre com a palavra latina *cymbalissō*, *-āre*<sup>16</sup>, empréstimo do grego *κυμαλίζω*, “tocar o címbalo”. Esse fato repete-se com o vocábulo *graecissō*, *-ās*, *-āre*, empréstimo da língua grega *Γραικίζω*, “falar grego” e no latim vulgar e tardio, encontra-se a terminação *-idiō*, *-āre*, como exemplo de *baptidiō* *-āre*, “batizar”.

Já no século II a.C., o sufixo *-izō*, *-āre* destaca-se mais que o *-issō*, *-āre* por meio da língua culta. Dessa forma, encontra-se, no latim, o vocábulo *citarizō*, *-ās*, *-āre*, do grego *κιθαρίζω*, “tocar a cítara”. Alguns vocábulos com o sufixo *-izō* também foram do grego para o latim por meio da corrente culta – o jargão eclesiástico – como *προφητίζω*, “profetizar”, permanecendo na língua latina *prophētizō*, *-ās*, *-āre*; o verbo *εὐαγγελίζω*, no latim, *euangelizō*, *ās*, *āre*, *ātum*, “evangelizar” e o verbo *βαπτίζω*, no latim *baptizō*, *ās*, *āre*, “batizar”.

Além desses vocábulos, Pharies (2002: 373) faz menção do substantivo *pulvis*, *-ēris*, “poeira” e lembra que com o sufixo *-izō* do grego, por meio de uma formação híbrida, surgiu o verbo *\*pulverizo*, “pulverizar”, porém, nos dicionários utilizados para essa pesquisa, não se encontrou o verbo *\*pulverizo* no léxico latino. Na época imperial, o latim vulgar adotou a forma sufixal *-idiare*. “O mesmo sufixo grego, interpretado pelos autores eruditos do declínio foi *-izare*; assim, baptizare *bautizar* (senão bapt-idiare *batear*), latinizare *latinizar*, [...]”<sup>17</sup> (PIDAL, 1968: 326).

Em sua abordagem acerca do sufixo *-izare*, Maurer Jr. (1959: 278) destaca que não é clara a existência desse sufixo no latim vulgar. Isso se dá, porque os “exemplos românicos mais antigos e gerais não admitem origem latina vulgar” (MAURER JR., 1959: 278). Além disso, a presença desse sufixo no latim literário está limitada aos radicais gregos, salvo alguns textos.

Na literatura mais antiga, o sufixo *-izare* é encontrado na forma *-issare*. Os exemplos apresentados pelo autor são, *rhetorissare*, *pythagorissare*, *cyathissare* e *aticissare*. Desde o fim da época republicana romana, o sufixo *-issare* passou a ser usado como *-izare*. Nesse caso, encontra-se “*citharizare* em C. Nepos, *lathanizare* em Suetônio [...] nos escritores cristãos, desde Tertuliano e na *Vetus*: *agonizare*, *anathematizare*, *baptizare*, *evangelizare*, *exorcizare*, *eunuchizare*, *sabbatizare*, *scandalizare*, *thesaurizare*” (MAURER JR., 1959: 278). Pelo fato de o sufixo *-izare* ser muito utilizado na literatura cristã, com os radicais grego

<sup>16</sup> O verbo *cymbalissō*, *-āre* não foi encontrado nos dicionários Torrinha (1947) e Faria (1955), apenas no Gaffiot (1934).

<sup>17</sup> El mismo sufijo griego, interpretado por los autores eruditos de la decadencia fue *-izare*; así, baptizare *bautizar* (pero bapt-idiare *batear*), latinizare *latinizar*, *barbar-*, *juda-*, *español-*, *colon-*, *autor-*, *sutil-*, *suav-*” Tradução nossa.

e depois, com os latinos, Maurer Jr. (1959: 279) entende que esse sufixo surge na língua latina por meio do latim eclesiástico.

A Vulgata pode sugerir o período em que o sufixo *-iz-* foi utilizado. A maioria dos verbos com esse sufixo está localizada no Novo Testamento da Vulgata. Entende-se que o Novo Testamento, em latim tenha sido produzido, com o objetivo de atender às pessoas que estavam em outros locais do Império Romano. Greenlee (2008: 1.100) fala da possibilidade de o local de escrita do Novo Testamento, em latim, ter sido a África do Norte. Nesta região, além de oficial, o latim era um idioma comum, pois os líderes eclesiásticos ali utilizaram o Novo Testamento, em latim, para produzirem seus textos. O fato de Roma não ter sido o local da tradução do Novo Testamento, provavelmente, esteja relacionado com o fato de os habitantes dali não terem conhecimento da língua grega.

O latim da forma primitiva do texto é vulgar, e às vezes literalista, o que alguns têm considerado como indicativo de que o Novo Testamento em latim originou-se longe dos centros de cultura ou de traduções interlineares em manuscritos gregos; mas algumas destas características podem refletir nada mais que traduções feitas por crentes simples, cujo bilingüismo não era altamente literário. Então em resumo, o lugar de origem do Novo Testamento em latim não é conhecido (GREENLEE, 2008: 1.100).

Mesmo não precisando uma data para a origem do Novo Testamento, em latim, entende-se que essa obra tenha sido produzida na segunda metade do segundo século. Depois dessa época, o Novo Testamento passou a ser conhecido tanto no norte como no sul do Mediterrâneo. Não se sabe se esse latim antigo foi o idioma de uma ou várias versões do Novo Testamento, como também não se sabe se o Novo Testamento do norte da África foi traduzido com o conhecimento do Novo Testamento traduzido na Europa (GREENLEE, 2008: 1.100). Para Born (2004: 1569), Jerônimo trabalhou com a versão latina antiga do texto europeu e recorreu aos melhores manuscritos gregos para fazer a adaptação necessária.

Se a produção do Novo Testamento, elaborada por Jerônimo, foi uma compilação dos textos do Novo Testamento, em latim, que já existiam, e não uma tradução do grego para o latim, nota-se a possibilidade de que esses verbos com sufixo *-iz-* já estivessem presentes nesses textos produzidos no norte da África e no sul da Europa, no século I d.C.. Essa hipótese pode ser confirmada com as palavras de Maurer Jr. (1959: 279), quando escreve que o sufixo *-izare* foi utilizado por Suetônio, autor do século I e II d.C.. Tanto o que se encontra na Vulgata, quanto a afirmação de Maurer a respeito do período em que o sufixo *-iz-* passou a ser utilizado, não converge para a assertiva de Cortelazzo e Zolli (1979: 635), pois para eles esse sufixo surgiu no latim apenas no século III ou IV d.C.

Os verbos presentes na Vulgata com o sufixo *-iz-* também estão no léxico grego. Apenas o verbo *catēchizō, ās, āre*, do grego *κατηχέω*, “ensinar”, não se encontrou na língua grega com a terminação em *-ίζω*. Com a presença deste verbo na Vulgata, nota-se que o sufixo latino *-izo* também foi utilizado, no latim, para a formação de verbos. Já os demais verbos encontrados na Vulgata, com sufixo latino *-izo*, traduzidos do texto grego, apresentam suas formações em *-ίζω* no grego. Conforme citado, a maioria dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata foi transliterada da língua grega.

Para Maurer Jr. (1959: 279), o sufixo *-iz-* teve origem na língua latina por meio do latim eclesiástico. É conhecido que o sufixo *-iz-* é de origem grega, porém Maurer Jr. não explica qual é o conceito de empréstimo utilizado, ao afirmar que esse sufixo não teve origem na língua latina. Para Rohlfs (1966: 465), o sufixo latino tem origem no *-ίζω*, pois forma vocábulos como *βαπτίζω*, “batizar” e *ἑλιζώ*, “helenizar” e foram emprestados para o latim vulgar como sufixo *-idiare*.

Sandmann (1932: 47), ao abordar a respeito de empréstimos, explica que estes são “unidades lexicais provindas de outras línguas que são adaptadas e incorporadas definitivamente à língua de destino como, de certo modo, as palavras complexas criadas numa língua de acordo com os moldes estrangeiros”. Bastarrica (2009: 17), recorrendo a Sandmann, classifica os empréstimos em três (03) tipos: lexical, semântico ou decalque e estrutural. Para esta pesquisa, utilizar-se-á o conceito de empréstimo lexical, pois é “aquele que entra na língua sem tradução ou alteração de morfemas”. Os exemplos apresentados para esse tipo de empréstimo são: *jazz*, vocábulo não adaptado.

Sendo assim, classificam-se os verbos com sufixo *-iz-*, encontrados na Vulgata, como empréstimo lexical, pois eles não são traduzidos e não sofrem alteração de morfemas, como por exemplo, *baptizō, ās, āre*, “batizar” e *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar”.

### 5.3 A gramaticidade e semânticidade dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata

Visto que tanto as características gramaticais como as semânticas do sufixo *-iz-* foram observadas pelos linguistas e gramáticos, construir-se-á uma análise comparativa entre as assertivas desses autores pesquisadores e a Vulgata. Na Vulgata, foram encontrados dez (10) verbos com o sufixo *-iz-*. São eles: *anathematizō, ās, āre*, “excomungar”, “amaldiçoar”, “abominar”; *baptizō, ās, āre*, “batizar”; *catēchizō, ās, āre*, “instruir na religião”, “catequizar”; *citharizō, -ās, -āre*, “tocar cítara”; *colaphizō, ās, āre*, “dar bofetadas em”, “esbofetear”;

*euangelizō, ās, āre*, “pregar o evangelho”, “evangelizar”, “pregar”; *prophētizō, ās, āre*, “profetizar”, “adivinhar”; *sabbatizō ās, āre*, “guardar os sábados”; *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar”; *thēsaurizō, ās, āre*, “entesourar”, “amontoar”, “ajuntar”.

### 5.3.1 A transitividade dos verbos e seus aspectos

Ao analisar a transitividade dos verbos formados com sufixo *-iz-* presentes na Vulgata, percebeu-se que sete (07) verbos são transitivos e três (03) intransitivos. Os sete (07) transitivos são: *anathematizō, ās, āre*, “excomungar”, “amaldiçoar”, “abominar”; *baptizō, ās, āre*, “batizar”; *catēchizō, ās, āre*, “instruir na religião”, “catequizar”; *colaphizō, ās, āre*, “dar bofetadas em”, “esbofetear”; *euangelizō, ās, āre*, “pregar o evangelho”, “evangelizar”, “pregar”; *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar” e *thēsaurizō, ās, āre*, “entesourar”, “amontoar”, “ajuntar”. Os três (03) verbos intransitivos são: *citharizō, -ās, -āre*, “tocar cítara”; *prophētizō, ās, āre*, “profetizar”, “adivinhar” e *sabbatizō ās, āre*, “guardar os sábados”.

Na tabela 5.1 e no gráfico 5.1, é possível notar a distribuição desses verbos, conforme sua transitividade.

**Tabela 5.1 – Ocorrências de verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Transitivos</b>	<b>07</b>	<b>70%</b>
<b>Intransitivos</b>	<b>03</b>	<b>30%</b>

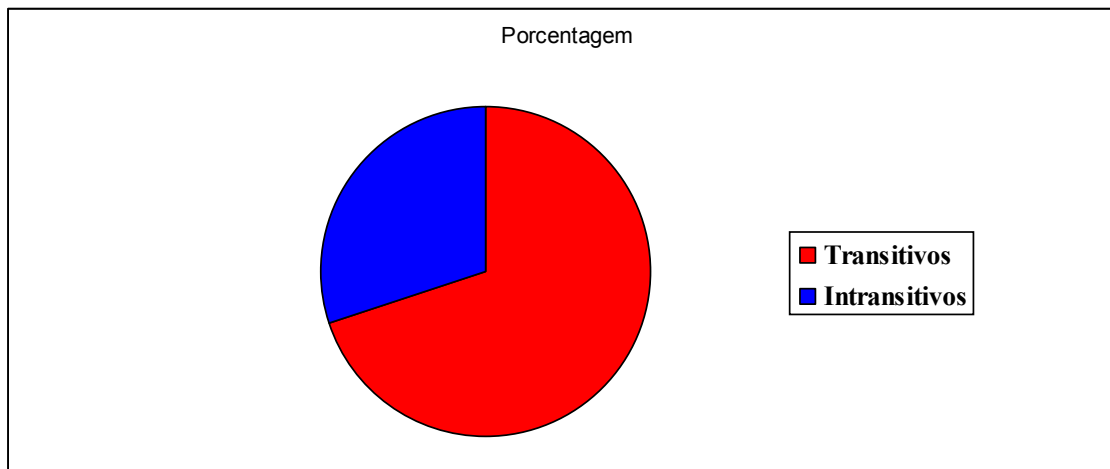


Gráfico 5.1 – A presença (porcentagem) dos verbos transitivos e intransitivos, com sufixo *-iz-* na Vulgata.

Abordando o aspecto desses mesmos verbos, encontraram-se cinco (05) verbos pontuais, três (03) verbos iterativos e dois (02), durativos. Os cinco (05) verbos pontuais são: *anathematizō, ās, āre*, “excomungar”, “amaldiçoar”, “abominar”; *baptizō, ās, āre*, “batizar”; *colaphizō, ās, āre*, “dar bofetadas em”, “esbofetear”; *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar” e *thēsaurizō, ās, āre*, “entesourar”, “amontoar”, “ajuntar”. Os três (03) verbos iterativos são: *euangelizō, ās, āre*, “pregar o evangelho”, “evangelizar”, “pregar”; *prophētizō, ās, āre*, “profetizar”, “adivinhar” e *sabbatizō, ās, āre*, “guardar os sábados”. Os dois (02) verbos durativos, encontrados na Vulgata são: *catēchizō, ās, āre*, “instruir na religião”, “catequizar” e *citharizō, -ās, -āre*, “tocar cítara”.

Na tabela 5.2 e no gráfico 5.2, encontra-se a distribuição desses verbos, conforme seus aspectos.

**Tabela 5.2 – Aspecto dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata.**

	Ocorrências	Porcentagem
<b>Pontual</b>	<b>05</b>	<b>50%</b>
<b>Iterativo</b>	<b>03</b>	<b>30%</b>
<b>Durativo</b>	<b>02</b>	<b>20%</b>

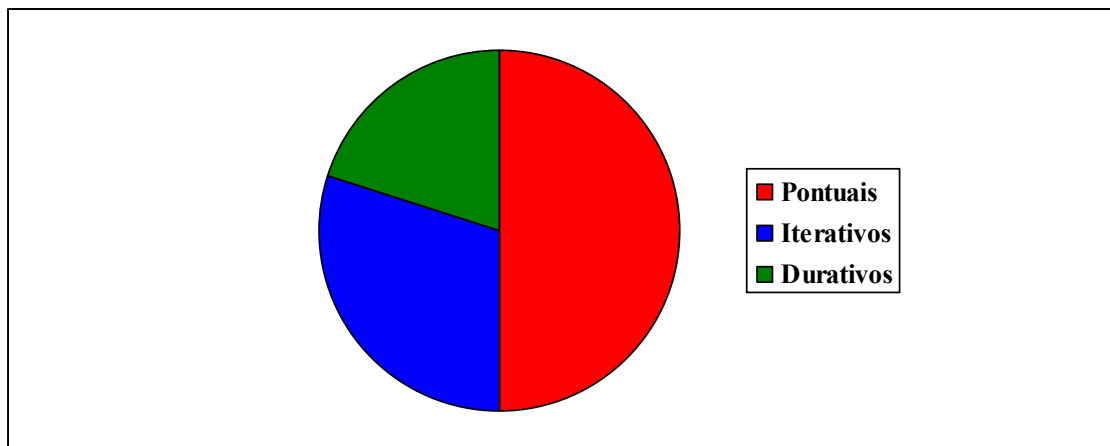


Gráfico 5.2 – Ocorrência (porcentagem) dos aspectos dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata.

É possível analisar os aspectos dos verbos com sufixo *-iz-* à luz das assertivas dos gramáticos, linguistas gregos e do que se encontrou na Vulgata. Iniciando pelo gramático Perfeito (1974: 165), nota-se que o sufixo *-ίζω* formava verbos de aspecto causativo e iterativo na língua grega. Assim também são descritos os sufixos *-άζω* e *-ίζω* por Freire (1985: 83). Este autor classifica-os como frequentativos ou iterativos e imitativos. Os exemplos apresentados por ele são: *ἑλλη-ίζω*, que se traduz por uma expressão, “falar como os gregos”; *φιλιππ-ίζω*, outra expressão, “ser partidário de Filipe” e *στεν-άζω*, “gemer” (FREIRE, 1985: 83). Os dois primeiros apresentam o aspecto imitativo e o último, iterativo. Esta é a mesma afirmação de Pidal (1968: 326). Ele entende que o sufixo *-ίζειν*, oriundo do grego, apresentava aspecto de imitação, por exemplo, *ἑλληνίζω*, “helenizar”.

Considerando a Vulgata como *corpus* para estudar o sufixo *-iz-* no latim pós-clássico, notou-se que desses aspectos encontrados em verbos, formados com o sufixo *-ίζω*, permaneceu, na Vulgata, apenas o aspecto iterativo. Nenhum verbo com o sufixo *-iz-*, de aspecto causativo, foi encontrado na Vulgata. Ainda segundo Perfeito (1974: 165), além do sufixo *-ίζω*, o sufixo *-άζω* também formava verbos iterativos, porém não se encontrou no latim da Vulgata verbos formados com o sufixo *-azo*.

De acordo com Atkinson (1952: 135), os verbos que aparecem com grande frequência na língua grega são divididos em cinco classes, os incoativos, os intensivos, os causativos, os desiderativos e os iterativos. Destes, são os iterativos que apresentam a terminação *-αω*, por exemplo, *νομάω*, “partir”; *στρωφάω*, “voltar” e *τροπάω*, “voltar”, “mudar com frequência” e também a terminação em *-τάζω*, como, *νοστάζω*. Heilmann (1963: 217) entende que a

evolução fonética grega dificulta a compreensão da origem dos sufixos gregos no indo-europeu e o seu isolamento um do outro.

### 5.3.2 Derivações, conjugações e a presença do supino nos verbos com sufixo *-iz-*

Já analisada a transitividade dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata, considerar-se-ão as derivações deles e as assertivas dos gramáticos e linguistas. Freire (1985: 83) entende que os verbos, com os sufixos *-άζω* e *-ίζω* na língua grega, são denominativos. Exemplifica sua afirmação com: *ἀναγγάζω*, “obrigar”; *ἀνάγκη*, “necessidade”; *ἐπιίζω*, “esperar”; *ἐπίς*. Robertson (1919: 147), ao abordar os verbos derivados, explica que nem todos eles são denominais, pois há também os deverbais, mas, quando ele apresenta as terminações *-άζω* e *-ίζω*, afirma que esses verbos são denominativos. Tal assertiva converge com o fato de os verbos formados com sufixo *-iz-* na Vulgata, serem todos denominativos.

Quanto aos verbos terminados em *-άζω*, foi citado, Robertson (1919: 147) afirma que esse sufixo “apresenta grande aumento no N.T. (*Novo Testamento*) como no *κοινή* e no grego moderno [...]”<sup>18</sup>. Esse mesmo aumento não ocorre entre os verbos com a terminação em *-azo* na Vulgata, pois todos encontrados ali são terminados em *-izo*.

Seria motivo de pesquisa entender como se deram as traduções dos verbos terminados em *-άζω* para a Vulgata latina, visto que todos os verbos encontrados na Vulgata, com sufixo *-iz-*, são transliterados do grego para o latim. Maurer Jr. (1959: 42) também entende que, na Vulgata, século IV d.C., os verbos presentes com sufixo *-iz-* apresentam seus radicais gregos. Como exemplo, ele menciona o verbo latino *baptizō, ās, āre*, com origem no grego *βαπτίζειν*, o qual significa “mergulhar” e “batizar”.

Torrinha (1942) não apresenta a tradução e, sim, a transliteração, pois o verbo é encontrado com a acepção de “batizar”. Outro exemplo na Vulgata é o verbo *citharizō, ās, āre*, “tocar cítara”. Entende-se que a etimologia desse vocábulo se dá pelo empréstimo culto antigo do grego *κιταρίζω*, “tocar cítara”, “de origem obscura, talvez asiática ou mediterrânea” (MAGNE, 1930: 411). O mesmo dicionário informa que esse vocábulo foi utilizado em vários idiomas, às vezes, para novos instrumentos de cordas.

Por esse motivo, torna-se difícil saber o que os documentos medievais querem dizer, ao usarem essa palavra. Tanto o substantivo *κίθαρα* como o verbo *κιταρίζω* é encontrado nos dicionários de língua grega. Contudo, os dez (10) verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata, independente da transitividade, são denominais, derivados de substantivos.

<sup>18</sup> “Verbs in *-άζω* show great increase in the N.T. as in the *κοινή* and modern Greek” (*tradução e itálico nossos*)



Tratando-se da conjugação dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata, verificou-se que todos eles são da primeira conjugação e não apresentam supino. Pharies (2002: 373) escreve que, na língua grega, o sufixo *-ίζω* forma verbos da primeira conjugação. Sendo assim, nota-se que permaneceu a mesma conjugação nos verbos com o sufixo *-iz-* na Vulgata. O próprio Pharies (2002: 373) também entende que o sufixo grego *-ίζω* aparece no latim, como empréstimo da língua helênica, e forma verbos de primeira conjugação, convergindo para o que se foi encontrado na Vulgata, todos os verbos com o sufixo *-iz-* são de primeira conjugação. Notou-se também que todos os verbos com o sufixo *-iz-* na Vulgata não possuem supino.

## 6 ANÁLISE SEMÂNTICO-CATEGORIAL DOS SUFIXOS *-sc-* E *-iz-* NA VULGATA, SEGUNDO O GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS (GMHP)

A fim de compreender a abrangência semântica dos sufixos *-sc-* e *-iz-* na Vulgata, recorreu-se aos vocábulos construídos com esses sufixos. A coleta desses vocábulos foi realizada pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro, coordenador do Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica do Português (GMHP), da mesma Universidade de São Paulo (USP). Entre outros objetivos, esse Grupo de Pesquisa visa a perceber a classificação semântica dos significados existentes nos diversos sufixos, presentes no *corpus* ou *corpora* selecionados, que nesta pesquisa compreende a Vulgata.

No primeiro e segundo momentos, encontraram-se nesta pesquisa sessenta e um (61) verbos com sufixo *-sc-* e dez (10), com *-iz-*. O procedimento seguinte foi fazer a paráfrase de cada vocábulo, com o objetivo de organizar e classificar as possíveis acepções percebidas com esses sufixos. Tal classificação semântica dos significados nesses sufixos é a base da análise proposta pelo GMHP. Considerou-se, também, a afirmação de Rio-Torto (1998: 88), segundo a qual o uso do sufixo pode ou não levar o vocábulo a sofrer uma alteração categorial.

A autora percebe que “as bases sobre as quais operam os processos de sufixação podem ser verbais (sufixação deverbal), radicais verbais, nominais e adjectivais (sufixação deverbal, denominal e de adjectival) e, mais restritamente, palavras” (1998: 88). A abrangência da classe semântica do sufixo é organizada por paráfrases, a partir do significado da palavra. Para esta pesquisa é relevante o significado do sufixo, diferente do significado da palavra.

### 6.1 Sufixo *-sc-*

Com a paráfrase de cada verbo, percebeu-se que o sufixo *-sc-* pode ser classificado nas seguintes classes de ação<sup>19</sup>. São elas **AGE**, como *agentivo* e suas paráfrases são “pessoa que V X”, “(pessoa) que X<sup>v</sup>”, “(pessoa) que V em X”, “pessoa que gosta de V X” e “(pessoa) que exerce atividade relacionada com X”. A **TRS**, como *transitivo*, que segundo Viaro (2009:

<sup>19</sup> “entenda-se por X a base lexical: verbal ou nominal, mas X<sup>v</sup> como base verbal, X<sup>p</sup> como base predicativa ou adjectival/participial, C como complemento sintático preposicionado da palavra formada e V como verbo subentendido não explícito na base.” (VIARO, 2009:11) Disponível em: [http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda\\_Viaro\\_ELG02\\_2010.pdf](http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda_Viaro_ELG02_2010.pdf) Acesso em: 14 fev. 2014.

156) a classe (**MPT**) é aquela “em que há apenas um agente e um paciente”, caracterizando por “processo de X<sup>v</sup>”, “ação de transformar C em X”, “ação de X<sup>v</sup>” e “(ação de) causar X”; e a classe **RES**, como *resultado*. Nessa classe, as ações são desenvolvidas por vários elementos, como “estado decorrente de X<sup>v</sup>”, “ação de X<sup>v</sup>” e “o fato de X<sup>v</sup>”. O GMHP entende que uma base lexical, seja nominal ou verbal, é grafada com X. Já uma base verbal é compreendida por X<sup>v</sup>.

### 6.1.1 Classe de ação

Nesta classe, abordaram-se os significados de formação de palavra relacionados ao *transitivo*, para *nomina actionis*, em que há a ação X<sup>v</sup>. São significados de formação de palavra relacionados ao *resultado*, demonstrando o que está envolvido ou numa ação, ou em várias ações.

Na classe de ação, **TRS**, com o significado de *transitivo*, a ação dá-se apenas com um paciente e um agente, sendo “(ação de) causar X”, “(ação de) V C em X”, “ação de transformar C em X”, “o fato de X<sup>v</sup>”, “processo de X<sup>v</sup>”, “ação de X<sup>v</sup>”, “transformar C em X<sup>p</sup>” e também a relação com golpes, como por exemplo “golpe praticado em X” e “golpe praticado com X”. Do vocábulo *crēscō, crēvī, crētum*, por ordem alfabética, encontrou-se na Vulgata o verbo *adcrēscō*, que no dicionário **DELP** está grafado *accrēscō, -ēvī, -ētum*, com o significado de “crescer, aumentar de volume, desenvolver-se” e *concrēscō*, em português, “condensar”, “crescer juntos” e “endurecer”.

O verbo *succrēscō* também tem o significado de “crescer”, segundo o dicionário **DELP**, com a diferença de como crescer, “crescer de novo”, “crescer por baixo” e “reproduzir-se”. No sentido figurado, o significado é “suceder”. Com um significado oposto, o dicionário **DELP** denota o verbo *supercrēscō* como “crescer por cima” e “ajuntar-se”. O verbo *superducō* é encontrado também com o significado de “acrescentar” e além disso, denota “levar sobre” e “conduzir”. No sentido usual, afirma o dicionário **DELP**, “trazer ou dar uma madrasta para os filhos”.

Na Vulgata, o verbo *obrigēscō* é registrado no dicionário **DELP** como incoativo com o sentido de “endurecer-se”, “tornar-se duro” e “entorpecer-se pelo frio”. A classificação do sufixo *-sc-* também permanece na classe ação, **TRS**. O verbo *decrēscō, crēvī, crētum*, tem o significado de “diminuir”, “decrecer” e “tornar-se menor”, segundo o dicionário **DELP**.

Outro vocábulo nessa classe **TRS** é *adhaereō, ēs, haesī, haesum, ēre*, que significa “estar aderente a”, “aderir”, “estar ligado a”, “ficar fixo em”, “manter-se ligado”, e no sentido

figurado apresenta o significado de “estar sempre ligado a”, “manter-se preso”, traz o dicionário **DELP** (T. Lív. 41, 20, 2). Na Vulgata, encontra-se a sua formação com o sufixo –*sc-* o verbo *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, que significa “tornar-se aderente, aderir a, prender-se a” com o sentido figurado de “prender-se a, ligar-se a”, segundo o mesmo dicionário.

O verbo *adulēscō*, também grafado *adolēscō*, “crescer”, “desenvolver-se”, “engrossar”, “tornar-se maior (tratando-se de seres vivos, das plantas)”, segundo o dicionário **DELP**. Há o verbo *ardēscō*, *is*, *ēre*, “pegar fogo”, “começar a arder”, “inflamar-se”. No sentido figurado, apresenta-se como “inflamar-se” e “apaixonar-se”, explica o dicionário **DELP**.

O verbo *conpesco* que também é classificado na classe **TRS** não foi encontrado no dicionário do **DELP**, e, sim, o vocábulo grafado *compescō*, *pescūi*, com *m* antes do *p*, significando em português “romper”, “conter”. *Contābēscō*, *tābūi*, com o significado de “fundir-se inteiramente”, “consumir-se” e no sentido figurado “definhar-se”, também está na classe **TRS**. O verbo *tābēscō*, *tābūi*, apresenta um significado do verbo anterior, “liquefazer-se” e “fundir-se”. No sentido figurado, o dicionário do **DELP** apresenta “definhar-se” e “consumir-se”.

O verbo *conticēscō*, *ticūi*, também grafado como *conticīscō*, apresenta o significado de “calar-se”, “deixar de falar” e “ficar silencioso”. No sentido figurado, denota “tornar-se mudo”, “emudecer” e “cessar”, apresenta o dicionário **DELP**. Dessa forma, esse verbo também é classificado como *transitivo* em **TRS**, na classe ação. O verbo *obmūtēscō*, também é formado com o sufixo *-sc-*, classificado como o verbo anterior e com um significado de “calar-se guardar silêncio”, de “ficar mudo”, de “tornar-se mudo”, ou “emudecer” e no sentido figurado “cessar”, conforme o dicionário **DELP**.

Ainda na classe ação, *convalēscō*, *valūi*, também é *transitivo*, classificado em **TRS**. O significado que o denomina para essa classe é “tomar forças”, “crescer” e “aumentar”. Já no sentido figurado, o verbo adquire o significado de “firmar-se”, “desenvolver-se”, “restabelecer-se” e “convalescer”, segundo o dicionário **DELP**. Também o verbo *dēscrībō*, *scrīpsī*, *scrīptum*, “transcrever”, “copiar”, “escrever segundo um modelo”, “desenhar” e “traçar”, encontra-se na mesma classe. No sentido figurado, os significados que aparecem, segundo o dicionário **DELP**, são “descrever”, “narrar”, “pintar”, “representar” e “expor”, “delimitar”, “dividir” e “repartir”.

O mesmo ocorre com o verbo *dīlūcēscō*, *luxī*, que se referindo a dia, apresenta o significado de “começar a brilhar”, “romper o dia”, “amanhecer” e “aparecer”, segundo o dicionário **DELP**, e o verbo *illūcēscō*, *luxī*, também grafado *inlūcēscō*. Ainda o dicionário

**DELP**, o significado para este também é “começar a brilhar”, “romper o dia”, “começar a clarear”, “iluminar” e “amanhecer”. Com um significado semelhante, encontrou-se na Vulgata o verbo *lūcēscō, is, ěre*, que, segundo **DELP**, significa “começar a luzir”, “começar a brilhar”, “começar a ser dia”, ou até mesmo “raiar o dia”, classificando o sufixo *-sc-* na classe ação, **TRS**.

O vocábulo *ērubēscō, rubūī*, que significa “tornar-se vermelho”, ou “enrubescer” e no sentido figurado, “ficar corado de pudor” ou “ficar corado de vergonha”, ou até mesmo “envergonhar-se”, “ter vergonha”, “reverenciar”, ou “respeitar”, conforme o dicionário **DELP**, contribui para a lista dos verbos classificados em *transitivo* em **TRS**, na classe ação. O mesmo ocorre com *exārdēscō, ārsī, ārsum*. O significado deste verbo é “arder”, “abrasar-se”, “inflamar-se”, “desejar ardentemente”, “amar”, “apaixonar-se”, “tornar-se violento”, “enfurecer-se” e “irar-se”, segundo o mesmo dicionário.

*Expergīscor, perrēctus, sum* que, segundo o dicionário **DELP**, significa “acordar” e “despertar” também é classificado em **TRS**. Ambos significados desse verbo são entendidos tanto no sentido próprio, como no figurado. O verbo *incrēscō*, “aumentar” e “crescer”, é da mesma classe. O verbo *ingemēscō, is, ěre*, grafado também como *ingemīscō*, apresenta o significado de “chorar” e “gemit”, “soltar gemidos”, “lamentar” e “deplorar com gemidos” no dicionário **DELP**. O verbo *immarcescībilis, de marcēscō, is, ěre*, tem o significado de “sacar”, “fanar” e “muchar-se”, e, no sentido figurado, “perder o vigor”, “debilitar-se” e “enfraquecer-se” foi encontrado no dicionário **DELP**.

O verbo *innōtēscō, nōtūī*, “tornar-se notado”, ou “tornar-se conhecido”, conforme o dicionário **DELP**, é formado com o sufixo *-sc-*, com o valor semântico **TRS**, na classe de ação. O verbo *īnsōlēscō, is, ěre*, conforme o dicionário **DELP**, traz o significado de “inchar-se, no sentido físico e moral”, “tornar-se arrogante” e também, “inchar-se de orgulho”. Com significado semelhante, *intumēscō, tumūī*, é outro verbo da mesma classificação com a seguinte tradução para o português, “inchar-se” e “intumescer-se”. No sentido figurado, o significado é “crescer”, “irritar-se” e “inflamar-se” no dicionário **DELP**. No mesmo dicionário, é possível encontrar o significado de outro verbo da Vulgata, *tumēscō, tūmuī*. No sentido moral e físico significa “intumescer-se” e “inchar-se”, já no sentido figurado é “encher-se de cólera”, “inchar”, “preparar-se” e “fermentar”. Dessa forma, o sufixo *-sc-*, também apresenta o valor semântico **TRS**, na classe de ação.

No mesmo dicionário, há outro verbo que se encontra na Vulgata, *īvalēscō, valūī*. O significado é “fortalecer-se” e “tornar-se forte” tanto no sentido próprio, como no figurado. No verbo *lassēscō, īnis*, o sufixo *-sc-* também é considerado como *transitivo* em **TRS**, na

classe ação. O sentido desse verbo no dicionário **DELP** é “cansar-se”, “fatigar-se” e “definhar-se”, tratando-se de plantas. Há na Vulgata o verbo *liquēscō* com o significado de “tornar-se transparente”, ou “tornar-se líquido”. No sentido figurado, o significado é “efeminar-se”, “desaparecer” e “fundir”, segundo o dicionário **DELP**.

Continuando na mesma classe de ação, **TRS**, o sufixo *-sc-* no verbo *mātūrēscō*, *rūi*, apresenta o significado de “tornar-se maduro”, “amadurecer”, “atingir o desenvolvimento conveniente”, “desenvolver” e “tornar-se núbil”, conforme o dicionário **DELP**. Isso também ocorre com o verbo *mollēscō*, *is*, *ēre*, que o mesmo dicionário traz com o significado de “amolecer” e de “tornar-se mole”. Já, no sentido figurado, o significado é “aliviar”, “acalmar”, “amansar” e “tornar-se efeminado” no dicionário **DELP**. O verbo *nigrēscō*, *nigrūi*, está registrado no dicionário **DELP** como incoativo de *nigro*. O mesmo dicionário traz o significado de “escurecer” e “tornar-se negro”.

O verbo *tenebrēscō*, *is*, *ēre* é encontrado no dicionário **DELP** como “trevas”, “noite” e “escuridão”. O mesmo dicionário apresenta o sentido poético como “vertigem” e “névoa nos olhos”, “cegueira”, “trevas da morte”, “esconderijo” e “prisão”. No sentido figurado, esse mesmo verbo é encontrado como “baixeza de sentimentos”, “obscuridade do espírito”, “situação difícil”, “trevas do esquecimento”, “desgraça”, “tristeza” e “pesar”.

No verbo *nescīō*, *īvī*, com a tradução “não saber, ignorar, ignorar, não conhecer”, segundo o dicionário **DELP**, considerar-se-ia o sufixo *-sc-* se a raiz do verbo for indo-europeia \**né*, com o sentido de “nascer” e, no mesmo idioma, *scīre*, “conhecer”<sup>20</sup>. Na mesma classificação, **TRS**, classe ação, encontra-se o verbo *obsurdēscō*, *surdūi*, que conforme o dicionário **DELP**, o significado é “tornar-se surdo” e “ficar surdo”, tanto no sentido próprio, como no figurado. O verbo *obtenebrēscō*, *is*, *ēre*, apresenta o significado de “cobrir-se de trevas”, segundo **DILF**.

No dicionário **DELP**, com o significado de “recear muito”, “estar apavorado” e “ter grande medo”, o verbo *pertimēscō*, *timūi*, também apresenta o sufixo *-sc-* na classe ação, **TRS**. O mesmo fato aparece no verbo *pinguēscō*, *is*, *ēre*, que, no português, tem o significado de “engordar”, “tornar-se gordo” e “tornar-se fértil”. No sentido figurado, aparece como “enriquecer”. No dicionário **DELP**, o verbo *plūmēscō*, *is*, *ēre*, “começar a cobrir-se de penas”.

O verbo *praescribō*, *psī*, *ptum*, presente na Vulgata, foi encontrado no dicionário **DELP** com o significado de “escrever antes”, “pôr como título”, “descrever”, “escrever no

<sup>20</sup> ETYMOLOGY EXPLORER. Disponível em:

<[http://roots.jrobertsons.com/roots/etymologies/N/NE/NES/word\\_NESCIUS\\_2328.html](http://roots.jrobertsons.com/roots/etymologies/N/NE/NES/word_NESCIUS_2328.html)> Acesso em: 29 set. 2011.

princípio de uma lei”, “indicar previamente”, “mencionar antecipadamente” e “dar prescrições”. O mesmo dicionário fornece o sentido desse verbo na língua jurídica, como “fazer oposição” e “alegar uma exceção”, sempre na classe ação, **TRS**. O verbo *putrēscō, is, ēre*, recebe a mesma classificação, pois o dicionário **DELP** apresenta o significado dele como “putrefazer-se”, “estragar-se” e “entrar em putrefação”

O verbo *refriagēscō, frīxī*, na Vulgata, está traduzido no dicionário **DELP** como “resfriar-se” e “refrescar-se”. No sentido figurado, o significado é de “perder o interesse”, “esfriar” e “diminuir”. O verbo *rescīndō, scīdī*, com o sentido de “abrir”, “separar”, “separar rasgando”, “cortar” e “destruir cortando” e no sentido figurado “rescindir”, “abrogar” e “anular” é assim explicado pelo dicionário **DELP** e classificado na classe ação, **TRS**. Há também, na Vulgata, o verbo *rescribō, psī, ptum.*. O significado dele apresentado pelo dicionário **DELP** é “escrever em resposta”, “escrever novamente”, “reembolsar”, “restituir dinheiro” e “pagar”. Já no sentido especial, o significado é “responder, tratando-se da resposta do imperador a uma pergunta feita”.

Outro verbo classificado como **TRS**, na classe ação, é *revīvīscō, vīxī, vīctum*, grafado também como *revīvēscō*, é encontrado no dicionário **DELP** com o significado de “reviver” e “voltar de novo à vida”. Isso também ocorre com o verbo *senēscō, senūī*. Conforme o dicionário **DELP**, há o significado de “encanecer” e “envelhecer”; no sentido figurado, “perder as forças”, “decair” e “enfraquecer”. O fato repete-se com o verbo *sordēscō, sordūī*. O dicionário **DELP** traz o significado de “sujar-se” e “tornar-se sujo”. O verbo *splendēscō, splendūī*, apresenta a mesma classificação, segundo o dicionário **DELP**. Este apresenta o significado de “adquirir brilho” e “tornar-se brilhante”.

O verbo *vescor, ēris*, encontrado na Vulgata, é traduzido pelo dicionário **DELP** como “nutrir-se” e “alimentar-se”, sendo classificado como **TRS**, na classe ação. O verbo *virēscō, is, ēre* é encontrado no mesmo dicionário com o significado de “verdejar” e “tornar-se verde”.

No dicionário **DELP**, está grafado com uma alteração no segundo *e* pelo *i*, *contremīscō, tremūī*, com o significado de “começar a tremer”, “tremer inteiramente”, “vacilar”, “hesitar”, “recessar” e “ter medo de”.

O sufixo *-sc-* pôde ser encontrado na classe de ação **RES**, com o valor semântico de *resultado*, para *nomina actionis*. O verbo latino *expavēscō, pāvī*, com o sentido de “recessar”, “temer”, “assustar-se” e “estar apavorado”, encontrado no dicionário **DELP**, é o “estado decorrente de X<sup>v</sup>”. Ainda nessa classificação, considerando X<sup>v</sup>, o verbo “esquentar”, nota-se que *fervēscō*, também grafado *fervīscō, is, ēre*, com o significado de “borbulhar” e “pôr-se a ferver” é o resultado de esquentar algo líquido. Neste caso também poder-se-ia considerar o

verbo latino *flāvēscō, is, ěre*, “amarelecer” e o verbo *incalēscō, calūi*, “aquecer-se”, e no seu sentido figurado, “inflamar-se por uma paixão” conforme o dicionário **DELP**.

No verbo *ingravēscō, is, ěre*, “ficar grávida” e “tornar-se pesado”, já no sentido figurado, “piorar”, “aumentar”, “irritar-se”, “aumentar” e “crescer”, é possível perceber que o sufixo *-sc-* é resultado de uma outra ação. Segundo o dicionário **DELP**, o verbo *obstupēscō, stupūi*, apresenta o significado de “ficar gelado”, “ficar imóvel”, “tornar-se estupefato” e “espantar-se”. O sufixo *-sc-* classifica-se em ação **RES**, com o valor semântico de *resultado*, para *nomina actionis*. Outro verbo com significado semelhante é *stupēscō, is, ěre*. Conforme o dicionário **DELP**, o significado para esse vocábulo é “admirar-se”, “espantar-se” e “tornar-se estupefato”.

Na classe ação também se encontrou o *agentivo AGE*, visto que, neste caso, é a “(pessoa) que V em X”. O verbo, segundo essa classificação, é *acquiēscō (adquiēscō), ēvi, ētum*, com o sentido de “descansar”, “repousar”. *Conquiēscō, quiēvi* é outro verbo da Vulgata que apresenta o mesmo significado, “estar em completo repouso”, “descansar”, “parar”, “cessar” encontrado no dicionário **DELP**. Na Vulgata, também foi encontrado outro verbo, *quiēscō*, que o dicionário **DELP** apresenta com um significado parecido com *acquiēscō*. Da mesma forma que este, aquele significa “descansar”, “estar em repouso”, “repousar” e “dormir”. No sentido figurado, encontrou-se no dicionário **DELP** o significado de “morrer”, “calar-se”, “acalmar-se”, “tornar-se imóvel”, “não se opor”, “não combater”, “viver como simples particular”, “longe da vida pública”, “não se inquietar” e “estar tranqüilo”. Outro verbo semelhante, na Vulgata, é *requiēscō, quiēvi*, que o dicionário **DELP** apresenta também com o sentido de “repousar” e “descansar”. Notou-se a presença do sufixo *-sc-*, na classe ação, no *agentivo, AGE*, com o verbo *praesciō, scīvi, scītum*. Sua tradução no dicionário **DELP** é “saber de antemão antecipadamente”.

Outra classe de ação, **MOV**, para *nomina actionis, movimento*, relacionada ao deslocamento, ao próprio deslocamento, ou ao deslocamento de algo, percebeu-se que na “ação de X<sup>v</sup>” foi encontrado o verbo *contremīscō, tremūi*, na Vulgata.

Na mesma classe de ação, **MOV**, encontrou-se também o verbo *dēscendō, dī, sum*, “descer”, “dirigir-se”, “ir”, “penetrar” e “entrar”, segundo o dicionário **DELP**. No sentido figurado, apresenta o significado de “descender”, “vir de”, bem como o seu uso na língua militar em que também tem seu valor semântico “deixar a posição que se ocupa para vir combater”, ou “para tomar um partido”. Ainda no dicionário **DELP**, num emprego especial, é utilizado com o significado de “desviar-se” e “afastar-se”.



### 6.1.1.1 Valores Avaliativos

A classe **RES+** também foi encontrada no sufixo *-sc-*. Tal classe designa a ação frequente ou intensa e as paráfrases são representadas por “que X<sup>v</sup> com frequência”. Além dos sufixos *-itar* e *-inhar*, a classe **RES+** encontrou-se no verbo latino *accrēscēre*, com a acepção de “acrescer”, o sentido de “fazer crescer ou crescer em grandeza física, intensidade, diversidade”, segundo o dicionário **DHLP**.

## 6.2 Sufixo *-iz-*

Ao analisar as paráfrases de cada verbo com sufixo *-iz-*, percebeu-se que este pode ser classificado apenas na classe de ação **TRS**, como *transitivo*, que, segundo a **MTP**, é classe “em que há apenas um agente e um paciente”, caracterizando por “processo de X<sup>v</sup>”, o “fato de X<sup>v</sup>” e “ação de V C em X, (ação de) causar X (*-ar, -izar, a-...-ar, es-...ar, a-...-mento, em-...-ção, -ficar, -ecer, -ear*)”, conforme a **MTP**.

### 6.2.1 Classe de Ação

Na classe de ação **TRS**, como *transitivo*, relacionado com “o deslocamento de um ser ou se referem ao próprio deslocamento”, podendo ser “(ação de) causar X (*-ar, -izar* [...])” segundo a **MPT**. Como exemplo dessa classe, na Vulgata, há o verbo *baptizō, ās, āre*, com o significado de “batizar”, segundo o **DLP**. O dicionário **DHLP** apresenta o verbo “batizar” com a acepção de “ministrar ou fazer com que (alguém) receba o sacramento do batismo”.

Outro verbo nessa mesa classe é *anathematizō, ās, āre*. Segundo o dicionário **DLP**, ele é registrado com o significado de “excomungar”, “abominar” e “amaldiçoar”. No dicionário **DHLP** há o verbo “anatematizar”, também com a acepção de “excomungar”. O verbo *catēchizō, ās, āre* está registrado no **DLP** como transitivo. O seu significado é de “catequizar” e “instruir na religião”. O dicionário **DHLP** informa que o verbo “catequizar” também está relacionado com “instruir nos princípios de matéria religiosa”. Outro exemplo de verbo nessa classe de ação é *eūangēlizō, ās, āre, ātum*. No dicionário **DLP**, esse verbo, intransitivo e transitivo, apresenta o significado de “evangelizar”, “pregar o evangelho” e “pregar”.

## 7 OS VERBOS COM SUFIXO *-sc-* E *-iz-* NA VULGATA, À LUZ DA PERÍFRASE VERBAL, SEGUNDO TRAVAGLIA

Analisaram-se, nos capítulos anteriores, os aspectos dos verbos com sufixo *-sc-* e *-iz-* na Vulgata, desconsiderando-se o contexto, onde os verbos foram encontrados. Optou-se por analisá-los isoladamente, porque foi assim que os linguistas o fizeram. Travaglia, porém, sugere considerar as perífrases verbais nas orações, a fim de perceber-se uma classificação aspectual diferente daquela que se observa, quando a análise verbal se dá de forma isolada.

### 7.1 Travaglia e a construção das perífrases na Vulgata

Travaglia (2006: 161) conceitua perífrase como “qualquer aglomerado verbal em que tenhamos um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal)”. Ele também entende que as perífrases apresentam a função de marcar “uma noção semântica”. O autor não explorou o conceito de auxiliaridade, visto que não era o seu propósito e independente de ser ou não um verbo auxiliar real, isso não afeta “o problema da expressão do aspecto”.

Dessa forma, os verbos com sufixo *-sc-* e *-iz-*, na Vulgata, apresentam uma noção de aspecto, quando analisados de forma isolada, algo feito pelos gramáticos e linguistas. Considerando a proposta de Travaglia, pode-se observá-los também com a perífrase, fato que altera a noção de aspecto dos mesmos verbos. Considerando o verbo *requiēscere fácies*, “farás repousar”, por exemplo, percebe-se que, numa análise isolada do aspecto, é um verbo durativo. Já contextualizado, na perífrase, *requiēscere fácies*, “farás repousar”, nota-se que o próprio verbo *requiēscere* está no infinitivo e o auxiliar, no futuro do presente, demonstrando que a ação de repousar ainda não começou, condição considerada não-aspecto.

O não-aspecto, na proposta de Travaglia (2006: 37), é diferente do aspecto, porque este precisa abranger “a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna”; para tanto, é necessário que se refira à “indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si” e também envolver tempo. Dessa forma, aspecto “é uma categoria verbal ligada ao tempo” (TRAVAGLIA, 2006: 38).

Para expressar o seu conceito de aspecto, Travaglia (2006: 38) afirma que é necessário esclarecer como ele utiliza o vocábulo “tempo” em sua obra. Este pode ser usado para categoria verbal, referindo-se ao passado, ao presente ou ao futuro; para flexão temporal,

como os “agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo” e para a indicação do verbo relacionado com outro elemento da frase (TRAVAGLIA, 2006: 39).

Nos exemplos apresentados pelo mesmo autor, é possível perceber a relação entre tempo categoria verbal e tempo flexão temporal. Ele afirma:

Antes de continuarmos, para evitar qualquer dúvida, é preciso esclarecer que neste trabalho utilizaremos o tempo em três sentido básicos: 1) Tempo 1: categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente, futuro). Falaremos então em tempo; 2) Tempo: flexão temporal. Estaremos nos referindo então aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente. Futuro do subjuntivo etc. Falaremos então em tempos flexionais; 3) Tempo 3: a idéia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. Falaremos então de TEMPO (com letras maiúsculas) (TRAVAGLIA, 2006: 38).

Dessa forma, Travaglia faz distinção entre “tempo” e “tempo flexional”. Para explicar este, o autor exemplifica com a seguinte oração: “amanhã vou a Santos”. O tempo desta oração é futuro, mas o tempo flexional é presente do indicativo, encontrado no verbo “vou”; já para aquele tempo, o exemplo utilizado pelo mesmo autor é “amanhã irei a Santos”. Neste caso, o tempo é presente, e o tempo flexional é o futuro do presente.

Ainda para Travaglia (2006: 39), a categoria tempo é “dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação”. Já a categoria aspecto não é “dêitica, pois se refere à situação em si [...] assim para efeito de distinção podemos dizer que o tempo é ‘um tempo externo à situação’ e o aspecto é ‘um tempo interno à situação’”. Por esse motivo, é possível fazer uma análise dos verbos com sufixo *-sc-* e *-iz-* na Vulgata, considerando “um tempo interno à situação”.

As perífrases apresentadas por Travaglia são assim construídas na língua portuguesa: “ter” + particípio, “haver” + particípio, “ter” + particípio variável, “estar” + por / para / em + infinitivo, “estar” + gerúndio, “estar” + a + infinitivo, “estar” + particípio, “ir” + infinitivo, “ir” + gerúndio, “vir” + infinitivo, “vir” + a + infinitivo, “vir” + de + infinitivo, “vir” + gerúndio, “andar” + gerúndio, “viver” + gerúndio, “viver” + particípio, “costumar” + infinitivo, “usar” + infinitivo, “habituar-se” + a + infinitivo, “tornar” / “voltar” + a + infinitivo, “ficar” + gerúndio, “ficar” + particípio, “ficar” + por + infinitivo, “ficar” + a + infinitivo, “permanecer” + gerúndio, “permanecer” + particípio, “permanecer” + a + infinitivo, “continuar” + gerúndio, “continuar” + a + infinitivo, “continuar” + particípio, “continuar” + por + infinitivo, “prosseguir” + gerúndio, “seguir” + gerúndio ou a + infinitivo, “deixar” + gerúndio, “deixar” + a + infinitivo, “deixar” + infinitivo, “deixar” + de + infinitivo,

“cessar” + de + infinitivo, “parar” + de + infinitivo, “acabar” + gerúndio, “acabar” + “por” + infinitivo, “acabar” + de + infinitivo, “terminar” + gerúndio, “terminar” + de + infinitivo, “começar” + gerúndio, “principiar” + gerúndio, “começar” + a + infinitivo, “principiar” + a + infinitivo, “passar” + a + infinitivo, “pôr-se” + a + infinitivo, “garrar” ou “agarrar” + a + infinitivo, “deitar” + a + infinitivo, “desatar” + a + infinitivo, “pegar” + a + infinitivo, “despejar” + a + infinitivo, “cair” + a + infinitivo, “romper” + a + infinitivo, “desandar” + a + infinitivo, “entrar” + a + infinitivo, “disparar” + a + infinitivo, “dandar” + a + infinitivo, “destampar” + a + infinitivo, “dar” + para + infinitivo, “dar-se” + a + infinitivo, “dar” + em + infinitivo, “ser” + participípio, “ser” + participípio variável, “ser” + de + infinitivo.

Nota-se, na Vulgata, a presença de verbo auxiliar na perífrase. O verbo *adhaerēscō*, *haesī*, *haesum* está registrado apenas uma vez na Vulgata, no livro de Ezequiel; “et linguam tuam adherēscere faciam palato tuo”<sup>21</sup> (Ez. 3:26). Neste texto bíblico, esse verbo é usado no infinitivo *adherēscere*. O verbo auxiliar constrói uma perífrase diferente em relação às apresentadas por Travaglia, supracitadas. As perífrases dos verbos com o sufixo *-sc-* são construídas com o verbo *faciō*, *fēcī*, *factum*, “fazer”, como auxiliar, flexionado e o principal no infinitivo. Com o verbo auxiliar flexionado *faciam*, encontrou-se na Vulgata a seguinte estrutura de perífrase, infinitivo + verbo na primeira pessoa do singular, no futuro do presente, no modo indicativo, *adherescere faciam*, “farei aderir”.

Observou-se que dos quatrocentos e setenta e oito (478) versículos da Vulgata, em que foram encontrados verbos com o sufixo *-sc-*, quarenta e quatro (44) apresentam perífrase. Nesses quarenta e quatro (44) versículos, além do verbo supracitado *adhaerēscō*, *-haesī*, *-haesum*, “tornar-se aderente”, “aderir”, percebeu-se a presença de doze (12) verbos, num total de treze (13), com o sufixo *-sc-* e que formam perífrase com o verbo *faciō*, *fēcī*, *factum*, “fazer”, ou seja, o mesmo verbo aparece em vários versículos. São eles: *fervēscō*, *-is*, *-ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”; *marcēscō*, *-is*, *-ēre*, “murchar”, “secar”, “definhar”, “enfraquecer”, “debilitar-se”; *nigrēscō*, *-nigrūī*, “tornar-se negro”, “escurecer-se”; *obmūtēscō*, *mutūī*, “emudecer”, “tornar-se mudo”, “perder a fala”; *obstupēscō*, *-stupūī*, “tornar-se insensível”, “aturdir-se”, “ficar atordoado”, “espantar-se”, “ficar estupefato”, “de boca aberta”, “maravilhado”; *putrēscō*, *-is*, *-ēre*, [*puter*] “estragar-se”, “apodrecer”; *quiēscō*, *-quiēvī*, *-quiētum*, “repousar”, “estar em repouso”, “descansar”; *requiēscō*, *-quiēvī*, “estar em completo repouso”, “descansar”; *stupēscō*, *-is*, *-ēre* [*stupeo*], “tornar-se estupefato”, “espantar-se”; *succrēscō*, *-crēvī*, “crescer”, “brotar por baixo”;

<sup>21</sup> “Eu farei que a tua língua se adira ao teu palato” (*Tradução nossa*)

*tābēscō, -tabŭī*, “fundir-se”, “derreter-se”, “liquefazer-se”, “consumir-se”, “definhar-se”, “gastar-se”, “perecer”, “putrefazer-se”, “corromper-se”, “mirrar-se de inveja”, “diminuir” e *tenebrēscō, is, ěre*, “cobrir-se de trevas”, “tornar-se escuro”.

Verificou-se, na Vulgata, que os verbos principais utilizados nas construções das perífrases não são flexionados, pois são utilizados no infinitivo. São essas as construções: *faciam enim eum requiēscere*, “farei repousar”; *fervescere faciet*, “fará ferver”; *marcēscere fácies*, “farás murchar”; *marcēscere facit*, “faz murchar”; *nigrēscere faciam*, “farei escurecer”; *obmūtēscere faciātis*, “faças emudecer”; *obstupēscere facit*, “faz aturdir-se”; *putrēscere faciam*, “farei apodrecer”; *putrēscere fáciat*, “faça apodrecer”; *quiēscere faciam*, “farei repousar”; *quiēscere faciāmus*, “ façamos repousar”; *requiēscere faciam*, “farei repousar”; *requiēscere fácies*, “farás repousar”; *requiēscere faciet*, “fará repousar”; *requiēscere facit*, “faz repousar”; *requiēscere fēcērunt*, “fizeram repousar”; *stupēscere faciam*, “farei espantar”; *succrēscere faciam*, “farei crescer por baixo”; *tabēscere fēcistī*, “fizeste derreter”; *tabēscere me fēcit*, “fez derreter”; *tenebrēscere faciam*, “farei cobrir de trevas”.

O verbo *quiēscere*, “repousar” foi o mais utilizado para a construção de perífrases com o verbo *faciō, fēcī, factum*, “fazer”. Sendo assim, encontraram-se dezesseis (16) ocorrências com o verbo *quiēscere*, “repousar”; oito (08) ocorrências com o verbo *requiēscere*, “repousar”; três (03) ocorrências com o verbo *stupēscere*, “espantar”; três (03) ocorrências com o verbo *putrēscere*, “apodrecer”; duas (02) ocorrências com o verbo *marcēscere*, “murchar”; duas (02) ocorrências com o verbo *nigrēscere*, “escurecer”; duas (02) ocorrências com o verbo *succrēscere*, “crescer por baixo”; duas (02) ocorrências com o verbo *tabēscere*, “derreter”; duas (02) ocorrências com o verbo *tenebrēscere*, “cobrir de trevas”; uma (01) ocorrência com o verbo *fervescere*, “ferver”; uma (01) ocorrência com o verbo *obmūtēscere*, “emudecer” e uma (01) ocorrência com o verbo *obstupēscere*, “aturdir-se”.

**Tabela 7.1 – Número de ocorrências de verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata que formam perífrase com o verbo *faciō*.**

Verbos	Quantidade	Porcentagem
Quiēscere	16	36,3%
Requiēscere	08	18,1%
Stupēscere	03	6,8%
Putrēscere	03	6,8%
Marcēscere	02	4,5%
Nigrēscere	02	4,5%
Succrēscere	02	4,5%
Tabēscere	02	4,5%
Tenebrēscere	02	4,5%
Fervescere	01	2,2%
Obmūtēscere	01	2,2%
Obstupēscere	01	2,2%

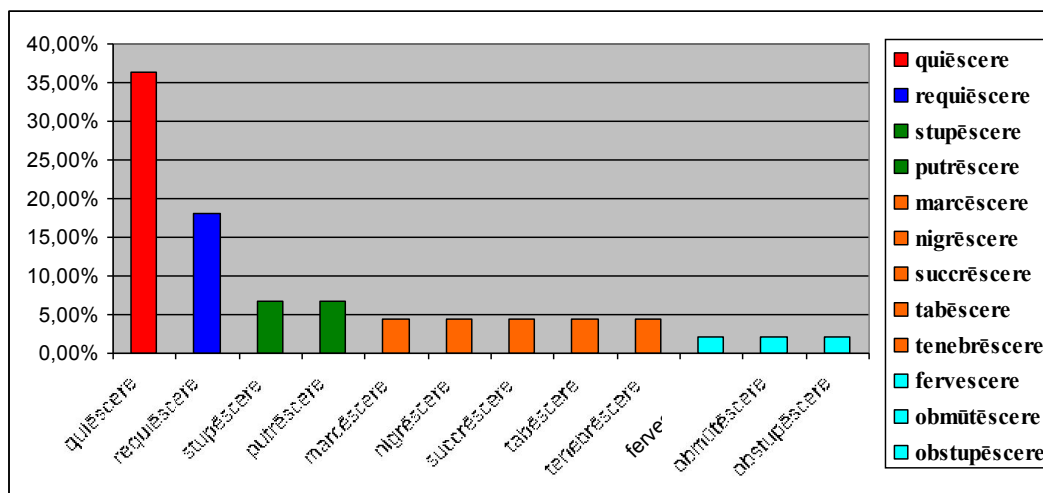


Gráfico 7.1 - A quantidade de verbos com sufixo *-sc-* na Vulgata que formam perífrase com o verbo *faciō*.

Na Vulgata, todos os verbos principais das perífrases foram utilizados no infinitivo. Já na língua portuguesa, as perífrases apresentadas por Travaglia, no capítulo oito, intitulado “Expressão dos aspectos pelas perífrases verbais”, são construídas com os verbos principais

no particípio, no gerúndio e infinitivo. Por exemplo: “muitas bombas terão explodido antes que prendam os guerrilheiros”; “o rapaz estava chegando às oito horas” e “Terezinha costumava pregar os botões para mim, quando eu morava em São Paulo” (TRAVAGLIA, 2006: 163, 173, 187).

Percebeu-se que, na Vulgata, as perífrases não são construídas com preposições como as mencionadas na língua portuguesa por Travaglia. Esse autor afirma que, na língua portuguesa, o verbo auxiliar pode estar flexionado, construindo as perífrases com preposição ou não. Por exemplo: “venho de assistir a missa e não quero discutir com você”; “os rapazes vêm trabalhando sem muitas condições”; “se aqui costumar chover muito, vou adorar este lugar” e “se eu terminar de copiar estes dados às dezoito horas, como pretendo, irei à festa” (TRAVAGLIA, 2006: 187, 208).

## 7.2 Conjugação dos verbos na construção das perífrases

O único verbo auxiliar utilizado para as construções de perífrases na Vulgata é de terceira conjugação, *faciō, fēcī, factum*, “fazer”. Diferente na língua portuguesa, como apresentado por Travaglia, o verbo auxiliar para essas construções podem ser de primeira, segunda e terceira conjugação, por exemplo: “embora a ponte ainda esteja por explodir, o inimigo não conseguirá atravessar o rio”, primeira conjugação; “José tem adoecido, o que me impede de sair”, segunda conjugação e “os homens prosseguirão cavando noite adentro, para que tudo seja preparado a tempo”, terceira conjugação (TRAVAGLIA, 2006: 164, 170, 197)

Dos treze verbos principais encontrados nas construções das perífrases na Vulgata, apenas um verbo é de segunda conjugação, *fervescō, -is, -ēre*, “ferver”, “borbulhar”, “aquecer”, “formigar”, “ser um formigueiro”. Os demais, já citados, são de terceira conjugação.

**Tabela 7.2 – A conjugação dos verbos com sufixo -sc- na Vulgata usados na construção das perífrases.**

Conjugação dos verbos	Quantidade	Porcentagem
Segunda	01	7,6%
Terceira	12	92,3%

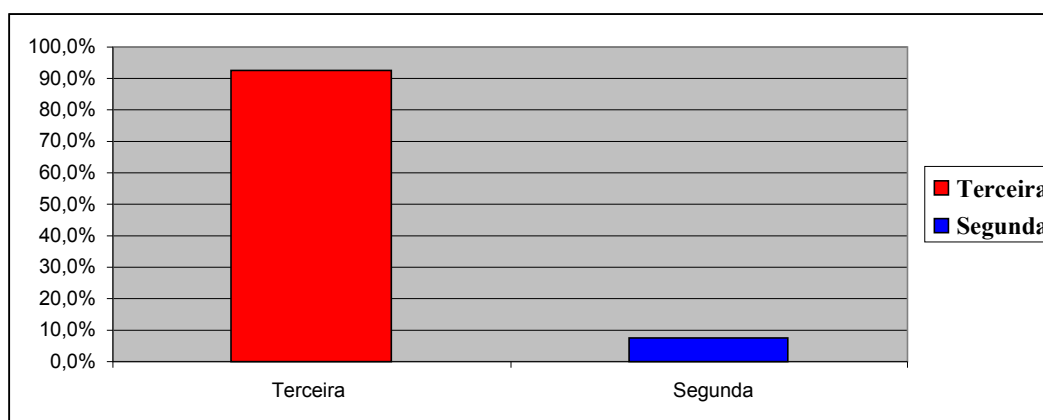


Gráfico 7.2 – A conjugação (em porcentagem) dos verbos com sufixo -sc- na Vulgata usados na construção das perífrases.

Comparando as conjugações dos verbos, com sufixo -sc- na Vulgata, que constroem as perífrases, com as conjugações dos verbos que formam as perífrases na língua portuguesa, apresentadas por Travaglia, percebeu-se a diferença entre os verbos auxiliares da Vulgata e da língua portuguesa. Enquanto, na Vulgata prevaleceu apenas um verbo auxiliar de terceira conjugação, *faciō, fēcī, factum*, “fazer”, na língua portuguesa, descobriu-se observando Travaglia que dos trinta (39) verbos auxiliares na construção das perífrases, vinte e sete (27) são de primeira conjugação, sete (07) de segunda conjugação e cinco (05) de terceira conjugação.

São esses os verbos apresentados por Travaglia (2006:161) para as construções das perífrases. Primeira conjugação: “acabar”, “andar”, “cessar”, “começar”, “continuar”, “costumar”, “danar”, “dar”, “deitar”, “deixar”, “desandar”, “desatar”, “despejar”, “destampar”, “disparar”, “entrar”, “ficar”, “garrar” ou “agarrar”, “habituar-se”, “parar”, “pegar”, “principiar”, “terminar”, “tornar” / “voltar” e “usar”. Os de segunda conjugação são:



“haver”, “permanecer”, “pôr-se”, “romper”, “ser”, “ter” e “viver”. Os de terceira conjugação são: “cair”, “ir”, “prosseguir”, “seguir” e “vir”.

Numa representação em tabela e gráfico, pode-se perceber como prevalece o uso dos verbos de primeira conjugação para construção de perífrases na língua portuguesa, segundo Travaglia.

**Tabela 7.3 – A conjugação dos verbos usados na construção das perífrases na língua portuguesa.**

Conjugação dos verbos	Quantidade	Porcentagem
Primeira	27	69,2%
Segunda	07	17,9%
Terceira	03	12,8%

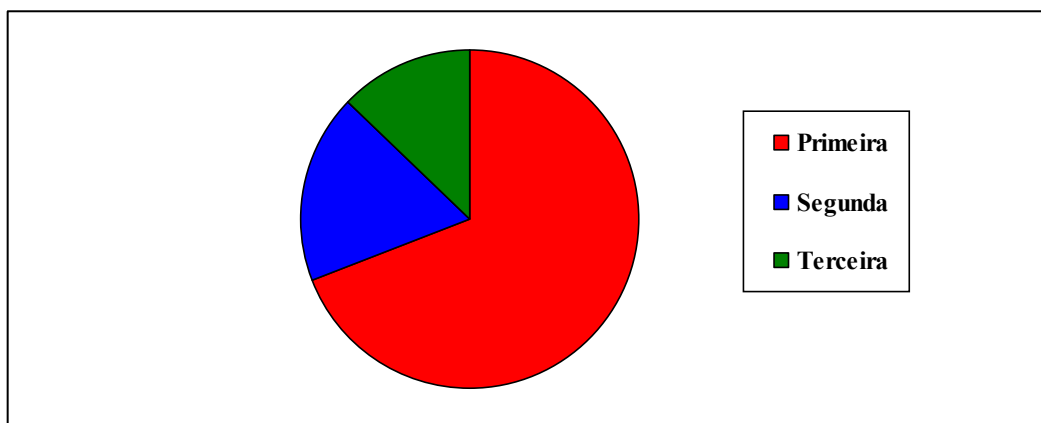


Gráfico 7.3 – A conjugação (em porcentagem) dos verbos usados na construção das perífrases na língua portuguesa.

Além da análise das perífrases dos verbos formados com o sufixo *-sc-*, considerar-se-ão também os verbos formados com o sufixo *-iz-*, a fim de notar quais foram as opções quanto aos verbos auxiliares para as construções com eles.

### 7.3 As perífrases e a conjugação dos verbos com sufixo *-iz-*

Foram encontrados cento e cinquenta e quatro (154) versículos, na Vulgata, com verbos formados com o sufixo *-iz-*. Desses, trinta (30) versículos apresentam perífrases. Nos trinta (30) versículos foram encontrados apenas cinco (05) verbos com o sufixo *-iz-*, porque ele se repete nos vários versículos. São eles: *anathematizō, ās, āre*, “excomungar”, “amaldiçoar”, “abominar”; *baptizō, ās, āre*, “batizar”; *euangelizō, ās, āre*, “pregar o evangelho”, “evangelizar”, “pregar”; *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar” e *thēsaurizō, ās, āre*, “entesourar”, “amontoar”, “ajuntar”.

Os verbos que não formam perífrases são: *catēchizō, ās, āre*, “instruir na religião”, “catequizar”; *citharizō, -ās, -āre*, “tocar cítara”; *colaphizō, ās, āre*, “dar bofetadas em”, “esbofetear”; *prophētizō, ās, āre*, “profetizar”, “adivinhar” e *sabbatizō, ās, āre*, “guardar os sábados”.

Na Vulgata, os verbos com sufixo *-sc-*, principais das perífrases, não são flexionados, porque utilizados no infinitivo; por outro lado, não é isso que ocorre quanto aos verbos principais, formados com sufixo *-iz-*, porque foram encontrados flexionados, formando um total de trinta (30) construções perifrásticas. São elas: *baptizata esset*, “foi batizada”; *baptizati estis*, “fostes batizados”; *baptizati sitis*, “sejas batizado”; *baptizati sumus*, “somos batizados”; *baptizati sunt*, “são batizados”; *baptizati tantum erant*, “fossem batizados”; *baptizatus esset*, “foi batizado”; *baptizatus est* “é batizado”; *baptizatus fuerit*, “for batizado”; *coepit anathematizare*, “começou a anatematizar”; *debent filii parentibus thesaurizare*, “devem entesourar”; *debeo baptizari*, “devo ser batizado”; *erat autem et Iohannes baptizans*, “estava batizando”; *euangelizatum est* “foi evangelizada”; *fuerit scandalizatus*, “é aquele que não se scandalizar”; *misit me baptizare*, “me enviou a batizar”; *scandalizati fuerint*, “ficar scandalizado”; *scandalizati sunt*, “são scandalizados”; *sunt euangelizare*, “são evangelizadas” e *veni ego in aqua baptizans*, “vim batizando”.

Desses verbos, *baptizō, ās, āre*, “batizar”, foi encontrado em vinte (20) perífrases. O verbo *scandalizō, āvī, ātum*, “escandalizar” em cinco (05); *euangelizō, ās, āre*, “pregar o evangelho”, “evangelizar”, “pregar” em três (03); *anathematizō, ās, āre*, “excomungar”, “amaldiçoar”, “abominar”, em uma (01) e *thēsaurizō, ās, āre*, “entesourar”, “amontoar”, “ajuntar” também em uma (01).

**Tabela 7.4 – Número de ocorrências de verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata que formam perífrase.**

Verbos	Quantidade	Porcentagem
<b>Baptizāre</b>	20	66,6%
<b>Scandalizāre</b>	05	16,6%
<b>Evangelizāre</b>	03	10,0%
<b>Anathematizāre</b>	01	3,3%
<b>Thesaurizāre</b>	01	3,3%

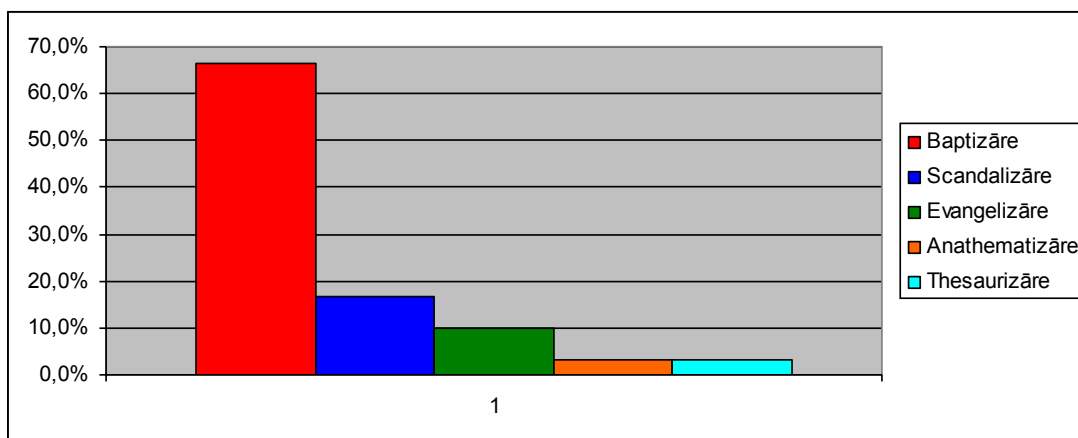


Gráfico 7.4 - Número de ocorrências (em porcentagem) de verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata que formam perífrase.

Enquanto nos verbos com sufixo *-sc-*, as perífrases foram construídas com verbos de terceira conjugação, *faciō, fēcī, factum*, “fazer”, esse fato não se repete nos verbos auxiliares das perífrases, construídas com os verbos que utilizam o sufixo *-iz-*.

#### **7.4 Conjugação dos verbos auxiliares nas perífrases dos verbos com sufixo *-iz-***

Os verbos auxiliares nas perífrases formadas com os verbos que utilizam o sufixo *-iz-* não se limitam apenas aos verbos de primeira conjugação: *sum, es, esse, fūī*, “ser”, “existir”,

“viver”, “morar”, “residir” e “durar”; o verbo *coepī, istī, isse, coeptum*, “começar”, “principiar”; *dēbēō, dēbūī, dēbītum*, “dever (dinheiro ou um objeto); *mittō, mīsī, missum*, “deixar ir”, “deixar partir”, “mandar” e “enviar” e o verbo *venīō, vēnī, ventum*, “vir”, “chegar” e “voltar”. Sendo assim, o verbo *esse* pertence a uma classe especial, os verbos *dēbēre* e *mittere* são da segunda conjugação e os verbos *coepīre* e *venīre* são da quarta conjugação.

Percebe-se que a conjugação dos verbos auxiliares nas perífrases apresentam as seguintes ocorrências: os verbos *sum, es, esse, fūī*, “ser”, “existir”, “viver”, “morar”, “residir” e “durar” aparecem vinte e cinco (25) vezes; o verbo *coepī, istī, isse, coeptum*, “começar”, “principiar” aparece uma (01) vez; o verbo *dēbēō, dēbūī, dēbītum*, “dever (dinheiro ou um objeto) aparece duas (02) vezes; o verbo *mittō, mīsī, missum*, “deixar ir”, “deixar partir”, “mandar” e “enviar” aparece uma (01) vez; e o verbo *venīō, vēnī, ventum*, “vir”, “chegar” e “voltar” também aparece uma (01) vez. Sendo assim, o verbo *esse* forma uma classe especial, os verbos *dēbēre* e *mittere* são da segunda conjugação e os verbos *coepīre* e *venīre* são da quarta conjugação. Na tabela e gráfico abaixo, é possível perceber a porcentagem de uso desses verbos que formam perífrases na Vulgata, acompanhando os verbos com sufixo *-iz-*.

**Tabela 7.5 – Número de ocorrências dos verbos auxiliares que formam perífrases ao lado dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata.**

Verbos	Quantidade	Porcentagem
Esse	25	83,3%
Dēbēre	02	6,6%
Coepīre	01	3,3%
Venīre	01	3,3%
Mittere	01	3,3%

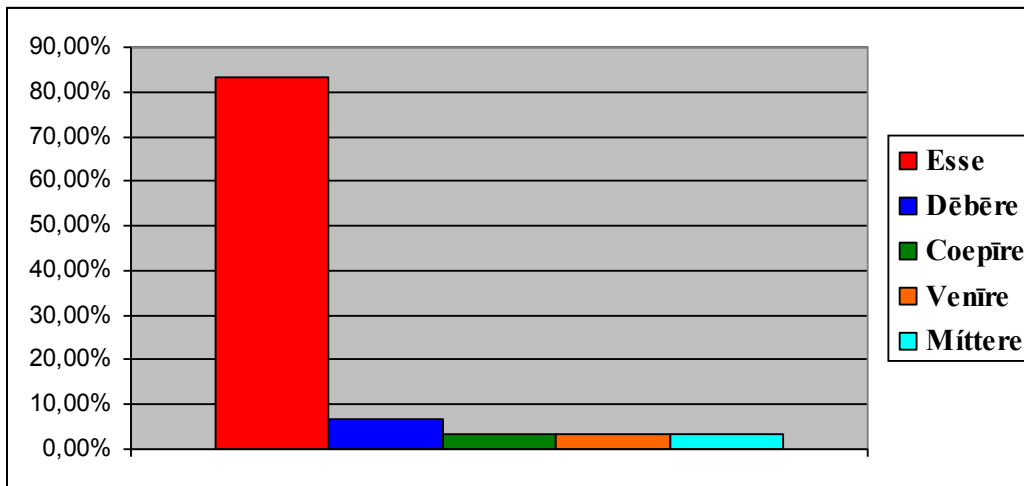


Gráfico 7.5 – Número de ocorrências (em porcentagem) dos verbos auxiliares que formam perífrases ao lado dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata.

Com perífrases construídas na Vulgata, com os verbos que utilizam os sufixos *-sc-* e *-iz-*, nota-se que já na língua latina, as construções perifrásticas eram utilizadas para expressar o aspecto do verbo. Nesses casos, foi possível perceber que os verbos com o sufixo *-sc-* usaram apenas um verbo auxiliar para a construção das perífrases. Diferente dos verbos com o sufixo *-iz-* que tiveram suas perífrases construídas com vários verbos auxiliares. Tendo-se em vista a variedade de verbos auxiliares apresentados por Travaglia, nas construções das perífrases na língua portuguesa, nota-se a possibilidade de as perífrases dos verbos com sufixo *-iz-* no latim terem sido mais influentes na língua portuguesa do que as perífrases dos verbos com sufixo *-sc-*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a produção sufixal de verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-* que aparecem na linguagem da Vulgata. Para que tal objetivo fosse atingido, compararam-se os verbos da Vulgata que apresentam esses sufixos com verbos do *Dictionnaire Illustré Latin-français* de Félix Gaffiot. Essa comparação partiu do pressuposto de que o dicionário abrangeria verbetes apenas do latim clássico. Sendo assim, iniciou-se este estudo, comentando-se o texto da Vulgata, explicando onde foi escrito, como se deu a tradução do Antigo Testamento, do hebraico para o latim, e também, como se deu a tradução do Novo Testamento do grego para o latim.

Observou-se que os primeiros textos do Novo Testamento em latim foram produzidos antes do século IV d.C., percebendo-se a possibilidade do uso de alguns verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-*, antes do século IV, visto que Jerônimo se valeu de textos gregos do Novo Testamento que já existiam. Dessa forma, tanto o *Dictionnaire Illustré Latin-français* de Félix Gaffiot como os textos mais antigos do Novo Testamento confirmam que o uso desses sufixos atingiu um período mais amplo do que o compreendido pelo período da Vulgata.

A fim de se compreender o processo de adaptação desses sufixos, tanto na língua grega como na língua latina, precisou-se considerar a origem de ambos, observando as hipóteses etimológicas. Verificou-se a transição desses sufixos do grego para o latim e percebeu-se que, nessas transições de idiomas, o sufixo *-sc-* na língua grega, encontrado como sufixo *-σκ-*, sofre alterações, quando entra no léxico latino e passa a construir verbos com *-asco*, *-isco* e *-usco*. Essas alterações apresentam explicações diferentes em estudiosos como Coutinho (1958: 185) e Maurer Jr. (1959: 131), para quem constituem criações relevantes no latim vulgar.

Por ter sido encontrado o verbo *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, “brotar”, “nascer” na Vulgata, e perceber-se que o *-σκ-* fora sufixo nesse vocábulo, antes mesmo de ser utilizado na língua grega, optou-se por considerar *-sc-* como sufixo no verbo *cresco*, no latim, visto que os gramáticos e linguistas, ao abordarem o sufixo *-sc-* nos verbos dissílabos nesse idioma, concordam que, no verbo *crēscō*, *crēvī*, *crētum*, a presença de *-sc-* caracteriza um sufixo, aceitando a etimologia do verbo no indo-europeu, com o sufixo *-sk-*. Sendo assim, *-sc-* é um sufixo verbal, porém no verbo *crēscō*, o sufixo *-sc-* está no radical do verbo. Nesse caso, o sufixo *-sc-* só é aceito como sufixo, se for considerada a etimologia do verbo no indo-europeu. Essa consideração pode ser encontrada em vários autores que apresentam o verbo *crēscō* como exemplo para apresentar o sufixo *-sc-*.

A ampliação do uso do sufixo *-sc-*, em *-asco*, *-esco* e *-isco*, foi encontrada na Vulgata. O sufixo *-asco*, na Vulgata, é notado apenas no verbo *contenebrāscō, is, ěre*, “tornar-se escuro” e “cobrir-se de trevas”. Este verbo também pode ser grafado com o sufixo *-esco*, como *contenebrēscō, is, ěre*, pois o dicionário Torrinha (1942) não especifica quando se deve optar pelo uso do sufixo *-asco* ou o *-esco*; na Vulgata, o sufixo *-asco* é encontrado apenas uma vez.

Os verbos com sufixo *-sc-* são apresentados pelos linguistas como formadores de verbos incoativos. Dessa forma, considerando a gramaticidade dos verbos, observou-se que prevalece, na Vulgata, os verbos não parassintéticos com sufixo *-sc-*, isto sugerindo que esse sufixo foi produtivo entre esses verbos, a partir deste *corpus*, documento datado no século IV d.C.. Väänänen (1985: 237) afirma que a produção de verbos com o sufixo *-sc-* no latim se dava apenas com os intransitivos e que somente depois surgiram verbos, com sufixo *-sc-*, transitivos, esse fato tendo permanecido desde o latim antigo. Contudo, não é isso que se encontra na Vulgata, pois ali prevalece a presença de verbos intransitivos.

Kobayashi (1988: 396) propõe que o sufixo *-sc-* constrói verbos parassintéticos apenas de aspecto incoativo. Não se encontrou em Kobayashi afirmações a respeito do aspecto dos verbos com sufixo *-sc-*, não parassintéticos, presentes na Vulgata. Os aspectos desses verbos foram observados com eles isolados, pois assim também fez Kobayashi (1988: 396). Na comparação entre a assertiva de Kobayashi e as construções da Vulgata, percebeu-se que esse linguista não considerou o texto bíblico, ao abordar o aspecto dos verbos com sufixo *-sc-*, sendo parassintéticos ou não.

Ao pesquisar-se a derivação dos verbos intransitivos não parassintéticos, entendeu-se que prevalece, na Vulgata, os deverbais com uma pequena margem superior aos denominais. Considerando-se a assertiva de Maurer Jr. (1959: 135), quando explica que a sufixação verbal foi menos produtiva que a nominal no latim vulgar, nota-se que tal produção é alterada no latim da Vulgata, considerado pós-clássico.

No estudo entre a derivação e aspecto nos verbos não parassintéticos intransitivos, descobriu-se que prevalece a presença de verbos deverbais de aspecto durativo. Os gramáticos e os linguistas afirmam que o sufixo verbal *-sc-* está voltado para a formação de verbos com o aspecto incoativo. Na Vulgata, porém, esse sufixo não produz verbos apenas com esse aspecto, pois há também verbos com aspectos durativo e conclusivo. Entre os verbos denominais, também foram encontrados dois (02) verbos de aspecto pontual. São eles: *expergīscor, -perrēctus sum*, “despertar”, “acordar do sono”, “sair do estado de torpor ou entorpecimento”; *ingravēscō, -is, -ěre*, “tornar-se pesado”, “ficar grávida”, “irritar-se”,

“azedar-se”, “agravar-se”, “piorar”, “crescer”, “aumentar”. Ainda nos verbos denominais, não foi encontrado nenhum de aspecto conclusivo. Já de aspecto incoativo foram encontrados treze (13) verbos.

Analisando-se a conjugação dos verbos intransitivos não parassintéticos, intransitivos denominais, notou-se que prevalecem os verbos de terceira conjugação e somente um (01) verbo intransitivo denominal não parassintético é de segunda conjugação. Ao comparar os verbos intransitivos, deverbais e denominais, não parassintéticos, com sufixo *-sc-* na Vulgata, com as assertivas dos linguistas a respeito do mesmo assunto, descobriu-se a afirmação de Ravizza (1958: 166), para quem os verbos formados com os sufixos *-asco*, *-esco*, *-isco* são da terceira conjugação; esse também é fato encontrado na Vulgata, ou seja, prevalecem os verbos terceira conjugação, formados com o sufixo *-sc-*.

Para Kobayashi (1988: 396), há uma classe de verbos, com sufixo *-sc-*, que são deverbais. Essa classe subdivide-se em dois grupos. Um deles apresenta a produtividade de verbos, com o sufixo *-sc-*, derivados de outros verbos de segunda conjugação no latim. Esse também é outro fato que converge com a Vulgata, pois ali foram encontrados verbos deverbais, formados com o sufixo *-sc-*, derivados de verbos da segunda conjugação. Já no outro grupo, Kobayashi (1988: 396) expõe a produtividade de verbos, com o mesmo sufixo, derivados de verbos de segunda, terceira e quarta conjugação. Essa assertiva diverge do que e foi encontrado na Vulgata, ou seja, não se encontraram verbos deverbais formados com sufixo *-sc-* derivados de verbos da quarta conjugação. Encontraram-se também, na Vulgata, verbos não parassintéticos, intransitivos, deverbais de terceira conjugação com aspectos durativo, pontual, conclusivo e incoativo. Também, verificou-se, no mesmo *corpus*, a presença de verbos com os mesmos aspectos, não parassintéticos, intransitivos, deverbais de segunda conjugação.

Tratando-se dos verbos prefixados e formados com o sufixo *-sc-* na Vulgata, percebeu-se que o prefixo *in-* atinge a maior porcentagem de verbos com esse sufixo. Já os prefixos *de-*, *dis-*, *e-*, *per-*, *sub-* e *super-* apresentam o menor número de formação de verbos com o sufixo *-sc-*. O prefixo *com-* ou *con-* foi o segundo mais produtivo na Vulgata. Quanto aos prefixos *ob-*, *ex-* ou *e-* e *re-* ou *red-*, notou-se que a presença deles foi pouco significativa.

Na pesquisa dos verbos com sufixo *-iz-*, notou-se que tanto linguistas como gramáticos escrevem a respeito das suas características gramaticais e semânticas. Quanto à transitividade, notou-se que, na Vulgata, prevalece a presença de verbos intransitivos com esse sufixo. Quanto ao aspecto, predominaram os verbos pontuais. Sendo a Vulgata *corpus* para também se estudar o sufixo *-iz-* no latim pós-clássico, descobriu-se que dos aspectos encontrados em



verbos gregos formados com o sufixo *-ίζω*, permaneceu, na Vulgata, apenas o aspecto iterativo. Nenhum verbo com o sufixo *-iz-*, de aspecto causativo, foi encontrado na Vulgata. De acordo com Perfeito (1974: 165), além do sufixo *-ίζω*, o sufixo *-άζω* também formava verbos iterativos, porém não se encontrou no latim da Vulgata verbos formados com o sufixo *-azo*.

Do ponto de vista da conjugação dos verbos com sufixo *-iz-* na Vulgata, destacam-se os de primeira conjugação que não apresentam supino. Pharies (2002: 373) propõe que, na língua grega, o sufixo *-ίζω* forma verbos da primeira conjugação. Sendo assim, nota-se que permaneceu a mesma conjugação nos verbos com o sufixo *-iz-* na Vulgata. O próprio Pharies (2002: 373) também entende que o sufixo grego *-ίζω* aparece no latim como empréstimo da língua helênica e forma verbos de primeira conjugação, convergindo para o que foi encontrado na Vulgata, onde todos os verbos com o sufixo *-iz-* são de primeira conjugação. Notou-se também que todos os verbos com o sufixo *-iz-* na Vulgata não possuem supino.

Quatrocentos e setenta e oito (478) versículos da Vulgata foram encontrados com verbos que utilizam o sufixo *-sc-*. Quarenta e quatro (44) desses versículos apresentam perífrase. Nesses quarenta e quatro (44) versículos, encontraram-se treze (13) verbos com o sufixo *-sc-*, formando perífrase, ou seja, o mesmo verbo aparece em vários versículos. Na Vulgata, todos os verbos principais das perífrases foram utilizados no infinitivo. Já na língua portuguesa, de acordo com as perífrases apresentadas por Travaglia no capítulo sete, intitulado “Expressão dos aspectos pelas perífrases verbais”, notou-se que, na língua portuguesa, as perífrases são construídas com os verbos principais no particípio, no gerúndio e infinitivo. Por exemplo: “muitas bombas terão explodido antes que prendam os guerrilheiros”; “o rapaz estava chegando às oito horas” e “Terezinha costumava pregar os botões para mim, quando eu morava em São Paulo” (TRAVAGLIA, 2006: 163, 173, 187).

Esta pesquisa não teve como objetivo desmerecer o que já foi estudado pelos lingüistas a respeito desses sufixos, mas, sim, pretendeu colaborar com a construção do conhecimento nessa área, apontando para mais um objeto de pesquisa a respeito desse assunto, a Vulgata.

Entre as possibilidades de novas pesquisas, poder-se-ia partir para a análise do aspecto dos verbos com os sufixos *-sc-* e *-iz-*, dentro de cada contexto em que eles aparecem na Vulgata, forma de estudo proposta por Travaglia. Além disso, uma nova pesquisa poderia ter como objetivo analisar o porquê de a Vulgata não ter sido explorada pelos estudos lingüísticos. Desconhecem-se trabalhos que expliquem se o motivo disso é pelo fato de ela ser um texto bíblico, e, portanto, considerado sagrado, impedindo novas pesquisas; talvez possa

existir preconceito quanto à possibilidade de utilizar textos religiosos, fora de seu uso teológico; ou talvez a Vulgata seja um texto de pouca ou nenhuma difusão entre os linguistas.

As perífrases não são construídas com preposições na Vulgata como são as mencionadas, na língua portuguesa, por Travaglia. Esse autor afirma que, na língua portuguesa, o verbo auxiliar pode estar flexionado, construindo as perífrases com preposição ou não. Por exemplo: “venho de assistir a missa e não quero discutir com você”; “os rapazes vêm trabalhando sem muitas condições”; “se aqui costumar chover muito, vou adorar este lugar” e “se eu terminar de copiar estes dados às dezoito horas, como pretendo, irei à festa” (TRAVAGLIA, 2006: 187, 208).

Com esta análise permitiu observar, que gramáticos e linguistas não consideraram o texto da Vulgata, como base de pesquisa, para fundamentar suas afirmações acerca dos sufixos *-sc-* e *-iz-*. Trata-se, portanto, de uma produção textual, que utiliza o latim pós-clássico, representando um vasto campo para observação de fenômenos da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 1990.
- ALVAR, Manuel & POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. *Os grafemas S e Z nos sufixos da ortografia do português: contrastes e confrontos*. Disponível em:  
<[http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ4\\_09.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ4_09.htm)> Acesso em: 14 abr. 2011.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. Trad. Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007.
- ATKINSON, B. F. C. *The greek language*. London: Faber and Faber, 1952.
- Bíblia Vulgata*. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/09/1/1.php>> Acesso em: 28 out. 2010.
- AYER, C. *Grammaire comparée de la langue française*. Paris : Fischbacher, 1900.
- BASSANI, Indaiá de Santana. *Formação e interpretação dos verbos denominais do português do Brasil*. Dissertação apresentada na Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112009-144713/pt-br.php> Acesso em: 05 set. 2013.
- BASSETO, Bruno Fregni. *Filologia românica: trajetória da herança cultural e linguística latina no tempo e no espaço*. Tese apresentada na Universidade de São Paulo: São Paulo, 1996.
- BASSETO, Bruno Fregni. *Raízes greco-latinas do moderno conceito de parassíntese*. Estudos linguísticos: XXII Anais de seminários do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL). Ribeirão Preto, 1993.
- BASTARRICA, Maristela Lutz. *Empréstimos linguísticos do inglês: um estudo do léxico do comércio exterior à luz da teoria da variação em terminologia*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- BATTISTI, Carlo & ALESSIO, Giovanni. *Dizionario Etimologico Italiano*. Firenze: Barbèra, 1952.
- BÍBLIA Latim. Vulgata. *Bíblia Sacra latina ex Biblia Sacra Vulgatae Editionis*. Londres: Samuel Bagster and Sons, 1826.

- BLAYLOCK, Curtis. *The romance development of the latin verbal augment –sk–*. (in) MALKIEL, Yakov. *Romance Philology*. Berkeley: University of Califórnia Press. Vol. XXVIII, 1975.
- BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática de la lengua española: Real Academia Española*. Madrid: Espasa – Calpe, 1931.
- BRACHET & DUSSOUCHET. *Grammaire française*. Paris: Hachette, 1911.
- BRUGMANN, Karl. *Abrégé de grammaire comparée des langues indo-européennes*. Paris : Libuaiuk, 1905 *apud* CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. São Paulo: Ática, 1989.
- CART, A. & GRIMAL, P. & LAMAISSON, J. & NOIVILLE, R. *Gramática latina*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* Madrid: Gredos, 1957.
- CORTELAZZO, Manlio & ZOLLI, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bolgna: Zanichelli, 1979.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DELBRÜCK, B. Ablativ localis instrumentalis, *apud* ROBERTSON, A. T. *A grammar of the greek New Testament in the light of historical research*. Nova lorque: Hodder & Stoughton, 1919.
- DUARTE, Paulo Mosânio T. *Bases diacrônicas para as relações de causatividade e processualidade em português: a gênese da voz média*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno10-08.html>> Acesso em: 19 fev. 2011.
- ETYMOLOGY EXPLORER. Disponível em: <[http://roots.jrobertsons.com/roots/etymologies/N/NE/NES/word\\_NESCIUS\\_2328.html](http://roots.jrobertsons.com/roots/etymologies/N/NE/NES/word_NESCIUS_2328.html)> Acesso em: 29 set. 2011.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- FIGUEIREDO, José Nunes & ALMENDRA, Maria Ana. *Compêndio de gramática latina*. Porto: Porto editora, 1984.
- FREIRE, Antônio S. J. *Gramática grega*. Porto: Livraria A.I., 1985.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Illustré Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.
- GHISELLI, Alfredo & CONCIALINI, Gabriella. *Grammatica moderna della lingua latina*. Roma: Laterza, 1987.
- GREENLEE, J. H. *Versões do Novo Testamento: antigas*. (in) TENNEY, Merrill C. & BARABAS, Steven. *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- GUARDIA, J. M. & WIERZEYSKI, J. *Grammaire de la langue latine*. Paris : Durand et Pedone, 1876.
- HAVERLING, Gerd. *On the sco- suffix, on prefixes and on the development of the Latin verbal system*. (in) HERMAN, József (org.). *Linguistic studies on latin: selected papers from the 6th international colloquium on latin linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- HEILMANN, Luigi. *Grammatica storica della lingua greca*. Torino: Sei, 1963.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara. *Recursos morfológicos de integração aspectual na língua portuguesa*. Acta universitatis palackianae olomucensis facultas philosophica philologica 71. Disponível em: < <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&source=hp&q=HLIBOWICKAW%C4%98GLARZ%2C+Barbara.+Recursos+morfol%C3%B3gicos++de++integra%C3%A7%C3%A3o+aspectual+na++l%C3%ADngua++portuguesa&btnG=Pesquisa+Google&aq=f&aqi=&aql=&oq=>> Acesso em 26 ago. 2011.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- KEHDI, Valter. *A parassíntese: problemas de caracterização*. (in) Estudos linguísticos XVIII anais de seminários do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL). Lorena: 1989.
- KOBAYASHI, Kozue. *On the formation of the Romance Inchoative Conjugation – A new theory*. (in) *Romance Philology*. Berkeley: University of Califórnia Press. Vol. XLI, 1988.
- LANG, Mervyn Francis. *Spanish word formation: productive derivational morphology in the modern lexis*. London: Routledge, 1990.
- LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de língua grega*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, Vol. I, 1991.

- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.
- MAGNE, Augusto. *Dicionário Etimológico da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde - Instituto Nacional do Livro. Vol. IV. 1961.
- MAGNE, Augusto. *Gramática Latina*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1930.
- MANDILARAS, Basil G. *The verb in the greek non-literary papyri*. Athens: Hellenic Ministry of Culture and Sciences, 1973.
- MANOLIU, Maria & IORDAN, Iorgu. *Manual de linguística românica*. Madrid: Gredos, 1972.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *A unidade da românia ocidental*. São Paulo: [s.n.], 1951.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
- MORESCHINI, Cláudio & NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média*. São Paulo: Loyola, vol. II, 2000.
- MONRO, D.B., *Homeric Grammar*. London: Bristol Classical Press, 1998, *apud* ROBERTSON, A. T. *A grammar of the greek New Testament in the light of historical research*. Nova Iorque: Hodder & Stoughton, 1919.
- MURACHCO, Henrique. *Língua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Petrópolis: Vozes, vol. I, 2001.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 2ª edição. Lisboa: Clássica, 1930.
- PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de grego*. Porto: Bloco Gráfico, 1974.
- PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales*. Madrid: Gredos, 2002.
- PIDAL, R. Menéndez. *Manual de gramática histórica española*. Madrid: Espasa Calpe, 1968.
- PIEL, Joseph-Marie. *A flexão verbal do português: estudo de morfologia histórica*. (in) *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Disponível em: <[http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/flexao\\_verbal.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/flexao_verbal.pdf)> Acesso em: 29 ago. 2011.
- PIMENTEL, Hélio. *A formação e a evolução dos sufixos Greco-latinos -sk- / -sc- e -iz- / -iz-: subsídios para o estudo das conjugações vivas na România*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo. 1980.
- RAVIZZA, P. João. *Gramática latina*. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1958.

- RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.
- ROHLFS, Gerhard. *Grammatica Storica della Lingua Italiana e dei suoi Dialetti*. Torino: Einaudi, 1969.
- SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SCOTT, Robert & LIDDELL, Henry George. *A greek-english lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1966.
- SERIANNI, Luca. *Grammatica italiana: italiano comune e lingua letteraria*. Torino: UTET Università, 2006.
- SILVA, Guido Gómez. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Española*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- SIMON, Sherry. *Os tradutores e a difusão das religiões*. (in) DELISLE, Jean & WOODSWORTH, Judith (orgs.). *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Barth. São Paulo: Ática, 2003.
- SKILTON, J. H. *Versões da Bíblia: medievais e modernas*. (in) TENNEY, Merrill C. & BARABAS, Steven. (Orgs.) *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, v. V, 2008.
- SMYTH, Herbert Weir. *Greek grammar*. Oxford: Benediction Classics, 2010.
- SOARES, Esequias. *Septuaginta: guia histórico literário*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- SOUSA, Antonio José de. *Tratado dos suffixos da língua latina e sua synonymia*. Rio de Janeiro: Livraria de Antonio Gonçalves Guimarães, 1868.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Porto, 1942.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1985.
- VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2006.
- VIARO, Mário Eduardo. *Proposta de um método de análise para derivações sufixais*. (in) Domínios de linguagem. Revista eletrônica de linguística. Ano 03. Número 02, 2009. Disponível em: [http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda\\_Viaro\\_ELG02\\_2010.pdf](http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda_Viaro_ELG02_2010.pdf) Acesso em: 14 fev. 2014.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ZAMBALDI, Francesco. *Grammatica della lingua italiana*. Milano: Società editrice Sonzogno, 1905.